



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

JOÃO THIAGO MONEZI PAULINO DA SILVA

**A CONSTITUIÇÃO DO OUTRO NAS CRÔNICAS
FUTEBOLÍSTICAS DE NELSON RODRIGUES:
MODOS DE CONSTRUIR/CONFIGURAR O PROCESSO
IDENTITÁRIO**

Londrina
2013

JOÃO THIAGO MONEZI PAULINO DA SILVA

**A CONSTITUIÇÃO DO OUTRO NAS CRÔNICAS
FUTEBOLÍSTICAS DE NELSON RODRIGUES:
MODOS DE CONSTRUIR/CONFIGURAR O PROCESSO
IDENTITÁRIO**

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem .

Orientadora: Profa. Dra. Mariângela Peccioli
Galli Joanilho

Londrina
2013

**Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da
Universidade Estadual de Londrina**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

S586c Silva, João Thiago Monezi Paulino da.

A constituição do outro nas crônicas futebolísticas de Nelson Rodrigues : modos de construir/configurar o processo identitário / João Thiago Monezi Paulino da Silva. – Londrina, 2013.

141 f.

Orientador: Mariângela Peccioli Galli Joanilho.

Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2013.

Inclui bibliografia.

1. Nelson Rodrigues, 1912-1980 – Teses. 2. Crônicas brasileiras – História e crítica – Teses. 3. Identidade – Teses. 4. Análise do discurso – Teses. 5. Futebol na literatura – Teses. I Joanilho, Mariângela Peccioli Galli. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. III. Título.

CDU 869.0(81)-4.09

JOÃO THIAGO MONEZI PAULINO DA SILVA

**A CONSTITUIÇÃO DO OUTRO NAS CRÔNICAS FUTEBOLÍSTICAS
DE NELSON RODRIGUES:
MODOS DE CONSTRUIR/CONFIGURAR O PROCESSO IDENTITÁRIO**

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem .

Orientadora: Profa. Dra. Mariângela Peccioli Galli Joanilho

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Mariângela Peccioli Galli Joanilho
UEL – Londrina - PR

Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas
UFSCAR – São Carlos - SP

Prof. Dr. Luís Carlos Santos Simon
UEL – Londrina - PR

Londrina, 21 de outubro de 2013.

Dedico este trabalho à Thaís e à Mariana, razões de minha existência.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que sempre esteve presente na minha caminhada acadêmica e que sempre me deu força espiritual e sabedoria para escolher o rumo correto em minha vida

A minha esposa Thaís e a minha filha Mariana que tiveram muita paciência com minha ausência e com minhas inquietações discursivas, sempre me confortando nos momentos difíceis.

A meus pais, Darci e Marília, e aos demais familiares que me apoiaram, ajudando-me na realização de um grande passo em minha vida acadêmica.

Agradeço a minha orientadora Mariângela Peccioli Galli Joanilho pelos conselhos e conhecimentos a mim transmitidos, sobretudo os direcionamentos teóricos. Ao professor Roberto Leiser Baronas pela indicação de obras importantes para o desenvolvimento da minha pesquisa. Ao professor Simon que me ensinou a compreender os meandros da crônica.

Aos colegas acadêmicos que sempre me apoiaram nas minhas dificuldades e inquietações discursivas, particularmente Lia, Talita, Anderson e Camila que, com suas alegrias, fizeram o meu percurso acadêmico ser mais tranquilo e gostoso.

Enfim, a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho, os meus francos agradecimentos.

SILVA, João Thiago Monezi Paulino da. **A constituição do outro nas crônicas de futebol de Nelson Rodrigues**: modos de construir/configurar o processo identitário. 2013. 141 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

RESUMO

No presente trabalho, realizamos uma análise de um dos traços identitários da nacionalidade brasileira nas crônicas de futebol de Nelson Rodrigues, publicadas na revista *Manchete Esportiva*, entre os anos de 1955 e 1959. Para a realização da pesquisa, mobilizamos o arcabouço teórico da Análise do Discurso e aplicamo-lo em segmentos discursivos das crônicas. Desse modo, os efeitos de sentidos propostos pelos discursos nas materialidades linguísticas foram considerados a partir das condições socio-históricas de produção dos discursos em torno do futebol, desde sua introdução no Brasil até a década de 1950, período no qual as crônicas foram constituídas. Mobilizamos, para isso, a teoria da heterogeneidade constitutiva (AUTHIER-REVUZ, 1982) para levantar marcas enunciativas que explicitem as formações discursivas acerca do processo de configuração identitária do brasileiro. Dessa forma, percebeu-se nas crônicas um trajeto temático (GUILHAUMOU; MALDIDIER, 1994) sobre a questão da identidade. Nas análises dos textos, observou-se um efeito de contradição (PÊCHEUX, 1977) no discurso rodrigueano. Por processos parafrásticos e de reconhecimento dos recursos de negação, aspas e ironia, postos na materialidade linguística, os discursos configuradores do processo identitário emergem a partir do avesso do discurso rodrigueano. Isto é, os discursos balizam-se sobre um ato de servilismo colonial, de autonegação do brasileiro em relação a outros povos, caracterizando a identidade do brasileiro sob a aparência merecedora e vitoriosa do que o futebol proporcionou ao país. Por esta razão, as crônicas designam sentidos que mobilizam lugares discursivos quanto à questão da identidade, já que os discursos identitários se constituem pela diferença simbólica existente entre o “ser” brasileiro e o “ser” cidadão de outra nação. Essa diferença, portanto, representa, no discurso rodrigueano, a própria maneira de o brasileiro valorizar o futebol como elemento constitutivo da cultura brasileira, o que não acontece com tal ênfase em outros países. Assim, os discursos na crônica de futebol rodrigueana promovem uma maneira de criticar a própria condição do brasileiro em sua formação socio-histórica.

Palavras-chave: Identidade. Futebol. Crônica. Representação. Discurso.

SILVA, João Thiago Monezi Paulino da. **The constitution of the other in Nelson Rodrigues' soccer chronicles:** modes of building/ setting up the identification process. 2013. 141 p. Dissertation (Master's degree in Language Studies) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

ABSTRACT

In this paper, we have performed an analysis about one of the identification of Brazilian nationality in Nelson Rodrigues' soccer chronicles, published on "MancheteEsportiva" magazine, between 1955 and 1959. For the fulfillment of the research, we have mobilized the Discourse Analysis Theoretical framework and we have applied it on discursive segments from the chronicles. Thus, the sense effects proposed by discourses in linguistic materiality were considered from socio-historical conditions of the discourse production around soccer, from its introduction on Brazil to 1950 decade, a period in which chronicles were constituted. We also have mobilized the theory of constitutive heterogeneity (AUTHIER-REVUZ, 1982) to raise enunciative marks that explain the discursive formations about the process of the Brazilian identification configuration. Thus, we have realized a thematic path in chronicles (GUILHAUMOU; MALDIDIER, 1994) about the identity question. On text analysis we have observed a contradiction effect (PÊCHEUX, 1977) in Rodrigues' discourse. Because of paraphrastic process and recognition of denial resources, inverted commas and irony placed on the linguistic materiality, the discourses that set up the identification process emerges from the reverse of Rodrigues' discourse. That is, the discourse are based on an act of colonial servility, of self-denial of Brazilian people in relation to other peoples, characterizing the Brazilian identity under the deserved and victorious appearance that soccer donated to the country. For this reason, the chronicle designate senses that mobilize discursive places in relation to identity question, once that the identification discourses constituted by the symbolic differences that exists between "being" Brazilian and "being" citizen of other nation. This difference, therefore, represents, in Rodrigues' discourse, the proper Brazilian manner of giving value to soccer as constitutive element of Brazilian culture what hasn't happened to such an emphasis in other countries. Hence, the discourses in Rodrigues' soccer chronicles have promoted a way of criticizing the self-condition of the Brazilians in their socio-historical formation.

Keywords: Identity. Soccer. Chronicle. Representation. Discourse.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	DESENVOLVIMENTO	15
2.1	DO LUDOPÉDIO À PELADA: O PONTAPÉ INICIAL IDENTITÁRIO	15
2.1.1	O Futebol Conta História	15
2.1.2	O Processo de Urbanização e o Euforismo Pós 58.....	32
2.1.3	A Imprensa Esportiva	38
2.2	A TEXTUALIDADE E O DISCURSO NA/DA CRÔNICA	46
2.2.1	Textualidade e Simbólico.....	47
2.2.2	A Crônica a Literatura e a Imprensa: Uma Relação Amistosa?.....	55
2.3	O OUTRO E A HETEROGENEIDADE ENUNCIATIVA.....	66
2.3.1	A Alteridade em Análise do Discurso.....	66
2.3.2	Heterogeneidades na Formulação da Crônica	74
2.4	A IDENTIDADE EM JOGO E O JOGO DE IDENTIDADES	81
2.4.1	O Outro no Espelho do Eu: A Representação da Derrota	84
2.4.2	O Complexo de Vira-Latas e o Efeito de Contradição	111
2.4.3	O Futebol e o Traço de Identidade Nacional Construída.....	119
3	INTRODUÇÃO	125
	REFERÊNCIAS	128
	ANEXOS	136
	ANEXO A – Freud no futebol	137
	ANEXO B – Abaixo a humildade!	138
	ANEXO C – O quadrúpede de 28 patas.....	139
	ANEXO D – Complexo de vira-latas.....	140
	ANEXO E – É chato ser brasileiro.....	141

1 INTRODUÇÃO

Há muito se fala que o Brasil é o país do futebol. Em diferentes situações, a vida do brasileiro é comparada a uma partida de futebol. Expressões do tipo “pisar na bola”, “pendurar as chuteiras”, “bater um bolão”, “tirar o time de campo”, “show de bola”, dentre outras, representam as metáforas do futebol no dia a dia do brasileiro. Isso mostra o quanto a prática futebolística está enraizada na cultura brasileira, revelando um caráter sócio-cultural e ideológico de quem joga futebol.

As manifestações surgidas a partir do jogo de futebol, introduzido no Brasil no final do século XIX, proporcionaram mudanças no modo de ser do brasileiro. A divergência dos interesses sociais aparentes no/pelo futebol foi determinante para uma configuração do caráter identitário nacional. O esporte bretão contribuiu, no início do século XX, para marcar diferentes posicionamentos da cultura nacional, popular ou elitista.

Ortiz (1994, p. 196), do ponto de vista antropológico, assevera que a “identidade é tão difícil de se limitar e de se definir, precisamente em razão de seu caráter multidimensional e dinâmico. É isto que lhe confere sua complexidade, mas também a que lhe dá sua flexibilidade”. De outra forma, para Woodward (2000, p. 10), “a construção da identidade é *tanto* simbólica *quanto* social”.¹ Nessa perspectiva, pode-se considerar que é nas diferenças sociais e simbólicas que estas representam a identidade que se constitui.

Linguisticamente, o processo identitário tem relação com a história e a ideologia. Orlandi (2001) discute a noção de identidade como um movimento na história, construída de forma dialógica. Esse movimento se traduz num deslocamento do sujeito, afetado pelo inconsciente. Pelos processos de paráfrase, metáfora e sinonímia, os enunciados se repetem, constituindo-se em diferentes acontecimentos². Esses processos “são presença da historicidade na língua” (ORLANDI, 2005, p.67) e corroboram nos modos de configuração identitária.

¹ Grifos da autora.

² Para Orlandi (2005, p.11), “Pêcheux não separa categoricamente estrutura e acontecimento, relacionando a linguagem a sua exterioridade, ou seja, o interdiscurso. Ele define este como memória discursiva, o já-dito que torna possível todo o dizer”. (Ver também PÊCHEUX, M. Discurso: estrutura ou acontecimento. Trad. ORLANDI, E. P. Campinas: Pontes editores, 1990)

Tendo o processo de construção da identidade um movimento dinâmico em relação à sociedade, “é preciso adquirir uma consciência de unidade, a identidade, e, ao mesmo tempo, é necessário ter consciência da diferença em relação aos outros, a alteridade” (FIORIN, 2009, p.117). O futebol, nesse ponto, serviu de mote para mobilizar diferenças entre os grupos sociais subalternos e elites, de início, e, posteriormente, os poderes estatais, construindo um papel fundamental na opinião pública.

Assim, do caráter emergencial dos modos de configuração identitária brasileira que se instalou a partir da acentuação nas diferenças sociais (re) produzidas na introdução do futebol no Brasil, as crônicas futebolísticas de Nelson Rodrigues sugerem alguns questionamentos: de que maneira, o povo brasileiro é mostrado nas/pelas crônicas? Como é possível identificar diferentes manifestações culturais pelos posicionamentos do sujeito em relação ao outro? Quais são as formas de compreensão dos objetos simbólicos nas estruturas enunciativas das crônicas? Os efeitos entre interlocutores, bem como os embates de diferentes formações discursivas produzem quais sentidos? Em suma, o conjunto desses questionamentos serve para problematizar o recorte proposto nesse estudo.

Justifica-se, assim, a escolha inicial das crônicas de Nelson Rodrigues: há um trajeto temático³ (GUILHAUMOU; MALDIDIER, 1994) que perpassa todas as crônicas constituintes do arquivo da pesquisa. A emergência dos discursos em circunstâncias determinadas pela questão da identidade promove modos de configurá-la pela presença do outro no fio discursivo.

O trajeto temático dos textos escolhidos para esta pesquisa concentra-se no tema da identidade, particularmente apresentado como o enunciado “complexo de vira-latas”. Embora se apresente de forma opaca diante da configuração textual, a ocorrência do enunciado explicita a relação futebol-identidade, promovendo o “novo no interior da repetição.” (GUILHAUMOU; MALDIDIER, 1994).

Nesse sentido, o objetivo geral nesta pesquisa é analisar as formas de configuração do processo identitário brasileiro a partir de um estudo da

³ Guilhaumou e Maldidier consideram traço temático o conjunto de configurações textuais que, de um acontecimento a outro, associam a uma demanda. Nesta pesquisa, podemos relacionar essa demanda à questão da identidade.

constituição do outro nas crônicas futebolísticas de Nelson Rodrigues, circuladas na década de 1950, pela revista *Manchete Esportiva*⁴.

Nesse sentido, o trabalho pretende evidenciar, pelas relações de contradição (PÊCHEUX, 1977), o direito e o avesso do discurso rodrigueano. Os discursos que permeiam as crônicas de Nelson Rodrigues, promovem espaços de resistência, reproduzindo o discurso estereotipado do outro sobre o Brasil(eiro)

Para isso, o trabalho objetiva, de modo específico, com que maneira a crônica rodrigueana se relaciona discursivamente com a sociedade. Os gestos de leitura das manifestações sociais da década de 50 são processos de intervenção que podem, sistematicamente, contribuir para tal análise discursiva.

Para dar conta desses objetivos, parte-se da discussão sobre o interdiscurso, o *outro* no discurso e formação discursiva⁵ (PÊCHEUX, 1969, 1975 1983; COURTINE, 1982), a teoria da heterogeneidade constitutiva da linguagem (AUTHIER-REVUZ, 1982), assim como a teoria acerca do processo identitário (ORLANDI, 1990; PÊCHEUX, 1975; WOODWARD & HALL, 2000; DAMATTA, 1986; ORTIZ, 1994)

O dispositivo teórico-metodológico fornecido pelos autores supracitados será deslocado para a crônica de futebol como lugar de sobredeterminação discursiva. A partir de um estudo da memória discursiva, interpretar-se-á um princípio de constituição e, ao mesmo tempo, de revelação da identidade. Assim, a compreensão do processo de análise da constituição do outro nas crônicas futebolísticas pretende desvelar um conjunto de habilidades que circundam a constituição do sujeito como parte da produção histórica e do processo identitário.

O trabalho mobiliza, também, metodologicamente, para um levantamento discursivo do processo identitário, a concepção de recorte, na qual se

⁴ A revista, nascida em novembro de 1955, teve como referências em sua produção e realização, duas famílias importantes do setor jornalístico: a família Bloch e a família Rodrigues. A primeira, criadora e proprietária do Grupo Bloch Editores, e já com a experiência da publicação de *Manchete*, detinha o controle da nova revista. Já a família Rodrigues, entrava em *Manchete Esportiva* com a experiência da cobertura dos esportes em outros periódicos. Disponível em: http://www.encontro2012.rj.anpuh.org/resources/anais/15/1338430338_ARQUIVO_AndreAlexandreGuimaraesCoutoAnpuhRJ2012.pdf. Acesso em 05/11/2013

⁵ Conceito formulado inicialmente por Michel Foucault (1969) e reformulado por Pêcheux (1975): “Chamaremos, então, formação discursiva aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que *pode e deve ser dito* (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.)” (PÊCHEUX, 1975, 1988, 2009. p. 147)

coloca como “um fragmento de situação discursiva” (ORLANDI, 1984, p.14). A pesquisa visa identificar, baseada no conjunto teórico da Análise do Discurso, segmentos discursivos que ora, manifestados nas crônicas, levantam a questão da identidade brasileira.

O arquivo dessa pesquisa compõe-se de cinco crônicas de futebol de Nelson Rodrigues, publicadas entre os anos de 1955 a 1959. Posteriormente, elas foram relançadas nos livros “À sombra das chuteiras imortais” (1993) e “A pátria em chuteiras” (1994), ambos com organização e a seleção de Ruy Castro.

A escolha dos textos está intrinsecamente ligada às propriedades discursivas. O levantamento de regularidades e a remissão a discursos contraditórios propõem um relacionamento entre as análises realizadas com as teorias discursivas. Desse modo, o recorte realizado para essa pesquisa já recebeu um tratamento analítico superficial, observando-se, nele, os modos de funcionamento dos discursos.

Para efeito didático, os textos seguem uma ordem cronológica:

- Crônica 1: Freud no futebol (07/04/1956)
- Crônica 2: Abaixo a humildade! (19/05/1956)
- Crônica 3: O quadrúpede de 28 patas (17/05/1958)
- Crônica 4: Complexo de vira-latas (31/05/1958)
- Crônica 5: É chato ser brasileiro! (12/07/1958)

A primeira delas, “Freud no Futebol”, discute a derrota do time brasileiro para a seleção da Hungria na Copa do Mundo de 1954. O motivo aparentemente exposto é o fato de que os jogadores não tiveram preparo emocional para enfrentar tal situação. O sentimento de baixa autoestima se estende não só aos jogadores, mas a todos os brasileiros.

Na crônica “Abaixo a humildade!”, também há evidência da baixa autoestima do jogador brasileiro. No entanto, essa característica se apresenta sob o foco da representação, em termos de subserviência da constituição identitária. O enunciador lança mão de expressões como autonegação e servilismo colonial, marcantes para a construção do sentido do texto.

Na crônica intitulada “O quadrúpede de 28 patas”, o embate identitário se dá pela ocorrência e choque entre enunciados que mobilizam o ethos do torcedor brasileiro, emergindo um discurso do “fraco”, do “humilde”.

Na quarta crônica, “Complexo de vira-latas”, percebe-se uma representação em torno da situação de obediência e servidão do povo brasileiro diante de outras nações, em diferentes aspectos sociais e culturais.

Observa-se uma configuração do espaço discursivo diferente no último texto desta pesquisa. Na crônica “É chato ser brasileiro”, os discursos se manifestam por uma posição de superioridade, visto que a atmosfera sociocultural construída é decorrente do primeiro título de Copa do Mundo, em 1958.

Nesse sentido, uma das preocupações metodológicas é configurar, pelas análises discursivas, modos de constituição da identidade, partindo de um levantamento do *outro* nas crônicas. Esse levantamento procura evidenciar a tensão entre os discursos na construção do processo identitário, o qual não se explicita no texto, no dito, mas pelas memórias discursivas (PÊCHEUX, 2008) do funcionamento do discurso.

As memórias constituídas e organizadas pela relação do outro com o social e o histórico cumprem um papel discursivo. Para Orlandi (2005, p.31) a memória discursiva é tratada como sinônimo de interdiscurso. Para a autora, seria “aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. (...) o saber discursivo que torna possível todo dizer”. Desse modo, para que se estabeleçam sentidos nas palavras escritas nas crônicas, o interdiscurso aparece como pré-construído⁶.

Consideramos também para a pesquisa o hibridismo jornalístico-literário da crônica. Podemos relacioná-lo a um campo discursivo no qual converge um conjunto de formações discursivas, diferentes em seu modo de representação, que possuem diferentes funções sociais. Para Maingueneau (2005), as funções sociais possuem múltiplas redes de trocas.

Por outro lado, Simon (2011, p. 266) assevera que, diante desse hibridismo, podemos considerar um afastamento das crônicas futebolísticas com os traços literários, em decorrência de sua especificidade e de laços às vezes muito frágeis. Isto é, historicamente, na década de 50, a preocupação dos cronistas esportivos era o comentário tático e físico dos jogadores, deixando de lado, certas vezes, o lirismo literário. Sobretudo, pela confluência dos processos de construção

⁶ Sobre a evidência do pré-construído, Possenti (2009, p. 156) considera que “nem todos os pré-construídos estão à disposição, ou, alternativamente, nem todos são impostos a cada sujeito, mas apenas aqueles que ele pode/deve dizer”. Afirma-se, então, uma posição com que nem todo pré-construído se sustenta em todas as formações discursivas, mas sim, apenas nas que estão em uma posição de aliança interdiscursiva.

identitária nos discursos jornalístico e literário, é possível perceber a representação do *outro* no fio discursivo. Essa representação, no estudo em questão, é considerada sob o signo da heterogeneidade. Authier-Revuz (1990), ao analisar marcas enunciativas deixadas pelo outro no dizer discursivo do eu, discute o processo de heterogeneidade constitutiva da linguagem. Este processo atribui ao sujeito a descentralização do discurso, dividindo com o *outro* a responsabilidade pelo dito no enunciado.

Pela noção de heterogeneidade constitutiva e mostrada (AUTHIER-REVUZ, 1982), sendo esta última a representação no plano do discurso da primeira, considera-se as escolhas inconscientes para o desdobramento do sujeito. É uma tentativa de mostrar a linguagem retornando sobre si mesma, circunscrevendo o lugar do outro no um, determinando os modos de dizer e os efeitos de sentido que sobrepõem os enunciados.

Para a realização da pesquisa, o trabalho foi dividido em quatro partes:

O capítulo I faz uma abordagem histórica do futebol, desde a sua introdução no Brasil, por Charles Miller, ao final da década de 1950, com a conquista da, pelo Brasil, da Copa do Mundo de 1958. Refletimos sobre a relação existente entre a consolidação do esporte no Brasil com as questões sociais, antropológicas e identitárias que o jogo de futebol proporcionou aos brasileiros. Nesse sentido, são levantados alguns pressupostos da formação da imprensa esportiva como elemento configurador do traço identitário do Brasil(eiro).

No capítulo II, a pesquisa volta-se para os elementos textuais e discursivos da crônica. Neste capítulo, mobilizam-se noções teóricas sobre texto, textualidade, formação e estrutura da crônica, as quais envolvem a crônica em sua composição, estrutura, funções textual e discursiva. Para isso, foram mobilizados alguns autores tais como Orlandi (1988, 2001, 2005, 2010, 2011), Sá (1997) e Mariani (1998), esta concernente ao discurso jornalístico da/na crônica.

O capítulo III fundamenta a categoria outro em AD, bem como o processo de heterogeneidade enunciativa no *corpus* da pesquisa. Os procedimentos teóricos levantados direcionam a forma pela qual a pesquisa aborda as questões analíticas.

No capítulo IV, a pesquisa se dedica à análise do *corpus*, procurando identificar as posições do outro no processo de construção identitária.

Para isso, as categorias e definições de texto, discurso, crônica e identidade, abordadas em capítulos anteriores, são mobilizadas no sentido de explicitar a tensão constituída por entre os sujeitos do processo discursivo⁷.

Por último, o espaço reserva-se às considerações finais, propondo finalizar os trabalhos de análise das crônicas, assim como os referenciais teóricos que serviram de base para elaboração da pesquisa.

⁷ Em alguns momentos do percurso analítico, a designação da função-autor em Nelson Rodrigues serve de anteparo para a análise do corpus, sendo produtiva em algumas ocasiões.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 DO LUDOPÉDIO À PELADA: O PONTAPÉ INICIAL IDENTITÁRIO

O presente capítulo pretende expor de que maneira o futebol se tornou um representante da cultura brasileira, propondo um conceito de identidade de um país. O recorte histórico para tal análise se dá, principalmente, na década de 50. Para isso, divide-se em três partes.

Num primeiro momento, será apresentada a história do futebol como elemento constituinte da cultura e da identidade nacional. Nesse aspecto, abordam-se algumas questões relativas às transformações do período com a inserção do negro, visto que, na década de 50, o futebol se emancipa como esporte nacional e a questão da identidade nacional, configurada pelo esporte, é acentuada.

A segunda parte deste capítulo levanta alguns posicionamentos que sucederam a Copa de 1958. Aconteceram algumas transformações que marcaram o futebol no Brasil. Diferentes instituições se consolidaram após a vitória do Brasil na Copa e propuseram alavancar o país em direção a novos rumos, tanto na infraestrutura, em relação ao processo de urbanização, como na representação ao estrangeiro, fazendo do futebol uma ferramenta de expansão comercial e social brasileira.

A última parte deste capítulo destaca algumas contribuições da imprensa em relação ao futebol. São apresentados alguns fatos e personagens que influenciaram na forma como os brasileiros compreenderam o jogo de futebol. Discute-se, também, a utilização do futebol como objeto publicitário, o futebol como manipulação de massas e promoção de personalidades. Nesse sentido, o papel da imprensa esportiva nos anos 50 é um fator decisivo para a construção da identidade nacional.

2.1.1 O Futebol Conta História

Diferentes momentos da história brasileira se articulam com a história do futebol no Brasil. O esporte enraizou-se tão profundamente na cultura nacional que, passados pouco mais de cem anos de sua história no país, revelou-se como uma das marcas de identidade do povo brasileiro. Embora, nos dias de hoje,

não se sustente a informação de que a seleção brasileira de futebol é a grande representante do caráter do povo brasileiro, na década de 50 ela foi comparada à própria nação. Nelson Rodrigues, (1994, p. 179) afirmou, na década de 50, que “O escrete é a pátria em calções e chuteiras. Ele representa os nossos defeitos e as nossas virtudes. Em suma: o escrete chuta por 100 milhões de brasileiros”.

Ao mesmo tempo em que o futebol se destaca já no início do século XX como uma tentativa de representação identitária nacional, e é direcionado a isso devido a condições sócio-econômicas, constitui-se como um dos principais fatores que levam o país a uma democratização social. Nesse sentido, DaMatta (1982, p. 60), considera o futebol no Brasil, “além de ser um esporte, é também uma máquina de socialização de pessoas, um sistema altamente complexo de comunicação de valores essenciais e um domínio onde se tem a garantia da continuidade e da permanência cultural e ideológica”. É um espaço em que as tensões se dão no mais alto grau.

Por outro lado, se tomarmos a noção de que “a identidade é ilusória e só existe como construção imaginária” (CORACINI, 2003, p. 113), podemos caracterizá-la como uma forma de movimento na história. Movimento de transição entre culturas brasileiras, as quais permeiam o imaginário do futebol como elementos de representação do povo brasileiro, garantindo um efeito de unidade cultural. No futebol brasileiro, podemos relacionar o conceito de identidade como

[...] um reflexo do jeito de ser brasileiro, que une eficiência e malandragem, objetividade e transgressão, Apolo e Dionísio. As ideias da “ginga” e do “jogo de cintura” aí estão presentes. Néelson Rodrigues dizia que a seleção nacional era a “pátria em chuteiras”. (FIORIN, 2009. P. 121)

Essas características, que constituem uma forma identitária do futebol, ao longo do tempo naturalizaram-se na cultura brasileira, fazendo disso uma maneira de ser brasileiro pelo olhar desse outro.

Entretanto, essa relação é instável, visto que, com o decorrer do tempo, a sociedade transforma-se em decorrência da troca de culturas e da concepção que tem do outro. No caso do futebol, ao longo de sua história, o time brasileiro demonstrou, em certas ocasiões, baixa autoestima, mesmo em momentos nos quais a situação político-econômica ia bem. Isso produziu efeitos de sentido negativos, tanto no futebol quanto no povo brasileiro.

Mas, para que o futebol brasileiro representasse uma forma de identidade nacional, cujo auge ocorre com a vitória na Copa do Mundo de 1958, ocorreram, nos anos anteriores, mudanças sociais e políticas que deixaram o futebol desestabilizado.

Quando Charles Miller⁸ trouxe o futebol ao Brasil, talvez não pensasse que o esporte se transformaria, algum tempo depois, no esporte-símbolo do país. Esporte que representaria o povo brasileiro, constituindo numa das maiores manifestações populares e identitárias do país. Mas, para a compreensão desse processo, é relevante expor um breve histórico sobre o esporte, incluindo algumas condições do jogo na Inglaterra, país de origem⁹, à introdução do futebol no Brasil, mais precisamente até os anos de 1950.

Na Inglaterra, o futebol era jogado na rua:

O futebol inglês nasceu em meio ao crescimento da massa operária. [...] A repressão ao futebol jogado na rua, comum no início do século XIX na Inglaterra, é a prova de que o esporte era visto como coisa da ralé, ainda mais porque invariavelmente acabava em pancadaria e depredação. (GUTERMAN, 2009, p. 16)

Nota-se que, na Inglaterra, o futebol, no fim do século XIX, era jogado por pessoas das camadas mais baixas da sociedade, em campos de várzea, pois, economicamente, exigia-se pouco investimento para o jogo. Também era uma forma lúdica de passatempo das classes menos favorecidas. Em geral, as modalidades esportivas, tanto na Inglaterra como no Brasil, conforme Sevckenko (1994), tiveram suas origens a partir de transformações e adaptações de formas lúdicas arcaicas, populares ou aristocráticas.

No futebol não foi diferente. Para Sevckenko (1994), o futebol se difundiu, de um lado, pelos trabalhadores ingleses que vieram para a construção das estradas de ferro, originando os times de várzea. De outro, foi pelos clubes ingleses e os grupos de elite no Brasil. Quanto ao futebol, portanto, o problema da identidade brasileira, como se vê, concentra-se, em grande parte, nas relações conflituosas

⁸ Nasceu em São Paulo, em 24 de novembro de 1874, filho do engenheiro escocês John Miller e da brasileira Carlota Alexandrina Fox Miller. [...] Foi mandado pelos pais à Inglaterra para estudar quando tinha 9 anos. [...] foi lá que ele descobriu o futebol e pôde desenvolver suas habilidades. O garoto ficou na Banister até 1894. (GUTERMAN, 2009, p. 16)

⁹ Na Inglaterra, em meados do século XIX, o futebol foi constituído de regras de jogo. Por isso considerado o país que inventou o futebol. No entanto, o esporte já era jogado desde a antiguidade. Existem indícios de jogos similares ao futebol na China antiga (3.000 anos a. C.) como forma de treino militar. Fonte: <http://www.suapesquisa.com/futebol/>. Acesso em 22 de julho de 2012.

entre grupos sociais subalternos e os grupos de elite, tendo estes um papel fundamental na formação da opinião pública em nosso país. Em consequência disso, há uma promoção de uma disputa ideológica em relação aos valores étnico-culturais.

Esse problema das diferenças de classes na constituição do futebol no Brasil mobiliza diferentes arquivos: das manifestações pela valorização das camadas mais baixas da população, pelo uso do futebol como fator de democracia racial, sobretudo a partir dos anos 30, à resistência e influência das classes elitistas perante os órgãos governamentais, até os tratados e organizações dos primeiros campeonatos e associações que proporcionavam debates em torno do futebol.

Há uma demonstração, portanto, de como o futebol, em sua história, participou de diferentes situações de identificação na sociedade. Trazendo para uma linguagem do senso comum, sobre o processo de identificação, e propondo uma relação com grupos étnicos, Silva (2000, p.106) elenca conceitos do que seria identificação. Segundo ele, “a identificação é construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou de características que são partilhadas com outros grupos ou pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal [...]”.

Se relacionarmos com o futebol nos primórdios, isto é, na Inglaterra do século XIX, havia, na sociedade, divergências de grupos étnicos os quais não compartilhavam do objetivo de preservar a identidade cultural do país. Também existia a possibilidade de segregação dos grupos que participavam do futebol.

No Brasil, quando o futebol foi introduzido, também houve divergências de opiniões. De um lado, existiam aqueles que não concordavam com o esporte, no sentido de fortalecimento da nação. É o caso do escritor Lima Barreto, o qual relata que o futebol

provocou uma reação negativa, como um evento capaz de despertar paixões e incontida violência, além de igualar homens e mulheres que, no campo de futebol e como torcida, comportavam-se deixando de lado os velhos pudores e a necessária compostura. (DAMATTA, 1994, p. 12)

Nota-se que Lima Barreto destaca as transgressões de pudores e de compostura que o futebol proporcionava à população, não por que o escritor banalizava o jogo e suas consequências para com a população, mas sim, como uma demonstração de combate ao estrangeirismo embutido no esporte, uma vez que o

futebol foi trazido da Inglaterra, não era um produto legitimamente brasileiro. Vale ressaltar, nesse aspecto, a defesa de Lima Barreto pelo brasileirismo.

Por outro lado, o escritor, assim como outros escritores, colocava em evidência as possibilidades de silenciamentos de discursos que se propuseram a iniciar uma transformação e configuração identitária nacional. Isso porque pela contradição (PÊCHEUX, 1977) desses discursos acerca do futebol, definiriam, em princípio, nas primeiras décadas do século XX, o futebol já como uma das principais evidências da cultura e das condições sócio-ideológicas do povo¹⁰ brasileiro.

Dentre os escritores, Nelson Rodrigues foi um dos que mais contribuiu para a configuração da identidade brasileira por meio dos elementos constitutivos do futebol. Ele acreditava que o futebol tornaria o país mais homogêneo, sem diferenças sociais. Os discursos em suas crônicas procuravam estabelecer confrontos de patriotismo e, ao mesmo tempo, um olhar do outro sobre o Brasil(eiro).

Para Rodrigues, a noção de patriotismo passava, de uma forma ou outra, pelo futebol. Para ele, é com a seleção brasileira de futebol que o Brasil, a partir dos anos 30, reforça a nacionalidade e a configuração da identidade brasileira.

Outros literatos, tais como Graciliano Ramos, Raquel de Queiroz e José Lins do Rego contribuíram para a formação cultural e identitária do futebol. Capraro (2007, p. 206), acerca disso, explica que “notória foram suas contribuições de um ideal que até a atualidade vincula o selecionado de futebol brasileiro a categorias como nacionalidade, identidade, progresso e retrocesso, raça e, principalmente, pátria”.

Diante disso, no processo de reconhecimento do futebol como elemento pertencente à cultura popular e a formação da identidade nacional (ORTIZ, 1985), há o cumprimento do papel de agente de “institucionalização brasileira” (FREYRE, 1947, p. 25), sublimando, assim como o samba e o carnaval, os elementos irracionais da formação social¹¹.

¹⁰ Para Sodré (2008, s/p), “povo é o conjunto das classes, camadas e grupos sociais empenhados na solução objetiva das tarefas do desenvolvimento progressista e revolucionário na área em que vive. [...] Povo, hoje, no Brasil, não é o que era há um século; não é a mesma coisa que nos Estados Unidos; nem o que é na China. A composição dos grupos, camadas e classes que constituem o *povo* muda ao longo do tempo, e varia de país em país, de nação em nação. Dentro de um mesmo país, a referida composição muda conforme a sociedade evolui”.

¹¹ Gilberto Freyre, no prefácio da obra de Mário Rodrigues Filho, “O negro no futebol Brasileiro” (1ª edição de 1947), considera “um pouco de samba, um pouco de molecagem baiana e até um pouco de capoeiragem pernambucana ou malandragem carioca” os elementos irracionais da cultura

Decorrente dessa institucionalização brasileira, o futebol serviu de mote para gerar conflito de identidades, haja vista que os praticantes e torcedores do esporte bretão provinham de diferentes raças, credos e condições sócio-econômicas. Podemos ilustrar a situação com a formação do clube Paulistano somente por brasileiros, em contraponto a outros times da capital paulista, compostos básica e hibridamente por ingleses, alemães, italianos e brasileiros.

A partir disso, para Guterman (2009, p. 30), “materializava-se assim a tendência brasileira de traçar contrapontos nacionais em relação aos estrangeiros pela via do futebol, o que se revelaria, não muito tempo mais tarde, como uma maneira de afirmar a identidade do próprio país”. Charles Miller foi exemplo disso. Aliou a técnica inglesa com a ginga brasileira, sendo considerado o precursor do futebol-arte¹².

Tem-se, desse modo, no início do século XX, pela maneira diferenciada de jogar bola, em contraposição com o futebol europeu, um princípio de construção da identidade nacional, pois se “procurava vender, a brasileiros e estrangeiros, a identidade nacional manifestada nas produções populares”. (ORTIZ, 1985, p. 140).

Cabe ressaltar o diferente como constituinte da identidade. Woodward (2000, p. 14) assevera que “a identidade é, na verdade, relacional, e a diferença é estabelecida por uma marcação simbólica relativamente a outras identidades”. Essa marcação determina a relação do outro no processo discursivo. Simbolicamente, a identidade se constrói pela diferença do outro em relação ao mesmo. Esse processo ressignifica os valores sociais, sendo reposicionado por diferentes formações discursivas em evidência na sociedade.

Discursivamente, o modo como se davam as manifestações populares no início do século XX evidenciava uma luta de classes, resultando em discursos de oposição sobre a afirmação do ser brasileiro. Nessa “guerra ideológica”¹³ (PÊCHEUX, 1979), podemos notar formações discursivas que direcionavam um sujeito dominado pela constituição da miscigenação brasileira. Em

brasileira. Para o antropólogo, são esses elementos que irão afastar o futebol brasileiro do “ordenado futebol britânico”. (FREYRE, 2010, p. 25)

¹² Essa expressão foi criada com o objetivo de diferenciar o futebol-força (europeu) do “futebol-arte” (brasileiro). Esse conceito de futebol-arte será mais intenso dos anos 30 aos 70, século XX. Representantes desse estilo foram Friedenrich, Pelé, Leônidas, Garrincha, entre outros.

¹³ Conceito formulado por Pêcheux (1979, 2012, p. 73) com objetivo de “caracterizar as diversas operações midiáticas de massa desenvolvidas (em média de maneira eficaz) pela grande burguesia multinacional contra tudo o que resiste a sua política”.

contrapartida, temos um sujeito que (re)produzia discursos elitistas, de superioridade das etnias europeias em detrimento da brasileira.

Os discursos que promoviam o crescimento do Estado, pelo apoio e consolidação das classes elitistas (uma parte composta por imigrantes e trabalhadores ingleses), silenciavam discursos da minoria populacional. O processo identitário e de composição do caráter do brasileiro foram, assim, se constituindo a partir desse cenário.

Os trabalhadores ingleses vindos para a construção de ferrovias e projetos de urbanização, de famílias abastadas, não aceitavam que pobres e, sobretudo, negros jogassem futebol. Para Negreiros (2003, p. 124) “ao mesmo tempo em que o Estado Oligárquico evitava qualquer tipo de manifestação dos setores populares, daí a ‘questão social ser caso de polícia’, também o futebol era uma prática elitizada”. Na época em que essas elites tinham o controle sobre o esporte, permitiram a redenção da nação pelo futebol, visto que se conclamava uma elite forte e capaz.

Observa-se que a elite brasileira, particularmente a paulista e a carioca, procurava constituir, pela exclusão de outras classes sociais nos jogos de futebol, um conceito de nação¹⁴ frente a outros países, almejando ser uma república brasileira austera e progressista. Os negros e pessoas das camadas mais baixas da população eram proibidos de jogar futebol porque os oligárquicos pretendiam demonstrar a outras nações o fortalecimento do Brasil com o novo regime governamental, a república. Assim, mesmo havendo a emancipação dos escravos em 1888, a elite brasileira não deixava negros interferirem nos negócios do Estado, para não ferir o *ethos* brasileiro diante de outras nações.

Nesse sentido, observa-se que a dominação do futebol pelas elites das sociedades paulista e carioca dava-se, ao mesmo tempo, por critérios sociais, raciais e econômicos. Guterman (2009) considera esses fatores como as grandes dificuldades de difusão do futebol entre as classes mais baixas da população, impossibilitando a vocação popular pelo esporte no início do século XX.

Dessa maneira, o futebol ficaria num momento de transição entre o amadorismo e o profissionalismo, entre o caráter elitista e o popular, entre brancos e

¹⁴ Conforme Helal (1994, p.61), “uma nação é também uma construção cultural, [...] uma ‘comunidade imaginada’, amarrada a símbolos, rituais e práticas que unem a população em celebrações periódicas com um forte sentido de coletividade”.

a possível inserção do negro, o que mudaria, de forma incisiva, o cenário futebolístico e identitário do país. Os discursos legitimados na sociedade brasileira do início do século XX procuravam promover uma espécie de abafamento das classes subalternas. Os discursos sobre a questão da inserção do negro na sociedade não somavam força, haja vista a manutenção do discurso do Estado, pela aceitação e colocação do Brasil no cenário mundial, particularmente entre os países europeus.

Em particular nas décadas de 20 e 30, com a inclusão do negro no esporte, desenvolve-se um conjunto de questionamentos sobre o processo de construção da identidade nacional, refletindo na economia e no perfil das cidades, proporcionando mudanças no comportamento social e na cultura popular.

Uma das razões para isso é a importação das bolas¹⁵ por empresas brasileiras, tornando o acesso ao futebol mais fácil economicamente. Outra possibilidade de inserção do negro no futebol, um pouco mais complexa, está relacionada ao fator resistência. Diversos movimentos de emancipação e aceitação do negro na sociedade reproduziram discursos de valorização da raça. Podemos citar a Revolta da Chibata, no Rio de Janeiro, em 1910, na qual os negros criaram uma resistência contra a exploração da raça por parte da Marinha brasileira. Em 1931, houve o movimento Frente Negra Brasileira, em São Paulo. Este movimento de mobilização popular pretendia fazer com que os negros tivessem voz na sociedade, entretanto, foi derrubado com o golpe do Estado Novo, de Getúlio Vargas. O censo de 1940 apontou a população negra com um percentual de 14%, mulatos 21% e brancos 65%. Isso evidencia a política de branqueamento do Estado¹⁶.

Entretanto, a partir da década de 1940, o futebol e a sociedade encaminharam para um sistema democrático. DaMatta (1986, p. 93) ressalta que “quando uma atividade cujas regras todos conhecem realiza esse milagre, pode-se viver concretamente a experiência da democracia no seu sentido mais profundo”. Isto é, democraticamente, o futebol explora conceitos de regras do convívio social.

¹⁵ Guterman (2009) comenta, no livro “O futebol explica o Brasil”, que “Em 1900, a Casa Fuchs, que vendia arreios ingleses para cavalos, apetrechos para pesca e artigos esportivos, passou a importar bolas de futebol, o que facilitou as coisas”.

¹⁶ Os dados do Censo foram retirados do site <http://biblioteca.ibge.gov.br/>. Documento: Censo Demográfico: População e Habitação. 1º de Setembro de 1940. Acesso em 25/04/2013.

Faz a população conhecer os jogadores, representantes simbólicos da nação. Transforma a derrota de ontem na vitória de hoje.

O futebol, portanto, trouxe à superfície o dilema entre motivações vivas e atuais, que desejam vencer, e as forças da "raça" — impessoais e incontroláveis—, que acabam conduzindo à derrota. A derrota no futebol acabou reativando um velho modelo cultural pessimista, expresso no drama de uma sociedade que se acredita "racialmente impura". (DAMATTA, 1982, p. 58)

Outra possibilidade é a relação do futebol com o governo, como forma de promoção da cultura e da nação brasileira a outros países. Confirma-se, nesse caso, a inserção do futebol nas classes sociais mais baixas antes da intervenção do Estado no esporte. Negreiros (2003, p. 123) relata que o “futebol oficial elitista foi sendo ocupado pelas classes populares, o que fez com que a sua organização passasse por transformações significativas”.

A presença popular no futebol, composta basicamente por negros e mestiços, é representada pela constituição do tipo ideal de malandro¹⁷, o qual oscila entre a lei e a transgressão. Essa oscilação se deu em diferentes atuações sociais, inclusive para o futebol. Essa malandragem no futebol, segundo Soares (1994, p.8), “teve seu motor temático nos anos de 1930 e 1950, logo o futebol, samba e malandragem constituem a matriz cultural das classes populares no Brasil”.

De fato, a questão da malandragem é uma tentativa de quebrar alguns paradigmas estabelecidos pela elite e pelo Estado, numa forma de estabelecer parâmetros de convivência social. Para DaMatta (1997, p. 172), “o malandro brasileiro introduz no mundo fechado da nossa moralidade a possibilidade de relativização”. Quer dizer, o futebol com as características da malandragem (um estereótipo constituinte da identidade) relativizava elementos formadores na população das classes baixas, sobretudo os negros: a tentativa de fazer do futebol um esporte de ascensão social, visto que, até meados dos anos 50, os negros viram a possibilidade, talvez a única, de serem aceitos na sociedade.

Podemos citar, também, a ginga (dos negros) e a força física (dos operários) na caracterização e constituição do futebol-arte. Essas também foram

¹⁷ Roberto DaMatta (1994, p. 16) explica que a expressão vai além do que a simples transgressão. O conceito “se aplica tanto no campo político populista (aquele que sabe viver cinicamente as contradições engendradas pelo seu comportamento), quanto ao bom jogador de futebol e o próprio estilo de praticar tal esporte no Brasil”. Ver “Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro” – Revista USP, nº 22, 1994.

características diferenciais para que o futebol tornasse, já nas primeiras décadas do século XX, um elemento constituinte da identidade brasileira. Se considerarmos que a identidade, para Orlandi (2002, p.204), “é um movimento na história”, é preciso relacionar, nesse contexto, a forma de jogar futebol, pelos brasileiros, com a própria constituição social e histórica da nação. Formulada pela diferença de crenças e raças desde a colonização, essa constituição fomenta condições de produção para que o futebol, no Brasil, diferencie-se do futebol de outros países.

Ressalva-se também a relativização dos discursos (re)produzidos pelas diferenças de crenças e raças como embate entre diferentes posicionamentos da população na sociedade. No interdiscurso que remete ao processo de colonização brasileira, o pré-construído é de que a raça negra é inferior à raça branca. Isso acarreta em posicionamentos conflitantes entre os discursos promotores da imagem do negro e os discursos que procuram fixar permanentemente a imagem do branco como raça superior.

No processo da construção da identidade brasileira pelo futebol, esses embates discursivos são postos nas crônicas por meio de enunciados reveladores de duas posições contraditórias: ao mesmo tempo, o direito e o avesso desses discursos se fazem presentes.

A questão da ginga no esporte é discutida a partir da inserção do negro no futebol¹⁸. Ela advém de uma sociedade “formada de elementos primitivos em sua cultura” (FREYRE, 1947, p. 25). Isto é, os elementos primitivos são as raízes culturais das raças que se misturavam, tanto na colonização como depois da independência. Desses elementos, destacam-se a capoeiragem e o samba, principais para a caracterização do futebol-arte, assim como para a configuração do esporte como fator identitário da nação brasileira. Freyre (1947, p. 25) ainda destaca que “com esses resíduos é que o futebol brasileiro afastou do bem ordenado futebol britânico para tornar-se a dança cheia de surpresas irracionais e de variações dionisíacas que é”.

¹⁸ Será discutido mais adiante.

A aproximação entre futebol e malandragem é explicada com facilidade, na medida que as classes populares se apropriaram do futebol; o samba de origem negro – proletária, teve na malandragem o seu motor temático nos anos de 1930 e 1950, logo o futebol, samba e malandragem constituem a matriz cultural das classes populares no Brasil (Soares, 1994, p. 8).

Dessa relação dos elementos da cultura brasileira, como o samba e a capoeira, com a formação do futebol-arte, pode-se levar em consideração a afirmação de Guterman (2009, p. 31), na qual o “próprio Charles Miller [...] seria reconhecido como um jogador de características ‘brasileiras’”. É dele a criação do drible “chaleira”¹⁹. O processo identitário, então, começou a ser configurado no futebol pelas diferenças entre a qualidade dos jogadores brasileiros e dos estrangeiros, sobretudo os europeus. Nas diferenças de valores brasileiros e estrangeiros, há o cruzamento do novo e o velho, constituindo novos sentidos quanto aos traços de identidade nacional,

No entanto, com o passar do tempo, nas relações entre as camadas sociais, os sentidos podem ser compreendidos porque se atualizam, estabilizando ou desestabilizando o processo de configuração da identidade. “A busca da autenticidade, de uma consciência crítica e independente atestam, [...], a necessidade de se elaborar uma identidade que se contraponha ao pólo dominador.” (ORTIZ, 1985, p. 66). Em outros termos, o Brasil apresenta um futebol-arte em oposição ao futebol truncado estrangeiro. Na década de 1950, essa oposição dava visibilidade ao time brasileiro e, por conseguinte, ao país de uma forma geral.

Pelo lado representativo governamental e político, podemos compreender a visibilidade do futebol brasileiro como uma questão estratégica propagandista. Pelas palavras de Pêcheux (1979), quando se refere à questão da propaganda em países capitalistas, os discursos provenientes buscam evidenciar um agir a distância sobre as massas, pelo Estado.

Os discursos propagandistas governamentais passaram a ter uma função de manipular a população, utilizando-se do futebol brasileiro como uma espécie de fachada para as intenções políticas. Nesse processo, percebe-se uma incidência de pressupostos e produz “novos tipos performativos interpelando o sujeito a partir de seu próprio narcisismo”. (PÊCHEUX, 1979, p. 88)

¹⁹ Criado pelo próprio Charles Miller, o drible consistem em tocar a bola por trás do corpo com o calcanhar.

O interpelamento do sujeito se deu ainda início do esporte no Brasil, pelas manifestações discursivas sobre a figura de Arthur Friedenreich²⁰ (doravante Fried). Rodrigues Filho (2010) explica que a popularidade de Fried se deu mais pelo fato de ele ser mulato que por ter marcado o gol da vitória da seleção brasileira²¹. O povo, então, descobriu que o futebol poderia pertencer a todas as raças e cores, sem distinção de classes. Essa democratização se deu lentamente, mas de forma sólida. Começou, primeiramente, a expressar a própria sociedade brasileira no seu contexto cultural, construído historicamente.

Desse modo, de forma tímida, os negros e mulatos começaram a ingressar no futebol brasileiro, proporcionando uma miscigenação de raças nesse esporte. As diferenças sociais e raciais no momento do jogo eram deixadas de lado. Isso se mostra como mais um traço da formação de identidade brasileira, uma vez que ela se constitui, como afirma Woodward (2000), pela diferença.

Com os operários formando times de futebol, o amadorismo do esporte cresceu de forma um pouco desordenada, pelo fato de vários jogadores não terem empregos, o que ocasionou o chamado falso amadorismo, pois alguns clubes, nos quais jogavam os atletas desempregados, inventavam empregos fictícios para que eles continuassem jogando. A maioria desse contingente era negra. O Vasco foi um dos times representantes da massa disforme que se constituía no Brasil: era formado por negros e operários, destoando dos clubes elitistas, como o Fluminense e o Botafogo.

A tendência de popularização do esporte inglês no Brasil, com o acesso das classes baixas ao universo futebolístico antes reservado às elites, nas duas primeiras décadas do século XX, para Guterman (2009, p. 55), “emula a transformação crítica do Brasil na mesma época, levando a intelectualidade brasileira a discutir [...] a própria identidade nacional”.

Dessas assertivas se pode refletir sobre o processo identitário brasileiro pela proposta que o futebol apresenta, quando introduzido no Brasil: configurar os movimentos historicamente determinados que levaram o futebol a este patamar, o de representação identitária brasileira.

²⁰ Filho de pai judeu, chamado Oscar Friedenreich, vindo da Alemanha, e de mãe lavadeira negra, ex-escrava, chamada Matilde. Sobre ela, existiam poucos registros historiográficos. Sobretudo, para Guterman (2009), as características físicas da mãe que forneceram, a Friedenreich, a miscigenação do futebol brasileiro, visto que se apresentava um mulato, de olhos verdes, com sobrenome alemão. Essa descrição servia como entrada para o mundo dos brancos.

²¹ Partida disputada entre Brasil e Uruguai, pelo campeonato Sul-Americano, em 1919.

Ortiz (1985) ressalta que a partir da industrialização e da urbanização brasileira, assim como da revolução de 30, o passo da história caminha cada vez mais para a constituição de um elemento novo: o advento do povo no Brasil. Politicamente, se dá a partir da constituição do Estado Novo (1930), com a posse de Getúlio Vargas no Governo. Essas classes operavam contra a elite na busca progressiva pela profissionalização do futebol. “Os clubes de subúrbio, portanto não elitizados, começavam a roubar o espetáculo. (...) O Vasco da Gama, por exemplo, já levava pequenas multidões aos seus jogos”, afirma Caldas (1994, p. 44).

Outros fatores influenciaram disputas políticas entre o povo e as classes abastadas, decorrentes da crescente popularização do futebol. Entre eles está o boicote feito por alguns times de elite do Rio de Janeiro e São Paulo, além da desmoralização, por parte da elite, da profissionalização do futebol, usando como justificativa a alegação de que o esporte conseguiria sobreviver somente com a venda de ingressos ao público elitista. Nota-se que a massificação do futebol impulsionou o esporte gradativamente ao profissionalismo, apesar de os grandes times cariocas e paulistas lutarem contra essa manifestação.

Assim, a partir da década de 30, as camadas mais baixas da população criaram forças diante dos problemas impostos pela elite e pelo Estado. A exemplo dos blocos de rua do Carnaval, também como forma de manifestação contra imposições governamentais, o futebol, por ser um dos representantes da cultura popular brasileira, passou por momentos de agitações políticas:

A massa, então, não estaria reagindo contra alvos específicos, num plano de percepção abstrato, “político”, no sentido de valores, estratégias, ou alvos racionalmente dados, mas contra os intermediários que provocam sua espoliação como *pessoa moral*, isto é, um ser dotado de alma e de direito básico ao respeito, à consideração e a um tratamento humano. (DaMATTA, 1997, p. 51)

Os intermediários como alvo da massa a que DaMatta se refere acima são a elite brasileira. Então, para que não houvesse maiores atritos entre as classes sociais, pelos direitos dos jogos, foram criadas as primeiras Ligas Futebolísticas²², com o objetivo de regularizar o esporte. Entretanto, houve diversos

²² Em 1901, funda-se a Liga de Futebol de São Paulo. Em 1913, há uma cisão nessa Liga, devido à massificação do futebol. A CBD (atual CBF), fundada em 1916, fazia os jogos de interesses das agremiações elitistas.

impasses em torno dessa profissionalização. Caldas (1994) ressalta que, diante dessas disputas entre as agremiações, no sentido de deter o domínio do futebol, os dirigentes dos clubes ficavam com incertezas para o devido apoio, pois os diretores dos clubes eram, em sua maioria, políticos. Se apoiassem a profissionalização, perderiam apoio político da elite. Apoiando-a, tornariam suas imagens mais simpáticas aos eleitores²³.

Com essas disputas apaziguadas, o Estado passou a interferir e a participar das Ligas e dos campeonatos. A partir da década de 20, o governo viu no esporte um meio de promoção política. Quando o Brasil se tornou campeão sul-americano, em 1920, os jogadores desfilaram em carro de bombeiro. Conforme Sevckenko (1994, p. 36),

depois do governo de Washington Luis que se dizia 'governador-desportista', os líderes políticos foram aprendendo a estimular e tentar tirar proveito desses momentos de catarse e união nacional espontânea. [...] Identidade nacional, futebol, nacionalismo, carnaval e união de todos viraram praticamente sinônimos.

Podemos notar a popularização do futebol servindo como um dos caminhos para o fortalecimento da cultura brasileira. Esse fortalecimento se deu de tal forma que o brasileiro começou a misturar os aspectos do jogo de futebol com a própria vida social. DaMatta (1986) entende ser o futebol uma metáfora da própria vida, em que os anseios da sociedade se mostram de forma simbólica.

Com a consolidação do povo no Brasil, o brasileiro, depois dos anos 30, formando uma classe com voz na sociedade, começa a lutar pelos direitos de cidadão, fazendo do jogo de futebol a representação da própria vida. No processo de representação, Antunes (2004, p. 18) compara o esporte com uma língua franca: “são pequenas as possibilidades de encontrar um interlocutor que não saiba falar minimamente sobre ele”. Isso demonstra uma configuração da identidade brasileira, pois é assim que ela é construída: “por reformulações e até manipulações”, constata Ortiz (1994, p. 196)

Também, nessa época, o futebol começou a servir de mola propulsora para o desenvolvimento sócio-político e urbanístico do Brasil. Esse desenvolvimento foi marcado pela posse de Getúlio Vargas, em 1930, com ações de

²³ De 1935 a 1945 não houve eleições, pois o Brasil estava em estado de sítio. Em 1945, o número era de 7.460.000 eleitores. (SODRÉ, Nelson Werneck. Quem é o povo no Brasil? Versão Ebook. Digitalização de Cadernos do povo brasileiro 2, 2008).

reconstrução nacional, em cujas medidas incluía-se a regulamentação do futebol. Essa regulamentação ocorreu em 1933 e, neste ano, o futebol profissionalizou-se. Assim, ocorreu um aspecto significativo: “reitera-se com a profissionalização nos anos 30 o caráter de união e de identidade nacional através do futebol que, a essa altura, já estava definitivamente incorporado à cultura lúdica brasileira.” (CALDAS, 1994, p. 45)

Com a Copa de 1930, no Uruguai, o futebol brasileiro, assim como os demais, para Guterman (2009, p. 64), “despertava para o futebol como uma disputa entre identidades [...]. O sentido de que a pátria vestia chuteiras e entrava em campo ganharia formidável impulso a partir dali.” Dessa forma, quando o futebol chegou ao povo, configurou-se numa forma de instituição representante da nação. Isso se estendeu, posteriormente, para as classes dominantes, para o governo e para a mídia. Até meados da década de 40, o país foi construindo o título de “país do futebol”.

Na Copa do Mundo de 1934, Getúlio Vargas deu um passo importante para a concretização do futebol como representante do governo brasileiro frente a outros países. Segundo Guterman (2009, p. 71), o projeto getulista “abrange o esporte como central para a transformação do brasileiro e também para a superação das diferenças políticas, duas circunstâncias fundamentais para a consolidação do regime”. Ademais, com esse projeto, Vargas esforçou-se para estatizar o controle do futebol, visto que pretendia atrair o apoio dos atletas e das classes pobres para o governo. A função era fazer crer uma democracia racial no Brasil. Guterman (2009, p. 71) explica que o “esporte era visto como um veículo das aspirações nacionais e do perfil do brasileiro, razão pela qual Getúlio tratou de controlá-lo. [...] As manifestações populares são incorporadas, como sintoma de ‘brasilidade’”.

A partir da década de 30, essa “brasilidade” construída politicamente começa a fazer do esporte mais um instrumento político do que a própria representação da cultura popular. A necessidade não era apenas de participar, mas, sim, de representar a pátria. Isso ficou claramente exposto na derrota do Brasil frente a Argentina, pelo campeonato Sul-americano, disputado em 1936/37. Os jogadores voltaram ao Brasil como soldados que perderam a guerra. Para Guterman (2009, p. 77), “forjava-se assim, no imaginário brasileiro, a idéia de que o adversário era um inimigo a ser derrotado num campo de batalha”. Esse jogo foi o principal

motivo para produzir nos jogadores e na população em geral sentimentos nacionalistas.

Essa euforia nacionalista não era bem vista pelos europeus. Nessa época, a Europa estava tomada pela xenofobia nacionalista, reservando às nações sul-americanas a ineficiência de vencer as partidas da Copa de 38. Mas não foi exatamente isso que aconteceu. O Brasil venceu a Polônia e a Tchecoslováquia. Depois dessas vitórias, o sentimento nacionalista ficou mais aflorado na definição do futebol como elemento identitário²⁴.

Como se pode observar, a partir da Copa de 1938, na França, o Brasil se descobre como o “país do futebol”. Guterman (2009) considera que a noção de brasilidade exposta pela seleção brasileira em campos estrangeiros seria a principal característica, definindo e constituindo o jeito de ser brasileiro.

A partir da década de 50, o Brasil começa a criar condições para receber o título de “O país do futebol”, particularmente por depositar neste esporte um modelo de identidade nacional. É como os brasileiros gostariam de ser vistos por outras nações, sobretudo os Estados Unidos e os países da Europa. Para Silva (2000), isso é um processo de constituição do outro, o qual se dá pela afirmação do ser brasileiro. Essa afirmação pertence a uma cadeia de negações, de diferenças, em detrimento de outras nacionalidades. Pelo dizer “sou brasileiro”, há um dito “não sou argentino”, “não sou inglês”, e assim por diante.

Dessa forma, pensar nas diferenças constituintes é levantar questionamentos sobre a natureza dos brasileiros. Há um conjunto de implicações situado no modo como a cultura, incluindo o futebol, faz o Brasil diferente de outros países, com identidade própria. Diferentes comportamentos e atitudes, valores e situações sobre o comportamento do brasileiro demonstram um conjunto a que se denomina pátria. Isso já denota uma forma diferente na relação do futebol do Brasil diante de outras nações. Todas as diferenças existentes no futebol brasileiro e que não existem no de outros países constituem-se o modo de ser e de jogar futebol.

Os questionamentos acerca do modo de ser do brasileiro estão na forma com que a sociedade entende o que é importante para ela. A identidade, nesse ponto, torna-se difícil de ser estatizada, uma vez que mudam com o tempo os

²⁴ Após a vitória do Brasil frente à Polônia, *A gazeta* registrou a seguinte informação: “Nunca o Rio assistiu a uma tão exaltada demonstração de simpatia, e nunca os brasileiros em geral tiveram ensejo de aquilatar da enorme vantagem do futebol, como elemento de propaganda no estrangeiro. (“O jogo Brasil-Polônia e a confraternização das colônias”, *A Gazeta*, São Paulo, 8 jun, 1938, p. 1)

comportamentos e atitudes produzidos por ela. Para Woodward (2000, p. 14), “a identidade é, na verdade, relacional, e a diferença é estabelecida por uma marcação simbólica relativamente a outras identidades”. O futebol brasileiro, nesse sentido, é marcado pelas diferenças peculiares que são postas nos jogos diante do outro.

O diferente promove o futebol brasileiro à singularidade. Alguns jogadores, na década de 1950, foram importantes na consolidação do modo de jogar futebol por aqui. Os principais, nas jogadas características de ginga e de jogo de cintura, foram Garrincha e Pelé. Eles consolidaram uma forma de jogar futebol, um modo de ser próprio e, ao mesmo tempo, diferente, que proporcionava a caracterização da identidade brasileira pelo futebol. Caldas (1997) considera os dribles de Garrincha como o início da gestualidade libertária do brasileiro. Pode-se relacionar tal entendimento pela constituição da cultura indígena e negra no Brasil como uma cultura de liberdade.

Para Guterman (2009, p. 90), “havia uma luta surda pela construção da identidade brasileira a partir do futebol. O triunfo brasileiro seria uma resposta àqueles que nos julgavam meros amadores primitivos”. E isso se deu na Copa de 1950, com a construção do estádio do Maracanã²⁵. Era o momento de o país mostrar a força não somente no esporte mais popular do planeta, mas, sobretudo, na construção do maior estádio do mundo.

Politicamente, o governo Dutra estava num período de incertezas econômicas, mas, com a construção do Maracanã e com o auge do futebol brasileiro, o governo tinha clara a intenção de colocar o Brasil entre as grandes nações. A Copa de 50 seria a oportunidade de mostrar aos países desenvolvidos a capacidade de organização brasileira. (GUTERMAN, 2009)

Porém, o Brasil não contava com a derrota para o Uruguai na final, por 2 a 1:

O silêncio do Maracanã entrou também para a história do Brasil. Daquele momento em diante, a identidade brasileira, tão vivamente construída durante as décadas de 1930 e 1940 a partir da noção de que nossa singularidade residia na nossa diversidade racial, entrou em parafuso. [...] como se o destino não quisesse que o Brasil fosse grande, afinal. (GUTERMAN, 2009, p. 99)

²⁵ Estádio construído para a Copa do Mundo de 1950, teve a inauguração em 16 de junho do mesmo ano. Em 1966, foi rebatizado com o nome de Mário Filho.

Com a derrota, a população brasileira não tinha mais certeza se o Brasil conseguiria um lugar entre as grandes nações do mundo. Diante dessa situação, houve uma dramatização em torno da derrota, não só dos jogadores, como também dos torcedores e do governo. A dramatização no futebol é explicada por DaMatta (1982, p. 55), como o “conceito fundamental que permite articular o observado no dia-a-dia com valores sociais mais básicos. [...] é uma ocasião onde as normas sociais entram em crise e são pensadas de forma reflexiva.” Ou seja, o observado, nesse caso, são os jogos de futebol e a infraestrutura do esporte, cuja relação é direta com os anseios da sociedade. Se houve a derrota do Brasil para o Uruguai na final da Copa de 1950, transporta-se, então, aos torcedores brasileiros, um desejo de impotência sobre a vida.

A mencionada derrota, para DaMatta (1982, p.57), “foi explicitamente atribuída à nossa infeliz constituição racial e ao peso enorme que carregamos como uma sociedade formada por vários grupos inferiores como ‘índios’ e ‘negros’. Reavivou-se, portanto, um modelo cultural de raça impura.”

Passado o sentimento de perda, a Copa do Mundo voltou a ser disputada, em 1954, na Suíça²⁶. Apesar de ter uma boa seleção, o Brasil não teve êxito na conquista da taça, demonstrando a não superação dos problemas decorrentes da Copa de 50, ficando em 6º lugar na competição.

Depois disso, do ponto de vista político, o país entraria em instabilidade, com o suicídio de Getúlio Vargas, em agosto de 1954.

2.1.2 O Processo de Urbanização e o Euforismo Pós 58

O processo de urbanização e modernização, tanto da economia e política quanto da conquista da Copa do mundo, tiveram diferentes motivações, entre as quais está o futebol.

De um lado, o esporte contribuiu para o processo de urbanização do país devido aos projetos colocados pelo Estado com objetivo de engrandecer o país, que começou a ser visto de maneiras diferentes pelo estrangeiro, resultando, inclusive, na abertura de algumas empresas no país. De outro, a sociedade brasileira da época se viu mais confiante na prosperidade pátria depois da conquista

²⁶ Foi o primeiro país da Europa a sediar a Copa do Mundo após o período da 2ª Guerra Mundial.

do campeonato mundial em 1958. Isso atraiu mais povos de diferentes nações em busca de novas oportunidades sociais, na busca por uma identidade.

Quanto à transformação social, o esporte exerceu uma forte influência, principalmente nas classes trabalhadoras. Depois, esse poder socializador influenciou outras classes sociais. Havia distinções claramente entre quem era da cidade e quem era do campo, quem era trabalhador especializado e quem não era, quem era de família abastada ou não.

Entretanto, foi na massa assalariada que o futebol contribuiu de maneira significativa. Para Sevckenko (1994, p. 35), “o fato notável era como a massa da população trabalhadora se via toda ela envolvida, empolgada e ativamente empenhada nas batalhas simbólicas dos campos de futebol”. Pode-se relacionar, desse modo, o futebol como uma válvula de escape das classes baixas, com objetivo de distração e lazer. Nesse sentido, há uma comparação do jogo de futebol com o “jogo da vida”. O futebol no Brasil, assim, além de “ser um esporte, é também uma máquina de socialização de pessoas. (DaMATTA, 1982, p. 60)

Outro aspecto discutido pelo processo de urbanização brasileira é a colocação do futebol como elo entre a população e a formação da identidade brasileira. Com a crescente onda migratória da população entre as zonas rurais e as urbanas, em busca de novas oportunidades de trabalho, decorrentes da quebra da bolsa de Nova Iorque e, conseqüentemente, a desestabilização econômica da monocultura, começam a surgir, no Brasil, as grandes cidades, as chamadas metrópoles.

Nas metrópoles assim surgidas, ninguém tinha raízes ou tradições, todos vinham de diferentes partes do território nacional ou do mundo. Na sua busca de novos traços de identidade e de solidariedade coletiva, [...] essas pessoas se vêem atraídas, dragadas para a paixão futebolística irmana estranhos, os faz comungarem ideias, objetivos e sonhos, consolida gigantescas famílias vestindo as mesmas cores. (SEVCENKO, 1994, p. 35)

Pelo processo de migração, um dos componentes de urbanização de um país, observa-se o papel do futebol, nesse período, como elemento simbólico de união das sociedades, as quais estavam se consolidando a partir da década de 1950, além de construir vínculos de identidade entre as classes.

Como visto, a questão da socialização do futebol perpassa pela relação entre as classes sociais, afirmando, nesse ponto, valores capitalistas. Diante de uma sociedade em amplo processo de urbanização e industrialização, cabe ressaltar alguns elementos, tais como o “individualismo (cada um de nós tem direito de escolher um clube, time ou herói esportivo), e o igualitarismo (no início do jogo os adversários devem ser tratados com lisura e respeito, principalmente na derrota)”. (DaMATTA, 1994, p. 14).

Podemos também fazer uma abordagem do futebol com a preocupação de compreender em que medida as questões políticas influenciaram ou foram influenciadas pelo esporte, principalmente na reorganização urbana. Nesse cenário, surgiram alguns movimentos políticos que influenciaram a sociedade e, conseqüentemente, corroboraram uma configuração da identidade nacional.

O segundo governo de Getúlio Vargas (1951 a 1954) foi marcado pelo populismo, isto é, pela constante busca do apoio das massas populares, o desenvolvimento do país pela industrialização e o nacionalismo. Essas características governamentais proporcionaram algumas mudanças no futebol brasileiro desse período.

Uma delas é a passeata da “Panela Vazia”²⁷, a qual deflagrou uma greve de 300 mil trabalhadores. Esse movimento grevista contra o governo de Vargas reivindicava, dentre as propostas, reajustes salariais e melhores condições às famílias, sendo contrário ao crescimento desordenado das cidades, pelo impulso da industrialização.

Outro movimento influenciado pelas características populistas foi o chamado “O petróleo é nosso”²⁸, o qual, apoiado por políticos e intelectuais da época, defendia as reservas petrolíferas. A extração do petróleo, então, passou a ser estatal, como uma estratégia do governo em busca de apoio das classes populares, promovendo um sentimento nacionalista, em defesa do que é ser brasileiro. A proposta do movimento foi o fortalecimento da nação diante de outros países.

²⁷ Passeata ligada ao movimento “Contra a Carestia da vida” e importante organizador das massas urbanas. Cerca de 500 mil pessoas participaram das passeatas no Rio e em São Paulo, em 1953. Ver GOHN, Maria da Glória. História dos movimentos e lutas sociais: a construção da cidadania dos brasileiros. 3ª Ed. Edições Loyola, São Paulo, 1995.

²⁸ Movimento nacionalista realizado em 1954 pela criação da Petrobrás. Ver ibidem.

Relacionando esses movimentos políticos com a constituição da miscigenação cultural e identitária, e que se estende ao futebol, Ortiz (1985, p. 128) considera que “a identidade nacional e a cultura popular se associam ainda a esses movimentos políticos e intelectuais nos anos 50 e 60 e que se propõem redefinir a problemática brasileira em termos de oposição ao colonialismo”. Ou seja, a não aceitação de um regime anterior. Desse modo, o nacional e o popular estão ligados ao andamento do Estado.

Depois do suicídio de Vargas, em 1954, tomou posse Juscelino Kubitschek (JK), em 1956, com a promessa de urbanização do país. Guterman (2009, p. 113) reitera que JK fez “promessas grandiloquentes, que apontavam para a modernização do país”. Nisso, incluiria a construção de uma nova capital, posteriormente chamada Brasília.

Na economia, houve um crescimento acelerado. JK atraiu capital estrangeiro para os investimentos, “o PIB cresceu a taxas médias de 7% ao ano entre 1956 e 1961”, afirma Guterman (2009, p. 113).

Nesse período de renovação política, o futebol conheceria um dos jogadores mais importantes que o país teve: Garrincha. Em 1952, começou a jogar pelo Botafogo, aos dezenove anos. Em 1956, foi a vez de Pelé. Aos quinze anos, estreou no time titular do Santos. “No final de 1956, o meia santista Vasconcelos quebrou a perna num jogo contra o São Paulo. Foi o acidente que abriu caminho para Pelé no time” (2009, p. 118). Com a entrada de Pelé no time principal, a história do futebol seria dividida em antes de Pelé e depois de Pelé.

No entanto, o torcedor brasileiro não estava satisfeito com a seleção brasileira, visto que não houve as conquistas nas duas Copas anteriores. Nem mesmo as novas promessas para o futebol brasileiro, Pelé e Garrincha, trouxeram entusiasmo para a conquista da Copa de 1958²⁹.

Mas foi no período do governo JK que o Brasil conquistou a primeira Copa do Mundo, em 1958, na Suécia, resultado não somente da administração pública, mas também parte de um processo de revigoração da população brasileira diante das conquistas do país em diferentes áreas.

²⁹ Por essas manifestações insatisfatórias, Nelson Rodrigues formulou a expressão “Complexo de vira-latas”, relacionando-a com o espírito futebolístico da seleção brasileira naquele período.

Essas conquistas começariam em 1956, com a posse de Havelange³⁰ na diretoria da CBD, impondo à seleção um clima organizacional. Os jogadores que participantes do campeonato de 58 obtiveram melhor estrutura. Eles passaram por uma série de exames médicos e odontológicos. “Foram identificados vários casos de anemia e verminoses – retrato de um time cuja maioria dos jogadores era de origem muito pobre”. (GUTERMAN, 2009, p. 122)

A organização dada ao time de 58 gerou uma aproximação entre os jogadores, o Estado e as classes sociais, reforçando as políticas governamentais, uma vez que o Estado tinha interesse em contribuir com a seleção, de modo que promovesse o próprio governo e o regime capitalista brasileiro.

Dentro deste quadro, as relações entre cultura e Estado são sensivelmente alteradas em relação ao passado. O processo de racionalização, que se manifesta sobretudo no planejamento das políticas governamentais (em particular a cultural), não é simplesmente uma técnica mais eficaz de organização, ele corresponde a um momento de desenvolvimento do próprio capitalismo brasileiro. (ORTIZ, 1985, p. 81)

O futebol brasileiro, de 1958 a 1962, corroborou essa formação, não somente do Estado brasileiro, mas, sobretudo, da formação identitária brasileira. Nesse sentido, a constituição de um país que visa à democracia do esporte e da economia pelos planejamentos das políticas governamentais, ainda que se busque a imagem sólida do Estado, passa a constituir a essência da brasilidade. “[...] sua essência definiria a realidade de uma identidade nacional que se realizaria no Ser do homem brasileiro: democrata por formação e espírito cristão, amante da liberdade e autonomia”³¹ (ORTIZ, 1985, p. 96). O futebol, portanto, como manifestação democrática social e racial se liga à ideia de nacionalidade e de cultura brasileira.

A conquista da Copa do mundo de 1958 trouxe, ao Governo de JK, a coroação dos “anos dourados”, “identificando com o crescimento do país, com o estímulo à cultura popular, com o dinamismo da vida urbana e com a pujança industrial.” (GUTERMAN, 2009, 131)

³⁰ Jean-Marie Faustin Goedefroid de Havelange nasceu em 1916. Foi atleta em duas olimpíadas como nadador. Jogou futebol e foi dirigente do Fluminense e do Botafogo. (GUTERMAN, 2009, p. 121)

³¹ Plano Nacional de cultura, 1975, p. 8.

Depois de 58, com a vitória da 1ª Copa do Mundo, o futebol brasileiro ganhou força identitária na formação da cultura brasileira, bem como serviu de motivo para a promoção governamental de JK:

O dia da conquista da Copa marca também o início real do governo de JK, que já estava no poder há dois anos. Pela primeira vez, um presidente brasileiro teve a chance de explorar o poder mobilizador e transformador que uma conquista como a do Brasil na Suécia possuía. (GUTERMAN, 2009, p. 130)

Assim, o futebol proporcionou, com a conquista da Copa de 1958, um sentimento ufanista a todas as classes sociais, com exceção daqueles que acreditavam ser o futebol o “ópio do povo” (ORTIZ, 1985, p. 77). Essas manifestações contrárias ao esporte implicam “necessariamente eleger-se arbitrariamente valores de ‘veracidade’ e de ‘autenticidade’ cultural.” (ORTIZ, 1985, p. 77). Ainda assim, a demonstração de preconceito de alguns intelectuais da época não ofuscou o brilho da primeira conquista da seleção brasileira.

Finalmente, o futebol proporciona à sociedade brasileira a experiência da igualdade e da justiça social. [...] é o futebol que nos faz ser patriotas, permitindo que amemos o Brasil sem medo da zombaria elitista que, conforme sabemos, diz que deve gostar somente da França, da Inglaterra ou dos Estados Unidos e jamais do nosso país. (DaMATTA, 1994, 17)

Desse modo, simbolicamente, a manifestação do futebol como sinônimo de nacionalismo, assim como outras produções culturais e folclóricas, para Ortiz (1985, p. 78), “recupera uma identidade nacional que se encontra harmoniosamente fixada no nível do imaginário”. Portanto, pelo futebol, houve união entre o povo e o Estado. A Copa de 1958 serviu de cenário para a concretização da cultura brasileira na perspectiva de valores sociais acumulados pelo tempo, os quais servem para se referir ao patrimônio brasileiro.

2.1.3 A Imprensa Esportiva

Quando o futebol foi introduzido no Brasil, não havia ainda uma imprensa especializada em noticiar os jogos esportivos, uma vez que os esportes praticados até o fim do século XIX não geravam repercussões na sociedade.

Entretanto, já no início do século XX, com a formação dos clubes paulistas e cariocas, as ligas de futebol, bem como os primeiros campeonatos organizados, os jornalistas haviam descoberto uma forma diferente de atrair os leitores: escrever sobre as partidas de futebol, uma vez que buscavam adquirir novos leitores para o jornal. Viram, assim, no esporte, com a crescente popularização, uma nova possibilidade de isso acontecer. Os primeiros campeonatos paulistas de futebol, disputados a partir de 1901, foram o “pontapé” inicial para uma relação duradoura entre a imprensa e o futebol. (MAZZONI, 1950; GUTERMAN, 2009)

Entretanto, no início do século XX, a imprensa esportiva ainda contribuía pouco para a popularização do esporte por aqui. De 1910 a 1930, pouco se noticiava sobre as partidas de futebol.

Em geral, o futebol só ocupava uma ou duas colunas de página, a preferência indo para as regatas. Esse estado de coisas caracterizava as páginas esportivas dos jornais em 1927; os repórteres esportivos ocupavam a posição mais baixa da hierarquia dos jornalistas, os que cobriam o futebol escorando seus pobres salários com as refeições que os clubes lhe ofereciam nos dias de treino. (LEITE LOPES, 1994, p. 68)

Observa-se, nesse sentido, que a época do amadorismo do futebol coincide com o amadurecimento da imprensa esportiva, uma vez que esses fatos aconteceram no mesmo período. Assim, a imprensa esportiva não ocupava um lugar de destaque pelo fato de que o futebol, embora já esboçasse certa popularidade, ainda não tinha o reconhecimento de esporte nacional.

Ainda, quando a imprensa noticiava uma partida de futebol, utilizava-se de um vocabulário inglês para se referir aos comandos e regras do esporte. Leite Lopes (1994, p. 69) considera que “a linguagem do futebol era muito inglesa: todas as posições dos jogadores eram ainda ditas em inglês, e até os gritos dos capitães do time em campo – “come back forwards”, “man on you”, “take your man”. A utilização dessa forma de linguagem afastava a imprensa das classes populares, visto que a grande parte da população não tinha conhecimento da língua inglesa.

Com a popularização do futebol entre as classes baixas, a imprensa teve um papel decisivo: pressionou a Federação Brasileira de Sports, bem como os clubes e entidades regionais a aceitarem negros nos times. (Folha de S. Paulo, 1994, *apud* BRUHNS, 2000)

Um time que se destacou, nesse sentido, foi o Vasco da Gama³², que já, em sua formação de time de futebol, foi composto por mestiços. Em 1904, já “teve o primeiro presidente negro da história das agremiações cariocas. [...] Como resultado dessa combinação, o Vasco venceu o campeonato de 1923.” (GUTERMAN, 2009, p. 55)

Mesmo assim, com toda essa repercussão, Marques (2000, p. 81) afirma que “os primeiros diários esportivos a fazer sucesso surgiram na década de 1930. Antes disso, não havia manchetes de primeira página sobre eventos esportivos”. Tomás Mazzoni³³, sobre essa não conscientização da imprensa diante do futebol e outros esportes, faz alusão em obra publicada em 1939, combatendo essa indisciplina: “A imprensa, [...] é quem forma o ambiente, especialmente para os confrontos de maior tensão, de circunstâncias excepcionais. Se essa imprensa foge de sua verdadeira missão, se é escandalosa e perniciosa, envenena o ambiente.” (MAZZONI, 1939, p. 31)

Outro veículo que contribuiu para a propagação do futebol no Brasil foi o rádio, a partir da década de 1920. Guterman (2009) descreve que a emissão inaugural foi em 1922, com um discurso do então presidente Epitácio Pessoa. No entanto, foi a novidade das transmissões dos jogos de futebol³⁴ que aproximou o rádio das massas trabalhadoras. Conforme Camargo, Carvalho e Marques (2005) a voz exaltada dos locutores intensificava as partidas de futebol, proporcionando contornos épicos aos jogos.

Essa criatividade e imaginação tanto por parte dos torcedores quanto por parte dos locutores dos rádios renderam algumas criações de mitos e heróis do rádio esportivo e, posteriormente, pela imprensa em geral, o que “ajudou a formatar o caráter nacionalista e épico atribuído ao futebol. A seleção brasileira começava a representar a pátria, e o futebol, em geral, era uma robusta manifestação de brasilidade”. (GUTERMAN, 2009, p. 75)

Depois dos anos 30, o rádio ganhou uma enorme importância como veículo de controle social. Um exemplo disso foi “A voz do Brasil”, um dos maiores símbolos do período Vargas, afirma Guterman (2009, p. 73). O advento do rádio foi

³² “Instituído como um clube de remo em 1898, fundiu-se com o Lusitânia, um time formado apenas por portugueses, em 1915”. (GUTERMAN, 2009, p. 54)

³³ Desde 1930, trabalhava como chefe da seção de esportes do jornal *A Gazeta*.

³⁴ A primeira transmissão integral de um jogo de futebol no Brasil data de 19 de julho de 1931. O locutor se chamava Nicolau Tuma, de 20 anos. Ele narrou o jogo entre as seleções do São Paulo e do Paraná. (GUTERMAN, 2009, p. 74)

mais uma estratégia do populismo de Vargas, com objetivo de ganhar a confiança do povo.

Observa-se que, através da imprensa e com a popularização e a massificação, o futebol passa a representar, já nos anos 30, um veículo de propaganda no sentido de afirmar a ideologia e o pensamento político da classe dominante representada pelo governo institucional. (RINALDI, 2000, p. 169)

Com o surgimento do rádio e com as transmissões dos jogos de futebol, surge o jornalista Mário Rodrigues Filho em defesa da profissionalização e popularização do esporte. A partir da década de 1930, o jornalista mudaria a concepção marginal que a sociedade e a própria imprensa tinham diante do futebol. A ação de Mário Filho trouxe relevantes contribuições para os campos do esporte, do jornalismo e da política.

Uma das tarefas de Mário Filho³⁵ foi contribuir para a popularização e profissionalização do futebol no Brasil. Leite Lopes (1994, p. 65) assevera que “Mario filho contribui, por sua ação de jornalista, para a transformação do futebol, introduzido no Brasil por uma elite anglófila, num esporte ‘popular’ e ‘nacional’.” A ação de Mário Filho para introduzir o profissionalismo no Brasil aparece efetivamente como um “compromisso realista”. (LEITE LOPES, 1994, p. 66)

Sua atuação nos bastidores do futebol foi decisiva para a consolidação do profissionalismo desse esporte no início dos anos 30. Para Guterman (2009), o jornalista ultrapassou a oposição do amadorismo no futebol, que trazia um conceito de prática esportiva da Inglaterra e reservada à elite.

Desse modo, quando Mário Filho assumiu a página de esporte do jornal “O Globo”, revolucionou o modo de escrita das crônicas sobre os jogos de futebol. Antes dele, os jornalistas divulgavam a notícia somente depois dos jogos e já com os resultados concretizados. Mário Filho antecipou a produção de notícias desde os treinos ou os momentos que precedem os jogos, fabricando eventos, entrevistando os jogadores ou contando suas biografias (CASTRO, 1992)

Mário Filho, em vez de citar os nomes dos times cariocas na íntegra, tal como Fluminense Football Club, passou a chamá-lo apenas de Fluminense. Isso aproximou o leitor/torcedor do seu time. São dele também as primeiras substituições

³⁵ Foi o fundador do primeiro jornal considerado esportivo, *O Mundo Esportivo*, em 1931. Para ver mais sobre Mário Filho, ver José Sérgio Leite Lopes, *A vitória do futebol que incorporou a pelada*. Revista USP, no. 22 junho/julho/agosto de 1994, pp. 64-83.

dos vocábulos ingleses por palavras equivalentes em língua portuguesa. Leite Lopes (1994) assegura que Mário Filho antecipou as tendências do futebol brasileiro, uma vez que tinha a seu favor o suporte da imprensa esportiva, assim como os eventos da crise do amadorismo do esporte bretão.

Essa nova forma de tratar as notícias, principalmente, crônicas esportivas, fez do jornalista um descobridor de histórias inesgotáveis no futebol. O auge da sua produção jornalística e literária culminou na obra *O negro no futebol Brasileiro*, a qual possui um viés social e antropológico da inserção do negro não somente no futebol, mas também, e sobretudo, na sociedade da época. A obra também discute o processo de formação identitária brasileira, colocando em questão o processo de mestiçagem brasileiro.

No prefácio à 1ª edição da obra de Mário Filho, Freyre (1947, p. 24) analisa a questão da ascensão social do negro pelo futebol, fixando à obra penetração, objetividade e segurança que tornam seu ensaio de importância para o estudo sociológico e psicológico da ascensão do negro e do mulato na sociedade brasileira. Isto é, nessa obra, há relevantes discussões sobre a formação da identidade brasileira, uma vez que o processo de mestiçagem no Brasil, assim como o futebol, ajudou a criar condições ao povo brasileiro de enaltecimento pátrio.

A produção de suas crônicas esportivas buscava, dentre os objetivos, levar o futebol ao público de massa. Outra característica ímpar está na forma com que tratava os brios da seleção, na tentativa de engrandecer o esporte e, conseqüentemente, enaltecer o país na visão dos estrangeiros.

Daí em diante, a partir da Copa do Mundo de 1930, o futebol encaminhava-se ao profissionalismo e, com ele, advinha o intuito de mostrar a força do Brasil, do seu povo, a partir do futebol. As crônicas esportivas de Mário Filho, assim como de outros cronistas importantes da época, sobretudo depois da Copa de 1934, afirmavam a questão da nacionalidade: “o destino do país encontra-se nos pés de um time de futebol, como nas mãos de cada brasileiro. Enfim, o futebol reforçou a idéia que mostravam a necessidade da construção nacional. (NEGREIROS, 1997, p. 215).

Assim, Mário Filho foi um diferencial para a crônica esportiva brasileira. Exerceu um papel de mediador entre o esporte e o público, aproximando os torcedores do futebol caracteristicamente brasileiro.

Nesse bojo, Nelson Rodrigues, irmão de Mário Filho, também contribuiu para o processo de emancipação e formação da identidade brasileira, tendo o futebol como eixo central de suas crônicas. Para isso, Rodrigues transitou entre o espaço literário e jornalístico, dirigindo-se ao leitor como um amigo cúmplice para o desabafo, desespero ou alegria. Assim, fez do esporte uma espécie de combustível propulsor de denúncia ou exaltação aos acontecimentos patrióticos, procurando discutir com a sociedade o sofrimento do povo perante as injustiças sociais, uma vez que teve a oportunidade, por meio do jornal, de denunciar tais indiferenças.

Com a morte do pai, Mário Rodrigues, aos 44 anos, Nelson foi criado pelo irmão mais velho, Mario Rodrigues Filho³⁶, que, então, colocou-o para trabalhar na redação do Jornal *A manhã*, de propriedade do pai, no final da década de 1920. Esse trabalho proporcionou a Nelson Rodrigues o gosto pelo jornalismo. Aos treze anos, começou a escrever na coluna policial e, algum tempo depois, na coluna esportiva. Escreveu crônicas esportivas entre a década de 1940 até o ano de sua morte, em 1980.

Nelson Rodrigues forma, assim, uma base sólida de escrita, a qual se caracteriza com um estilo conciso, enxuto, herdado do jornalismo, às subjetividades e recriações da realidade, herdadas da literatura. Desse modo, tanto o jornalismo quanto a literatura forneceram a ele uma forma diferente de escrita, com acidez e inteligência, ganhando alguns apelidos como “Maldito” e “Anjo pornográfico reacionário”. Magaldi (2004. p.184) reconheceu, em Nelson Rodrigues, um dos maiores dramaturgos brasileiros, ao afirmar que

Indo do consciente ao subconsciente e às fantasias do inconsciente, do trágico ao dramático, ao cômico, ao grotesco (muitas vezes fundidos numa peça, ou mesmo numa cena), da réplica lapidar ao mau gosto proposital, do requintado ao kitsch, do poético ao duro prosaísmo, Nelson conferiu aos seus textos uma dimensão enciclopédica.

Nelson Rodrigues constituiu com seus escritos a abertura de novas possibilidades de construções estético-jornalísticas. Para isso, suas crônicas de futebol receberam tantas qualificações sobre novos olhares em relação ao mundo e à sociedade, pois nelas percebe-se que há um resgate da superação do brasileiro,

³⁶ Em 1936, comprou de Roberto Marinho o *Jornal dos Sports*, no qual Nelson Rodrigues passou a escrever diariamente.

privilegiando a tradição memorialista do jogo de futebol. As crônicas publicadas para a *Manchete Esportiva*, entre os anos de 1955 e 1959, propuseram uma aproximação do torcedor com o acontecimento narrado, propondo certa cumplicidade entre escritor e leitor, proporcionando uma espécie de válvula de escape para o povo brasileiro, especificamente no que concerne ao “complexo de vira-latas”³⁷.

Em Nelson, há valorização dos sentidos visuais, táteis e olfativos. O autor procurou, em sua estrutura folhetinesca, dar força ao suspense, que aplicava ao teatro, nas narrativas esportivas. Por exemplo, numa de suas crônicas, intitulada *O santo gorducho*³⁸, o texto começa assim: “Em seu número passado, *Manchete Esportiva* apresentou, em fotografia de página inteira, um rosto”. Os enunciados obedecem a uma sequência repetitiva de regularidade. O pré-construído enfatiza discursos que deslocam, por meio da repetição, sentidos, promovendo a ressignificação de um discurso já dito anteriormente. Essa ressignificação relaciona-se ao que é externo às condições de produção, contradizendo ou reafirmando um discurso anterior.

Antunes (2004, p. 210) afirma que Rodrigues “discorreu sistematicamente sobre o significado do futebol no Brasil e de como uma nação inteira se identificava com esse jogo. [...] Nelson construiu uma interpretação da brasilidade pelo futebol”. No tempo em que atuou como jornalista esportivo, identificou a miscigenação de raças como construção do caráter e do futebol brasileiro, bem como outras formas de culturas, como o samba e o carnaval. Marques (2000, p. 28) afirma que “essa tríade de elementos (Futebol – samba – carnaval) caminha numa simbiose [...], já que cada uma dessas manifestações está sempre a invadir e confundir-se com as outras que lhe são limítrofes”.

Essa tríade do caráter brasileiro sempre chamou a atenção de Nelson Rodrigues. O trabalho teatral e literário do escritor foi tomar como base a consciência desses elementos na formação da cultura brasileira, assim como essa formação é identificada pelo estrangeiro.

Nelson Rodrigues discutiu esses elementos pelos confrontos de discursos opostos, tais como certo/errado, opressor/oprimido, vitória/derrota, os quais permeiam a esfera dramática teatral. Costa (1994, p. 89) considera Nelson

³⁷ Nelson Rodrigues entende o complexo de vira-latas como uma inferioridade do brasileiro em face do resto do mundo (RODRIGUES, 1993)

³⁸ Crônica publicada na revista *Manchete Esportiva*, em 18/02/1956.

Rodrigues “um autor que vê a bola, os jogadores, o juiz, os bandeirinhas, o público, os locutores e os críticos, como elementos de um drama, [...] que se desenrola no gramado. Um drama que não se repete, perfeito em sua forma plástica emocional”.

Nas crônicas reproduzidas durante o período de vigência da revista *Manchete Esportiva*, percebe-se um sujeito em defesa do futebol brasileiro. Há um discurso contra os intelectuais que não apoiavam o futebol brasileiro. Antunes (2004, p. 213) explica que “Nelson era uma voz isolada contra a unanimidade. Acusava, com frequência, radialistas e jornalistas de desmerecerem os valores do futebol brasileiro”. Pela instância discursiva representada por Nelson, há um confronto entre formações discursivas as quais imbricavam o fato de a seleção brasileira não ter alcançado, até em 1958, um título mundial de futebol, haja vista que tinha os melhores jogadores.

Dessa forma, o povo brasileiro, assim como os jogadores, tinha de, por obrigação, conscientizar-se da força futebolística que o país possuía. Nesse campo discursivo (MAINGUENEAU, 1995), o embate entre as formações discursivas recaía na noção de que o povo ainda vivia com o espectro do servilismo colonial, sentimento de inferioridade, constatando-se como uma prova disso a expressão “complexo de vira-latas”, usada para se referir ao sentimento do povo brasileiro em relação às derrotas da seleção brasileira nas Copas anteriores, sobretudo, a de 1950.

A despeito da expressão acima mencionada, Nelson Rodrigues define: “Por ‘complexo de vira-latas’ entendo eu a inferioridade que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isso em todos os setores, sobretudo, no futebol”. (RODRIGUES, 1993, p. 52). Isto é, questionava-se a necessidade de o brasileiro conhecer o brasileiro, com o objetivo de enaltecer o caráter nacionalista. Assim, o Brasil, como nação, construiria uma identidade própria.

A recorrência à derrota da seleção na Copa de 1950 é constante nas crônicas de Nelson Rodrigues. Antunes (2004, p. 219) descreve que “Nelson sempre voltava a ela, sobretudo para ilustrar alguma ideia que estivesse defendendo sobre o caráter do homem brasileiro”. Isto é, é na derrota que Nelson Rodrigues se apoia para escrever suas crônicas, problematizando a questão de ser brasileiro.

Para converter as derrotas da seleção brasileira em vitórias do povo brasileiro, Antunes (2004, p. 220) considera que “a receita do sucesso estaria na fidelidade às particularidades do brasileiro. A vitória deveria ser buscada a partir da

valorização de suas singularidades”. Em outros termos, a singularização é um elemento constitutivo do processo identitário, pois é no diferente, singular em relação aos outros, que se constitui a identidade (WOODWARD, 2000). Nessa perspectiva, as crônicas esportivas de Nelson Rodrigues mobilizam, portanto, um caráter nacionalista, e o futebol é o principal agente representante dos discursos em torno desse nacionalismo.

Não obstante, depois de alguns confrontos pela valorização do futebol brasileiro, dos quais não se obtiveram importantes resultados, o discurso midiático, sobretudo o da imprensa esportiva, evidencia, nas esferas sociais, um sentimento negativo da população pela falta de garra e entusiasmo da seleção brasileira. Para Antunes (2004, p. 216), os discursos produzidos por Nelson Rodrigues, em suas crônicas de futebol, concordavam com a associação entre o fracasso de 1950 e a instabilidade emocional do jogador brasileiro, mas “divergia quanto à identificação de suas causas: atribuía a responsabilidade à falta de consciência nacional, à falta de convicção do brasileiro quanto às suas reais potencialidades”.

De maneira mais ampla, os enunciados (re)produzidos pela imprensa esportiva na década de 1950 tinham objetivo de especular o fracasso do time brasileiro frente à Copa do Mundo realizada no Maracanã, em 1950. Isso ocorreu porque a seleção brasileira e o povo estavam desacreditados de uma reação do futebol brasileiro perante as outras seleções. Os discursos construídos em torno dessa atmosfera³⁹ formularam algumas evidências ideológicas sobre o caráter brasileiro e como ele é constituído pelo outro.

Somente em 1958, ganhando a 1ª Copa do Mundo, o Brasil afasta a crise de inferioridade futebolística nacional que permanecia. A crônica esportiva, nesse tempo, serviu de importante ferramenta discursiva para enaltecer a força do futebol brasileiro. A partir da década de 50, na materialidade linguística das crônicas de futebol de Nelson Rodrigues, ocorreram manifestações discursivas que refletiam a autoestima dos jogadores, mudando o “complexo de vira-latas” do povo, em geral, perante o futebol brasileiro, em orgulho para o esporte e a cultura nacional.

³⁹ Heron Domingues era o locutor do “Repórter Esso”, tudo o que ele dizia era verdade. O futebol brasileiro era covarde, um perdedor nato. Depois da derrota de 1950, no Maracanã, ficara provado que o Brasil tremia diante dos estrangeiros. E, quando não tremia, era moleque – dava botinadas sem sentido, como na Copa da Suíça em 1954. (CASTRO, 1992, p.283)

Desse modo, a imprensa esportiva teve importante papel para a consolidação do futebol como representante da cultura brasileira frente a outros países, assim como para a quebra de preconceitos raciais no esporte e fora dele. Sevchenko (1994) argumenta que, nesse período, pela globalização dos meios de comunicação, o futebol se tornou uma espécie de “carta de penhor” do populismo, visto que os líderes políticos (Vargas) criavam uma relação de afeto com o povo pelo simbólico que o esporte proporcionava.

Sendo assim, na década de 1950, o futebol já havia se consolidado como um esporte das massas. Os discursos da imprensa esportiva procuravam construir uma relação de cumplicidade entre o torcedor e a seleção brasileira. O objetivo era sempre o de mexer com os brios dos jogadores.

O capítulo seguinte pretende compreender o funcionamento da crônica do ponto de vista textual e discursivo, com objetivo de relacioná-la às mudanças ocorridas no futebol da década de 1950, bem como relacioná-la com o processo identitário, objeto desta pesquisa.

2.2 A TEXTUALIDADE E O DISCURSO NA/DA CRÔNICA

Este capítulo procura compreender o funcionamento da materialidade linguística da crônica, bem como seus processos discursivos relacionados à constituição da identidade brasileira. Dessa maneira, é determinante pensar a maneira como a crônica apresenta regularidades enunciativas que corroboram a constituição dos sujeitos, os quais se inserem numa sociedade sob dadas condições sócio-históricas.

Como o próprio nome sugere, a crônica tem uma relação próxima com o tempo. Essa categoria substancial tem relevância para a análise a que se pretende este trabalho, visto que, do ponto de vista da AD, trata-se, entre outras questões, da temporalidade discursiva e de ser um fato de linguagem.

Compreender a crônica discursivamente é colocar em destaque o trabalho do tempo como acontecimento discursivo. Da perspectiva narrativa, os discursos têm uma relação próxima com o tempo e com o homem. Nesse sentido, Ricoeur (1994, p. 15) explica que “o tempo torna-se tempo humano na medida em que está articulado de modo narrativo; em compensação, a narrativa é significativa na medida em que esboça os traços da experiência temporal”.

De um lado, portanto, é necessário compreender o processo discursivo da/na crônica, considerando o lugar dela no discurso jornalístico, para que se possa refletir sobre o discurso cronístico. De outro, articulá-la aos discursos e constituintes do campo literário, uma vez que os discursos presentes nas crônicas imbricam uma série de posicionamentos discursivos e condições de produção que a colocam na dimensão de uma função variável e complexa.

Em se tratando da perspectiva da identidade e da história brasileira, há um conjunto de formações discursivas concorrendo entre si na superfície textual da crônica. As formações discursivas são evidenciadas pelas questões que envolvem o processo de constituição identitária no/do Brasil, ligadas a um percurso socio-histórico de construção do imaginário de nação (servilismo colonial), do caráter brasileiro (miscigenação) e a relação do outro sobre o mesmo.

Desse modo, a crônica, em sua manifestação discursiva, deve ser vista em condições sócio-históricas de produção da linguagem. Essas condições, na concepção de Orlandi (2005), fazem parte de um sentido mais amplo, sendo “o que traz para a consideração dos efeitos de sentidos elementos que derivam da forma de nossa sociedade, com suas instituições”. É um sujeito institucionalizado, o qual credencia, por esse meio, o seu dizer. Isto é, o sujeito é afetado por discursos institucionalizados que autorizam aquilo que ele diz.

Assim, os capítulos que seguem pretendem definir a crônica em sua relação com o processo de textualidade, com a constituição do sentido e da ordem do simbólico. São propostas, também, discussões em torno da relação constituinte da crônica com o discurso literário e o discurso jornalístico, assim como as manifestações socio-históricas da identidade brasileira.

2.2.1 Textualidade e Simbólico

O estabelecimento de critérios analíticos da crônica como produto de tensão entre formações discursivas, bem como forma textual produzida por um sujeito inserido em condições sócio-históricas, se dá pelo que a Análise do Discurso (doravante AD) toma como noção de texto. Nesse ínterim, é válido dizer que a AD se inscreve “em uma perspectiva dinâmica que põe permanentemente a questão da continuidade-descontinuidade entre língua e discurso” (GUILHAUMOU, 2005, p.13).

Indursky (2010, p.72) toma o texto como “a materialidade que dará acesso ao discurso”. Cita, ainda, a relação que há entre o sentido do texto e suas condições de produção. Isto é, nos estudos discursivos, o texto tem relação com sua exterioridade. A questão da exterioridade está ligada diretamente ao processo de textualidade, uma vez que “é pensando a relação do texto com sua exterioridade que podemos pensar não a função do texto, mas seu funcionamento” (ORLANDI, 2010, p. 22)

Orlandi (2010, p. 16) afirma que é preciso “ver o texto em sua discursividade: como em seu funcionamento o texto produz sentido.” Para isso, há a necessidade de se compreender as formações discursivas constituídas pelas formações ideológicas que as determinam. O texto, nesse sentido, relaciona a exterioridade a uma historicidade, que é “o acontecimento do texto como discurso, o trabalho dos sentidos nele” (ORLANDI, 2005, p. 68)

Pêcheux (1988, p. 160), resume o caráter material do sentido, afirmando que “as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam”. Quer dizer, o sentido não está na palavra em si, mas no vínculo que tem com determinadas posições ideológicas e na relação em como ela é empregada. Pêcheux (1988, p. 160) ainda considera ser por meio do processo discursivo⁴⁰ que o sentido se constitui. A identidade brasileira na crônica pode ser percebida, dessa forma, pelas posições sustentadas entre sujeitos inscritos ou afetados por uma determinada formação discursiva.

Para isso, o percurso identitário brasileiro, manifestado na textualidade da crônica, relaciona-se com alguns episódios socio-históricos da década de 1950, os quais contribuíram para a formação do simbólico e dos sentidos do ser brasileiro.

Primeiramente, no meio cultural e de massa, surgiram as primeiras transmissões de televisão⁴¹, ocasionando uma grande mudança nos meios de comunicação, sobretudo na mídia impressa. No esporte, houve a realização de três

⁴⁰ O processo discursivo é definido por Pêcheux (1975, 2009, p. 148) como o “sistema de relações de substituição, paráfrases, sinonímias etc. que funcionam entre elementos linguísticos – ‘significantes’ – em uma formação discursiva dada”.

⁴¹ A primeira transmissão de televisão aconteceu pela TV Tupi, em setembro de 1950.

Copas do Mundo, a saber, em 1950, 1954 e 1958, assim como a realização das olimpíadas, em 1952.⁴²

Também alguns movimentos políticos estavam em andamento no Brasil. Vale mencionar o populismo de Vargas, o governo transitório de Café Filho e o nacional-desenvolvimentismo de Kubitscheck. No populismo, o governo se beneficiava das vitórias da seleção brasileira para fazer propaganda do Estado, uma vez que o Brasil já era considerado o país do futebol. Também foi um período de instabilidade social. No governo de JK, houve grande impulso econômico e urbano no país, fortemente marcado por um plano de metas culminando, dentre as implementações, na capital federal Brasília. Foi no período do governo de JK que o Brasil conquistou a primeira Copa do Mundo, em 1958, na Suécia.

Outro aspecto de compreensão do processo discursivo da identidade brasileira se dá pelo funcionamento do texto em AD. Com efeito, Orlandi (2001, p. 64) explica que “o texto não será mais uma unidade fechada nela mesma. Ele vai-se abrir, enquanto objeto simbólico, para diferentes possibilidades de leituras”. Desse modo, a relação entre os discursos sobre a identidade na materialidade linguística da crônica se dá por meio do simbólico produzido na representação que um discurso formula do outro.

Com efeito, pensar o texto como objeto simbólico, e que este pode adquirir diferentes possibilidades de leituras, é entendê-lo como processo de uma materialidade discursiva, a qual é designada por Orlandi (2001, p. 64) como a textualidade. Isto é, para a pesquisadora, a textualidade fornece matéria discursiva para compreendermos o processo discursivo, promovendo, assim, face ao condicionamento da esfera discursiva, possibilidades de tomar conhecimento dos embates discursivos pela materialidade linguística.

Orlandi (2005, p. 86) afirma que “as palavras não significam em si. Elas significam porque têm textualidade, ou seja, porque sua interpretação deriva de um discurso que a sustenta, que as provê de realidade significativa”. Isso põe em destaque a noção de texto o qual “deve ser então considerado como o lugar material em que essa relação produz seus efeitos, apresentando imaginariamente como uma unidade na relação entre os sujeitos e os sentidos”. (ORLANDI, 2005, p. 86)

⁴² As Olimpíadas foram realizadas na cidade de Helsinque, na Finlândia.

De outro modo, Indursky (2010) considera que o processo de textualização revela a posição do sujeito no exercício da função-autor⁴³. Na textualização, esse papel da função-autor com o jogo de sentidos já-ditos toma forma e materializa o político na língua. Pelos significantes⁴⁴, refletem os jogos ideológicos. Orlandi (2005, p. 31) afirma que a escrita “deve-se fazer de tal forma que se possam elaborar a presença e o estatuto do que é ideologia, tornando visível o confronto do simbólico com o político”.

Nessas tensões discursivas, abre-se espaço para a incompletude entre o texto e a discursividade. Essa incompletude se oferece enquanto possibilidades de leitura. Nesse sentido, compreender o processo de textualidade é dar sentido aos efeitos imaginários produzidos pelos discursos. Ao mesmo tempo, esse processo dá unidade ao texto, propondo efeitos de sentido entre interlocutores (PÊCHEUX, 1993).

Sendo assim, não se pode compreender o texto como uma instância enunciativa homogênea. Ele deve ser visto como um espaço discursivo heterogêneo e simbolicamente fechado. O sujeito-autor, ao organizar os discursos dispersos na sociedade, provenientes de diferentes cadeias discursivas, promove a textualização desses elementos, garantindo um efeito de apagamento (INDURSKY, 2010). Quanto à questão identitária brasileira, o sujeito, por exemplo, ao (re)produzir um discurso nacionalista, de exaltação à nação, procura estabelecer um efeito de apagamento dos discursos contrários à constituição da nação, do povo brasileiro.

A crônica futebolística de Nelson Rodrigues permite que as marcas da textualização abram espaços de interpretação sobre o processo identitário entre os co-enunciadores. Essas construções possíveis de interpretação se dão pela própria natureza de constituição da crônica: lugar de confrontos entre discursos que permeiam o campo discursivo⁴⁵ jornalístico e os da literatura.

Os efeitos imaginários, na relação entre interlocutores, produzidos pelo processo de textualidade, garantem à crônica legitimação dos discursos presentes. Especificamente nas crônicas esportivas, os discursos de vitória e derrota

⁴³ Para Foucault (1996, p. 46), função-autor se constitui como uma “característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade”.

⁴⁴ Os significantes estudados em AD não se limitam à dicotomia saussureana *significante/significado*. Eles representam a significância das palavras em relação à historicidade na língua.

⁴⁵ D. Maingueneau (1995), ao especificar o tratamento dado ao interdiscurso, compreende-o pela tríade *universo discursivo, campo discursivo e espaço discursivo*. Por *campo discursivo*, ele entende os domínios suscetíveis de serem estudados num dado conjunto de formações discursivas. (ver Maingueneau, D. Gênese dos discursos, p. 35)

mobilizam os sentidos, ressignificando a questão da identidade. A textualidade funciona, então, como dispersão discursiva para as diferentes significações, bem como para imbricar a relação do sujeito com a memória, constituindo processos de significação diferentes. (ORLANDI, 2001)

É preciso observar, também, algumas características inerentes ao texto, as quais se definem, pela perspectiva da AD, como exterioridade. Na materialidade linguística da crônica, a exterioridade converge discursos ligados à ideologia. Estes discursos, representantes da materialização da ideologia, revelam o caráter histórico da língua. No campo discursivo do jornalismo, a historicidade coexiste em diferentes formações discursivas.

Há uma relação (discurso/texto; autor/sujeito) que se faz da dispersão para a unidade, produzindo uma relação representada entre linguagem e história. [...] Portanto, na dispersão de textos que constituem um discurso, a relação com as formações discursivas em suas diferenças é o elemento fundamental que constitui o que estamos chamando de historicidade do texto. (ORLANDI, 2005, p. 88)

Nesse sentido, podemos pensar a crônica como um processo de atravessamento de discursos historicamente determinados. Desse modo, é importante questionar os discursos já-ditos que fizeram sentido na crônica esportiva da década de 1950. Especificamente, no Brasil, os discursos sobre construção de identidade nacional, nacionalismo e cultura nacional são mobilizados pela memória discursiva com o objetivo de construir sentidos nas crônicas esportivas dessa década. Isso se deve pelas condições sócio-históricas determinantes desse período, historicamente os regimes governamentais de Vargas e JK.

Portanto, a crônica, por meio da textualidade, promove um cruzamento entre língua, história e sociedade pela rede de significantes. Essa junção é ponto-chave para se compreender o processo identitário presente nas crônicas desta pesquisa, pois faz parte do processo discursivo. O fazer discursivo é compreendido pelas contradições dessas práticas discursivas. Para Foucault (1969, p.154), as práticas discursivas se relacionam a um “conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no espaço e no tempo, que definiram em uma época dada e para uma era social, econômica, geográfica ou linguística dada”.

Dessa maneira, as práticas discursivas estão relacionadas aos efeitos de sentido produzidos entre diferentes formações discursivas. Isso afeta,

particularmente, as concepções de sujeito adotadas nos estudos da AD, uma vez que, na visão de Orlandi (2011, p. 99), “sujeito e sentido se constituem ao mesmo tempo, na articulação da língua com a história, em que entram o imaginário e a ideologia”.

O sujeito, então, para a AD, é condicionado por dimensões históricas e psicanalíticas (Orlandi, 2005), além de ser determinado pela exterioridade na sua relação com os sentidos. Orlandi (2005, p. 53) ainda afirma que “ao dizer, o sujeito significa em condições determinadas, impelido, de um lado, pela língua e, de outro, pelo mundo, pela sua experiência, por fatos que reclamam sentidos, e também por sua memória discursiva, por um saber/poder/dever dizer”.

Essas determinações na crônica esportiva na década de 1950 refletem um caráter clivado do sujeito. É clivado por formações ideológicas que o circunscrevem entre a língua e a história, entre o real e o imaginário, entre o jornal e a literatura. Portella (1958, p. 114) lembra que a crônica “é um gênero literário que sai do jornal. Mais: é uma entidade que tem como principal problema, para se transformar num gênero literário propriamente dito, libertar-se de suas limitações jornalísticas”.

Dessa forma, podemos pensar o sujeito da crônica esportiva produzida na década referida como um sujeito afetado por representações ideológicas distintas. Uma delas é a representação de esporte no Brasil, particularmente o futebol, dada pela relação do brasileiro com o futebol na década de 1950. Outra possibilidade é como a imprensa esportiva se constituiu como entidade instituída para falar de futebol.

Historicamente, a partir da década de 1930, a imprensa passou a produzir crônica esportiva como vista nos dias de hoje. A mudança foi marcada pelo contexto. Caldas (1990, p. 181) explica que “o contexto em que se dava essa produção é que apresentava uma novidade: a correlação entre artista e intelectual de um lado, e Estado e sociedade de outro” (CALDAS, 1990, p. 181).

Essa demarcação de oposição política nacional legitimou o papel da imprensa esportiva, instituindo-a como entidade de direito na produção dos discursos sobre futebol brasileiro. Botelho (2006, p. 328) constata, nesse espaço de institucionalização da crônica, que

uma breve observação nos periódicos nas primeiras décadas do século XX nos permite dizer que a imprensa do Rio de Janeiro ampliou o espaço dedicado aos esportes. Esta ampliação se dá no momento em que a imprensa se direciona para o amplo público que se formava em torno do futebol, tomando como alicerce o caráter empresarial que caracterizava os grandes jornais (BOTELHO, 2006, p. 328).

Assim, o discurso futebolístico, no Brasil, nos anos 50, demonstra representações simbólicas de referentes como, por exemplo, a “pátria de chuteiras” e “país do futebol”. Esses enunciados foram construídos pelo embate entre discursos identitários brasileiros frente aos discursos de dominação do futebol de outros países, bem como pelo crescimento populacional das torcidas no próprio país.

Nesse sentido, compreende-se que o político das crônicas futebolísticas está nas relações que os discursos estabelecem entre si na materialidade linguística. Se, na afirmação de Pêcheux (1983), discursos são efeitos de sentidos entre interlocutores, os quais constituem os deslocamentos e inversões de posições entre sujeitos, logo o sentido é construído pelas/entre as formações discursivas que, segundo o próprio autor, são lugares históricos provisórios do sentido.

Desse modo, a constituição do simbólico⁴⁶ é representada, no campo da linguagem, pelo significante, parte estrutural da língua ligada ao inconsciente. Para Lacan (1998), o inconsciente é representado por um conjunto de significantes. É formulado pela linguagem. Nas brechas do discurso consciente, o inconsciente deixa suas marcas. As relações simbólicas estão relacionadas com os sujeitos dos discursos. O sujeito lacaniano é clivado pelo Outro. O inconsciente é o discurso do Outro, o registro do simbólico. (LACAN, 1998)

Mas, se por um lado, o simbólico representa, pelo significante, a presença do Outro, o confronto entre o político⁴⁷ e o simbólico resulta em um estado de tensão e subjetivação dos discursos do outro⁴⁸. A crônica esportiva, como lugar de tensão e subjetivação dos discursos, busca formular “múltiplas identificações – imaginárias e/ou simbólicas – com traços do outro”. (CORACINI, 2007, p. 61)

⁴⁶ A noção de simbólico, conforme Henry (1992, p. 34), é “aquilo que, na linguagem é constitutivo do sujeito como efeito”.

⁴⁷ Para Orlandi (1998, p. 74), o político compreendido discursivamente significa que o sentido é sempre dividido, tendo essa divisão uma direção não é indiferente às injunções das relações de força que derivam da forma da sociedade na história.

⁴⁸ Esta categoria será analisada de modo mais consistente no capítulo 3.

Construindo outras possibilidades de interpretação, a crônica abre espaço para refletir a textualização do político na língua. Nas crônicas de futebol, esse jogo pode ser representado por interesses entre os discursos no mesmo espaço discursivo, constituindo divisões de poder entre formações discursivas que habitam os segmentos discursivos.

Pode-se constatar dessa forma que os posicionamentos das formações discursivas estão em relação de concorrência, buscando maior legitimidade enunciativa daquilo que foi dito. Podemos refletir essa relação de concorrência entre as formações discursivas⁴⁹ (doravante FD's) na década de 50, com a situação vivenciada pelos brasileiros. Na situação sócio-política, havia transição e transformação, e, no futebol, não seria diferente. Os discursos em evidência na sociedade brasileira são representados ideologicamente por discursos de legitimação do espaço discursivo do futebol brasileiro, os quais propiciam lugares de tensões. Essas tensões estão na ordem e relação do simbólico com o político.

Esse processo de simbolização abre espaço para a incompletude dos discursos. Orlandi (2001, p. 114) destaca que “a incompletude é o indício da abertura do simbólico, do movimento do sentido e do sujeito, da falha, do possível”. Ou seja, a incompletude dos discursos se manifesta pelas práticas discursivas instauradas nas instâncias discursivas. Na crônica de futebol, como efeito das manifestações discursivas, há posições de confrontos entre diferentes discursos, tais como discurso autoritário⁵⁰ e não-autoritário, os quais são inferidos por posicionamentos contrários ao processo identitário e de formação da cultura brasileira a partir do futebol.

O texto pode estar completo em suas dimensões estruturais, mas o discurso se mostra incompleto, uma vez que ele não é texto, mas está no texto. Assim, o discurso toma forma na incompletude do texto e nisso se constitui. A evidência é considerar o texto como ponto de partida para a análise discursiva. A crônica, particularmente a futebolística, como lugar de formações discursivas diferentes, abre caminhos para diferentes representações do sujeito com o mundo.

⁴⁹ Pêcheux (1975, 2009, p. 147) considera a formação discursiva como aquilo que, “numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito*”

⁵⁰ O discurso autoritário, bem como outras formas de apresentação do discurso na crônica, será tratado no capítulo 3.2

Desse processo, ocorre o equívoco. Para Pêcheux (2008, p. 50), o equívoco é “jogo de diferenças, alterações, contradições” da ordem do simbólico que acomete a linguagem. Conseqüentemente, promove falhas na língua, as quais são postas em discussão como sentidos contraditórios, uma vez que a palavra, em seu funcionamento (fala e escrita), produz diferentes interpretações.

Portanto, como visto, o simbólico produz sentidos na crônica de forma institucionalizada por meio dos discursos instaurados nos confrontos entre as formações discursivas estabilizadas pelas condições de produção. Um exemplo são as condições colocadas em diferentes perspectivas discursivas com o estabelecimento do enunciado derrota ou vitória.

Conforme a formação discursiva, o posicionamento interpretativo difere, uma vez que os lugares discursivos são distintos. O que significa derrota da seleção brasileira para o torcedor brasileiro? E para o Estado? E para os intelectuais? Percebe-se que há segmentações divergentes quanto à imagem construída discursivamente entre as esferas sociais. De outra maneira, quais são as formas do discurso sustentáculos dessas posições? Quais são os estatutos de autoridade que representam e legitimam o dizer na crônica? Esses assuntos serão discutidos nos capítulos seguintes.

2.2.2 A Crônica a Literatura e a Imprensa: Uma Relação Amistosa?

Historicamente, somente a partir do século XIX, a crônica passou a ter a estrutura como é conhecida nos dias de hoje, caracterizada por uma narrativa curta e embasada em notícias e acontecimentos ligados ao comportamento e fatos produzidos pela sociedade. Para Coelho (2002, p. 56), “a crônica se apresenta como um texto literário dentro do jornal, e que sua função é a de ser uma espécie de avesso, de negativo da notícia”. Assim, a relação da crônica com o jornal é de cumplicidade e polêmica ao mesmo tempo. Isso a torna um texto que ora manifesta características literárias ora características jornalísticas.

Essa tendência elástica da crônica resulta em diferentes tipos e modelos, relacionados diretamente aos discursos inseridos nas sociedades, assim como os próprios modelos diversificados, tais como a crônica lírica, a social, a esportiva, a policial, dentre outras. Antes disso, era considerada um relato cronológico dos fatos sucedidos em qualquer lugar (COUTINHO, 1964). Isto é,

apenas uma narração de um fato histórico. Como exemplo, são consideradas as crônicas de viagem, pelas quais os viajantes, durante a época das grandes navegações, relatavam suas viagens pelos continentes. Fernão Lopes foi um escritor que tratou de produzir esse gênero textual.

Na chegada ao Brasil, a crônica passou a ser considerada um gênero tipicamente brasileiro, mesmo que ainda não fosse:

a crônica assumiu entre nós caráter *sui generis*. Em outros termos, estamos criando uma nova forma de crônica (ou dando erradamente esse rótulo a um gênero novo) que nunca medrou na França. Crônica é para nós hoje, na maioria dos casos, prosa poemática, humor lírico, fantasia, etc., afastando-se do sentido de história, de documentário que lhe emprestam os franceses (MOISÉS, 1982, p. 246).

Assim, desde o momento da introdução desse gênero literário no Brasil, a crônica propôs discussões em torno de sua estrutura e conteúdo. Há, pois, características divergentes que mostram essa disparidade. Se, por um lado, a composição do conteúdo é realizada com base em fatos cotidianos, dentre eles podemos citar o futebol, de outro lado, há uma subjetividade e liberdade de criação e opinião, visto serem produzidas, desde os primeiros anos do século XX, por escritores.

Houve divergências também na própria acepção da palavra crônica em sua generalização. Simon (2011) assevera ser preciso atenção sobre os textos instituídos por essa expressão. O pesquisador ressalta que as denominações, tais como crônicas policiais, políticas e esportivas aparecem comumente nas páginas dos jornais, contudo, possuem poucas afinidades com a qualificação literária.

No entanto, não é o que se percebe nas crônicas de Nelson Rodrigues. Elas resultam de construções esteticamente elaboradas, uma vez que sofrem influências da literatura e do teatro. Outro aspecto da crônica futebolística rodrigueana é a maneira como o futebol é abordado. Em diversas situações, há necessidade de defender o esporte, formulando, a partir dele, uma maneira de constituição da identidade nacional. Entre essas características peculiares da publicação, as crônicas de Rodrigues também foram viabilizadas em outros espaços de publicação, tais como o livro.

Nesse bojo, podemos relacionar a produção das crônicas esportivas com a própria formação das massas torcedoras, o que pode ser justificado, com a

profissionalização do futebol na década de 1930, ocasionando, com isso, a necessidade de registrarem-se os fatos esportivos, proporcionando o crescimento da crônica esportiva, gênero que começava a ter maior destaque nas páginas de jornal.

No Rio de Janeiro, a imprensa ampliou o espaço dedicado ao esporte. Botelho (2006, p. 328) ressalta que essa ampliação se dá no momento em que a “imprensa se direciona para o amplo público que se formava em torno do futebol, tomando como alicerce o caráter empresarial que caracterizava os grandes jornais.” Portanto, a imprensa e os escritores contribuíram para isso. Na década de 1950,

o futebol, a literatura, a imprensa e a música popular constituíram no Brasil um poderoso tripé para a implementação e – principalmente – a popularização do esporte nas grandes cidades do país. Escritores, jornalistas e músicos assumiram através de seus trabalhos um diálogo constante com seus pares e com os torcedores. Ao mesmo tempo, participaram ativamente do cotidiano do esporte, atuando não só como agentes culturais, mas também como cronistas, narradores esportivos, diretores de clubes, compositores de hinos e até mesmo como jogadores. As relações entre futebol, literatura, imprensa e música popular brasileira são, portanto, mais do que uma relação estética ou de inspiração temática, constituindo um novo espaço popular na sociedade. (COELHO, 2006, p. 231).

Como podemos notar, tanto os escritores como a imprensa tiveram um papel decisivo para a difusão do esporte. No aspecto narrativo, a crônica leva o leitor a uma distensão e a um momento de relaxamento face à agitação da vida urbana. Genette (1979) considera a narrativa a designadora o discurso oral ou escrito que assume a relação de um acontecimento ou de uma série de acontecimentos. Nesse ponto, salienta-se a linguagem utilizada na narrativa das crônicas. A maneira como o discurso oral é transformado num acontecimento⁵¹ faz delas uma mescla do jornalismo com a literatura, visto que buscam socializar os pormenores do cotidiano por meio das características orais da língua.

Com características ao mesmo tempo literárias e jornalísticas, a crônica assume um papel de destaque para a sociedade, pois se identifica com o cotidiano, com a proximidade da vida das pessoas. O cronista funciona como uma

⁵¹ Nessa ocasião, entendido como acontecimento histórico.

ponte entre as pessoas e os acontecimentos, transmitindo informação⁵² com leveza no uso da linguagem.

Na esfera jornalística, a crônica começou a ser escrita, como folhetim⁵³, somente no século XIX. Nesse período, havia pouca credibilidade no gênero, por isso era editada em um canto do jornal, sem destaque. Com o passar dos anos, o folhetim encurtou, transformando-se em um texto conciso, com o propósito de registrar o circunstancial. Sá (1997, p. 10) considera que “esse seu lado efêmero de quem nasce no começo de uma leitura e morre antes que se acabe o dia, no instante em que o leitor transforma as páginas em papel de embrulho”, faz da crônica um texto, muitas vezes, sem importância.

A passagem do folhetim para o modelo de crônica atual se deu a partir das observações de Paulo Barreto⁵⁴ (1881 – 1921), na transformação e modernização das cidades. Isso exigia uma mudança nas produções textuais no jornalismo. Afirma Sá (1997, p. 8) que o escritor “ia ao local dos fatos, para melhor investigar e assim dar mais vida ao seu próprio texto: subindo morros, frequentando lugares refinados e também a fina flor da malandragem carioca”.

Desse modo, surge o narrador-repórter. Um jornalista preocupado em noticiar particularidades do cotidiano, agregando nova sintaxe às construções textuais, tornando-as mais líricas, interpretativas e subjetivas. A crônica torna-se um texto curto, porém denso, levando o leitor a refletir sobre o acontecimento pitoresco em si, assim como no que aquele fato representa para a sociedade e para o modo de vida das pessoas.

Na superfície linguística da crônica, o uso da coloquialidade faz do leitor uma espécie de cúmplice dos acontecimentos narrados. Uma relação de intimidade com o leitor, já que se pretende, apesar da aparente superficialidade, desenvolver o tema também como se fosse por acaso (SÁ, 1997), o que faz a crônica assumir uma transitoriedade da informação nela contida.

⁵² “Podemos conceituar informação como um dado qualquer, passível de existência em qualquer nível, desde o celular até o essencialmente metafísico. A informação jornalística é o dado, o fato, a declaração, o fenômeno apreendido em sua singularidade”. (MACHADO; JACKS, 2001, p. 1)

⁵³ “Do francês *feuilleton*. Era um espaço livre no rodapé dos jornais, destinado a entreter o leitor e dar-lhe uma pausa de descanso em meio à enxurrada de notícias graves que ocupavam as páginas dos periódicos”. (BENDER; LAURITO, 1993, p. 15)

⁵⁴ Paulo Barreto representou o surgimento de um novo tipo de jornalista na imprensa brasileira do início do século XX. Até então, o exercício do jornalismo e da literatura por intelectuais era encarado como “bico”, uma atividade menor para pessoas que possuíam muitas horas vagas à disposição. O seu pseudônimo mais conhecido foi João do Rio.

Como produto de jornal, a crônica pode ser instituída como uma espécie de deslizamento no discurso jornalístico, uma vez que explora as falhas do sistema. Sistema esse demarcado pelas construções de valores e relações de poder entre as camadas sociais. Desse modo, há uma relação de construção discursiva na crônica, a fim de trazer à superfície textual as práticas sociais divergentes relacionadas com o interlocutor. Para Medeiros (2004, p. 95) “o discurso jornalístico engendra, como qualquer discurso, um ritual e que a crônica funciona como uma ‘falha’, ou melhor, uma das falhas desse ritual”.

É importante, pois, o estudo do discurso jornalístico para o entendimento do funcionamento da crônica, uma vez que está ligado a práticas sociais e temporais. Mariani (2003, p. 33) explica que tal estudo é necessário, pois o discurso jornalístico, “enquanto prática social, funciona em várias dimensões temporais simultaneamente: capta, transforma e divulga acontecimentos, opiniões e idéias”. Isso tudo se liga à constituição de tempo. O discurso jornalístico assume uma posição presente, mas, ao mesmo tempo, resgata o passado, pela memória, legitimando aquilo que é dito no futuro.

Nesse processo, ocorre uma institucionalização dos sentidos, pois funciona como um elo entre o passado, cristalizando a memória do que foi dito ou visto, com o futuro, construindo a memória do que está por vir. O discurso jornalístico representa

lugares de autoridade em que se efetua algum tipo de transmissão de conhecimento, já que o falar sobre transita na co-relação entre o narrar/descrever um acontecimento singular estabelecendo sua relação com o campo de saberes já reconhecido pelo interlocutor. (MARIANI, 1999, p. 60)

Como podemos notar, há um agrupamento das informações narradas/descritas que servem como lugar de confronto e institucionalização do discurso autoritário no discurso jornalístico. Desse modo, a crônica, do ponto de vista jornalístico, caracteriza-se por manter com o interlocutor uma relação de conhecimento com o passado, visto que ela se serve dos aspectos temporais para estabelecer, com o interlocutor, um já-dito que procura condicionar um saber a dizer.

No discurso jornalístico, o campo de saberes se constitui em um conjunto de formações discursivas que têm, por objetivo, a aceitação dos enunciados dispersos nas materialidades linguísticas inseridas no meio midiático,

corroborando a manutenção dos discursos em circulação na sociedade. Coracini (2007, p. 62) explica que o discurso jornalístico “trabalha no inconsciente, no sentido de deixar viva a memória discursiva”.

Nesse sentido, se uma das características discursivas da crônica é a relação com o fato passado, temos, então, um trabalho da memória discursiva⁵⁵, na qual se mantêm os discursos institucionalizados circulando nas esferas sociais, contribuindo para o efeito de verdade em seus interlocutores. Esse efeito é fruto da tensão própria da informação que sustenta o discurso jornalístico, uma vez que ela, a informação, segundo Charaudeau (2006), é produto da linguagem e a linguagem, não sendo transparente em relação ao mundo, implica num ponto de vista e apreensão particular do objeto por parte do sujeito.

Ainda, para Coracini (2007, p. 62), a imprensa “camufla, assim, seu caráter ideológico pelo pretense compromisso com a verdade e, evidentemente, colabora para a construção do imaginário do leitor”. Esse processo se reflete no inconsciente do leitor, construindo uma imagem onipotente do discurso jornalístico. A conferência desse poder à mídia está ligada ao alcance e circulação dos discursos pertencentes ao discurso jornalístico. Em todas as camadas sociais, podemos observar a propagação da ideologia por meio desses discursos. O discurso jornalístico compila outros dispersos na sociedade, manifestando e circulando sentidos.

A crônica esportiva da década de 1950, especificamente, traz em seu bojo discursos do imaginário de nação. Para que isso fosse construído por meio da crônica futebolística, foi preciso compreender algumas transformações políticas e sociais que colaboraram para esse imaginário.

Isso posto, podemos relacionar essa forma de poder e manipulação com a crônica e o discurso jornalístico. De um lado, pois, a crônica mantém discursos que autorizam o brasileiro a aceitar o país como ele é, sendo determinado a acreditar na soberania do país diante de países estrangeiros. Uma possibilidade de adesão desses discursos advém das condições do sistema político instaurado nesse período. A saber, operavam-se novas propostas de nacionalismo e liberalismo, conduzidas por Vargas, assim como o programa nacional-desenvolvimentista, proposto por JK. Neste segundo, particularmente, os discursos

⁵⁵ Essa categoria discursiva será abordada no capítulo 4.

de imaginário de nação estavam mais latentes na população. O futebol contribuiu para isso, visto que a seleção brasileira representava o país em jogos internacionais, como a Copa do Mundo. Portanto, percebe-se a manutenção do discurso político na produção das crônicas esportivas na década de 1950.

Diante disso, o discurso político se apropria do discurso jornalístico para obter o controle da ideologia. Ainda que o discurso jornalístico, em consonância com mídia, procure abster-se do discurso político, Charaudeau (2007, p. 17) lembra que “as mídias são utilizadas pelos políticos como um meio de manipulação da opinião pública – ainda que sejam para o bem-estar da população”.

Relacionando a circulação da crônica com o acontecimento no discurso midiático, e aí podemos incluir a imprensa esportiva como representante do discurso jornalístico, Charaudeau (2006, p.138) afirma que esse “acontecimento é suscitado, provocado por campo social diferente do domínio das mídias”. Ele ainda conclui que

as mídias têm como tarefa dar conta de acontecimentos que se situam numa co-temporalidade enunciativa. Por isso, devem tentar aproximar ao máximo os dois momentos opostos na cadeia temporal: *instante do surgimento do acontecimento* > instante da produção midiática > instante da saída do produto midiático > *instante do consumo da notícia*. (CHARAUDEAU, 2007, p. 133, grifo do autor).

Para o autor, o tempo do acontecimento do enunciado, o tempo da enunciação e o tempo da produção de sentidos pelo co-enunciador são distintos. Entretanto, no discurso cronístico, eles se misturam e se articulam como triplo presente – o que faz com que o passado histórico possa ser sempre atualizado, a depender dos interesses e valores da sociedade e da imprensa. Nesse posicionamento, o jogo de futebol não é somente uma partida esportiva disputada entre adversários num determinado momento e num dado espaço. Ele serve como lugar de encontros discursivos, visto que, por trás dele, há a manutenção, pela imprensa, da memória discursiva do processo de emancipação e profissionalização do futebol brasileiro, a inserção do negro no futebol, a disseminação do esporte pelo país e sua consolidação como esporte nacional, constituindo o chamado “país do futebol”.

Percebe-se, nesse sentido, que a produção da crônica esportiva, além de ter um caráter lúdico-reflexivo, de levar ao interlocutor um momento de

diversão e reflexão sobre o acontecimento futebolístico, materializa, pela mídia, os discursos provenientes do processo de emancipação brasileira. Discursos estes que foram constituídos pelas formações ideológicas instauradas desde o período de colonização no Brasil.

Quanto ao discurso jornalístico, há construção de um efeito de verdade no interlocutor, um funcionamento imaginário⁵⁶ de uma época: “o discurso jornalístico tanto se comporta como uma prática social produtora de sentidos como também, direta ou indiretamente, veicula as várias vozes constitutivas daquele imaginário”. (MARIANI, 2003, p. 33)

A crônica não é diferente nesse ponto. Ela constrói um imaginário de nação nos interlocutores. A representação que ela propõe, por meio dos discursos da sua materialidade linguística, está centrada no que venha a ser a configuração da nação ideal, de uma seleção de futebol campeã e do brasileiro vencedor. Essas representações imaginárias se inserem na relação entre o brasileiro e o estrangeiro, constituindo o ser brasileiro em oposição ao outro dos discursos que constituem o discurso jornalístico.

Desse modo, a crônica, como manifestação discursiva, possui uma estreita relação com o discurso jornalístico. Pelo caráter de tempo, acontecimento e imaginário, funciona como mecanismo de configuração da identidade brasileira.

Se pensarmos na crônica esportiva de Nelson Rodrigues, isso também acontece, já que também passa por essas condições. Não é pelo fato do conteúdo ser em torno de notícias de jogos de futebol, que o jornalista não atribuía “literariedade a determinadas crônicas” (SIMON, 2011, p. 39).

Vale ressaltar a notícia esportiva da década de 1950 como pressuposto para a constituição da crônica, para a produção esportiva e futebolística da época. Na década de 50, o Brasil contava com jogadores de alto desempenho dentro de campo, como Pelé e Garrincha, e, apesar da derrota no início da década, sua seleção constituía-se como uma das melhores do mundo. Os jogadores tinham certa valorização no estrangeiro. Os times de futebol (pelo menos dos grandes clubes) já possuíam uma estrutura formada. Todo esse processo contribuiu para a produção das notícias e, com efeito, as crônicas esportivas de Rodrigues.

⁵⁶ Para Orlandi (1994, p. 57), a relação entre a linguagem e o mundo não é direta, “mas *funciona* como se fosse, por causa do imaginário”. (grifos da autora)

Dessa maneira, para que a crônica esportiva se configure na esfera do discurso literário, deve apresentar algumas características que permeiam o contexto da obra literária, bem como algumas condições de produção para que se estabeleça o discurso literário.

Maingueneau (1995, p. 7), enquadrando a literatura no universo discursivo, enfatizando o contexto da obra literária como ponto de apoio para análise do discurso literário, explica que “a literatura não é apenas um meio que a consciência tomaria emprestado para se exprimir, é também um ato que implica instituições, define um regime enunciativo e papéis específicos dentro de uma sociedade”. Levando esses aspectos em consideração, qual seriam os modos enunciativos que constituem a crônica? É importante, nessas condições, relacionar o funcionamento das instituições legitimadoras dos discursos da crônica esportiva com a função-autor nela condicionada.

Maingueneau (1995, p. 7) ainda categoriza três momentos definidores da produtividade do texto literário: enunciação, escritor e sociedade. Essas três categorias condicionam o fazer literário, conduzindo o contexto da obra a uma instituição literária (MOURA, 2008). Esse cargo de instituição que a produção literária instaura legitima a própria literatura e o discurso literário.

Na crônica esportiva, isso pode ser constatado pelo próprio campo de sua criação, visto que a obra “é indissociável das instituições que a tornam possível” (MAINGUENEAU, 1995, p. 19). Podemos considerar o futebol e o jornal como instituições reguladoras dos discursos configurados na crônica futebolística de Rodrigues. Isso gera não somente discursos sobre o mundo, mas confirma a própria presença da literatura na sociedade, produzindo sentidos, os quais devem se relacionar diretamente com as instituições literárias.

Outra pertinência no campo literário introdutor da obra na esfera do discurso literário é o conceito de *paratopia*, proposto por Maingueneau (1995, p. 28), cujo conceito é uma relação paradoxal do lugar que a literatura exerce na sociedade.

A literatura define de fato um “lugar” na sociedade, mas não é possível designar-lhe qualquer território. Sem “localização”, não existem instituições que permitam legitimizar ou gerir a produção e o consumo das obras, conseqüentemente, não existe literatura. (MAINGUENEAU, 1995, p. 28)

O lugar da crônica esportiva que a legitima é representado pelo contexto de produção jornalística, assim como as questões voltadas ao processo de urbanização do país. A construção discursiva desses lugares contribuiu para a (re)produção do enunciado, no governo de JK, “50 anos em 5”, o qual conjecturou uma existência paradoxal, pois se configurava, de um lado, no plano político e, de outro, em diversos setores da sociedade. Esse paradoxo se mostrava de forma distorcida, visto que configurava, ao brasileiro, uma aparência de Estado próspero, no entanto, a prosperidade não se mostrava no futebol, visto que o país não conquistou as Copas de 1950 e 1954.

Desse modo, o contexto da obra literária se configura como a própria instituição literária, visto que ela própria se legitima, configurando-se num *discurso constituinte*⁵⁷. Se tomarmos, então, o discurso literário como um discurso constituinte, podemos considerar a crônica esportiva, na perspectiva discursiva, como um conjunto de formações discursivas concorrentes entre si sob a ótica da *paratopia*. Isto é, o processo de produção da crônica esportiva se dá na transição entre o lugar e o não-lugar que a literatura tem na sociedade. Ao mesmo tempo em que a crônica, discursivamente, é constituída por elementos fora da instituição literária, tais como o futebol, a notícia e as condições sociais brasileiras, é, também, formulada por elementos do lugar próprio da literatura, da instituição literária, do discurso literário. Isso pode ser observado por alguns aspectos de literariedade

Esse processo reside na compreensão da natureza do texto literário. Ou seja, deve-se compreender seu funcionamento sob o ponto de vista enunciativo, contemplando as condições histórico-sociais de emergência da obra. Assim, para Maingueneau (2006, p. 34), o texto literário deve ser entendido “como atividade, a primazia da interação, a reflexividade da enunciação, a inscrição dos enunciados em gêneros do discurso, uma concepção institucional do sentido, a inseparabilidade entre texto e contexto etc.”

A crônica futebolística, na perspectiva discursiva literária, pode ser remetida

⁵⁷ A noção foi introduzida por Maingueneau e Cossuta (1995), no artigo publicado na revista *Language*, 117. Delimita um conjunto de discursos que servem de alguma forma como fiadores de outros discursos. (Dicionário de Análise do Discurso, 2004, p. 126).

às suas próprias condições de enunciação, o que implica a consideração do estatuto do escritor associado a seu modo de posicionamento no campo literário; dos papéis vinculados aos gêneros; da relação com o destinatário construída através da obra; dos suportes materiais e dos modos de circulação dos enunciados. (MUSSALIM, 2011, p. 1456)

As condições de enunciação no campo literário são reguladas por espaços instituídos e definidos pelo lugar pertencente à crônica esportiva. A relação entre os interlocutores também é posta nas condições de enunciação, visto que há relações subjetivas entre a função-autor e o efeito-leitor⁵⁸.

Os papéis instituídos pela função-autor em Rodrigues são da ordem do direito da produção discursiva. Maingueneau (2006, p. 43) lembra que “de onde é possível vir legitimamente a fala, a quem pretende dirigir-se, sob qual modalidade, em que momento, em que lugar – eis aquilo a que nenhuma enunciação pode escapar.” Isso implica em representações possíveis da função-autor no momento da enunciação.

A manutenção dos papéis representativos, nesse contexto, se dá pela forma de gestão do contexto da obra literária, no que diz respeito à *paratopia*, e não como reflexo de uma época histórica. As situações comunicativas que englobam as crônicas futebolísticas produzidas na década de 1950 são de ordem jornalística e literária. Sob o enfoque literário, pode-se questionar o papel da literatura na sociedade.

Nelson Rodrigues (inscrito em um posicionamento no campo discursivo literário) assume uma posição de defesa do futebol-arte e do futebol como representante da nação brasileira, em relação a outros posicionamentos do mesmo campo. As condições de emergência dos discursos produzidos pela função-autor foram representativas e formuladoras de opiniões, apoiadas sob formações discursivas⁵⁹ determinadas pelo quadro ideológico instaurado nesse período.

Portanto, o discurso literário e a crônica esportiva convergem em alguns pontos no quais procuram estabelecer parâmetros de análise do texto literário sem deixar de lado os fenômenos linguísticos. Algumas modalidades enunciativas que estratificam essa relação serão estudadas no capítulo seguinte, tais como as

⁵⁸ Orlandi (2001) compara sujeito-leitor à função-autor, pois é um efeito que resulta de confrontos discursivos.

⁵⁹ Para Pêcheux (1983), elas são caracterizadas pelas relações entre as classes sociais, implicando na existência de posições ideológicas e políticas, as quais mantêm relação de antagonismo, de aliança ou de denominação.

categorias de dêixis discursiva, heterogeneidade enunciativa, memória discursiva, interdiscurso e identidade brasileira.

2.3 O OUTRO E A HETEROGENEIDADE ENUNCIATIVA

2.3.1 A Alteridade em Análise do Discurso

Desde as pesquisa de Bakhtin (1997 [1929]), acerca do princípio dialógico da linguagem, há uma acentuação do primado do outro sobre o mesmo. Isso porque, na teoria sócio-interacionista, toda palavra é dialógica em sua natureza. Há, portanto, a pressuposição do outro na construção da linguagem. Brandão (2003, p. 8) concebe a linguagem como “forma de interação social em que o outro vai desempenhar um papel fundamental na constituição do significado e insere todo ato de enunciação num contexto [...] entre o linguístico e o social”.

Dessa forma, o sujeito, para a AD, é constituído pelas relações sociais. É histórico-ideologicamente situado e se constrói na interação com o outro. Essas tendências discursivas de análise dos enunciados permitiram à AD “abordar o estudo da *construção* dos objetos discursivos e dos acontecimentos, e também dos ‘pontos de vista’ e ‘lugares enunciativos no fio intradiscursivo’”. (PÊCHEUX, 1983, p. 316)

Nesse sentido, o eu constrói o discurso no reconhecimento do discurso do *outro*. Assim, mobiliza-se o outro para o quadro da heterogeneidade. Pêcheux (1997, p. 316) afirma que há uma sobreposição do “discurso de um *outro*, colocado em cena pelo sujeito, ou discurso do sujeito se colocando em cena como um *outro*”. Essa troca de funções nas formas linguístico-discursivas, mobilizadas pelos sujeitos, assume um papel de formulação de sentidos nos discursos e nas formações discursivas. Com efeito, acentua-se o estudo do outro. O sujeito do discurso se constitui pelo que o outro é. Nessa posição, o indivíduo sofre um processo de assujeitamento. O eu do discurso passa a ser, nessa perspectiva, dominado pelo outro.

Vistos dessa maneira, os estudos sobre o processo de alteridade passam a ser um dos campos mais fecundos da AD de linha francesa. Assim, para que esse “estatuto *outro*” (AUTHIER-REVUZ, 1982) viesse a ser considerado um terreno fértil para os estudos discursivos, os teóricos analistas do discurso tiveram

de obedecer a critérios teórico-epistemológicos complexos. Assim, o Outro/outro pode ser definido por diferentes perspectivas teóricas, nas quais, de início, sofreram influências dos trabalhos de Bakhtin (1929), Lacan (1979) e Freud.⁶⁰

A AD, pela influência da concepção do Outro⁶¹ lacaniano, formula a concepção de sujeito, segundo a qual, este há relação direta com o inconsciente “como se houvesse sempre, sob as palavras, outras palavras, como se o discurso fosse sempre atravessado pelo discurso do Outro” (MUSSALIM, 2009, p. 107). O sujeito seria definido em função da relação que se estrutura com o inconsciente. Para Authier-Revuz (1990), o discurso atravessado pelo inconsciente está atrelado a um sujeito não homogêneo, que se torna clivado, descentrado, dividido, resultando em um efeito de linguagem.

Para a AD e, particularmente, para Pêcheux, existe uma relação do sujeito e o Outro Lacaniano por dois aspectos. Em um deles, a teoria lacaniana vai ao encontro das formulações propostas pela AD no sentido de explorar o sujeito descentrado, clivado. Noutro aspecto, há uma ruptura no modo de constituição da relação entre o sujeito e o Outro. Busca-se, na atividade linguageira, uma explicação, com base no materialismo histórico, marca de inscrições do sujeito na relação com o Outro. O sujeito, assim, é interpelado pela ideologia e constituído pela linguagem. Henry (1992, p. 188) ressalta que “o sujeito é sempre e, ao mesmo tempo, sujeito da ideologia e sujeito do desejo inconsciente e isso tem a ver com o fato de nossos corpos serem atravessados pela linguagem antes de qualquer cogitação.”

Dessa maneira, a AD propõe um viés de estudo do outro pelas concepções marxista e althusseriana. Enquanto o Outro de Lacan se apresenta em condições de igualdade com o eu, sem dominação de alguma parte, o outro da AD não se apresenta nessa conjuntura. Para Pêcheux (1997), a relação do outro com o eu, com o sujeito do discurso, é uma relação de dominância, na qual há um primado do outro sobre o mesmo. Isso se dá pelo fato de as questões da ideologia não serem unas, homogêneas, visto que “[...] a ideologia [...] é a relação social que tem por objeto representações; e, além disso, que o objeto da representação não é a

⁶⁰ Freud (1933, livro 28, p. 90) denomina “um processo psíquico inconsciente, cuja existência somos obrigados a supor - devido a um motivo tal que inferimos a partir de seus efeitos - mas do qual nada sabemos”.

⁶¹ Considera-se o Outro lacaniano como a “situação empírica concreta na qual se encontra o sujeito, marcada pelo caráter da identificação imaginária onde o outro é um outro eu (outro com o minúsculo) e o processo de interpelação-assujeitamento do sujeito, que se refere ao que J. Lacan designa metaforicamente pelo Outro com O maiúsculo” (PÊCHEUX; FUCHS, 1997, p. 177).

materialidade dos homens e da natureza, mas sim as relações sociais ‘reais’”. (ALTHUSSER, 2003, p.41).

Podemos pensar, então, que, para Althusser e, com efeito, para Pêcheux, a ideologia não está no mundo das ideias, mas sim, existe materialmente, construindo-se na prática das relações sociais. A partir disso, Althusser define que “não existe prática senão através de e sob uma ideologia” e “não existe ideologia senão através do sujeito e para sujeitos” (ALTHUSSER, 2003, p.42). Assim, o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia.

Nesse sentido, considerando a ideologia como elemento articulador do discurso do sujeito com o outro, há sempre uma redistribuição dos discursos nos espaços discursivos. Maingueneau (2005) considera não haver desaparecimento total de um ou outro discurso, mas sua recolocação, recuando, em alguns casos, à periferia do espaço discursivo, isso porque, para o pesquisador, o outro é ideológico. Esse movimento discursivo significa que “todo enunciado do discurso rejeita um enunciado, atestado ou virtual, de seu Outro do espaço discursivo. Quer dizer que esses enunciados têm um ‘direito’ e um ‘avesso’ indissociáveis”. (MAINGUENEAU, 2005, p. 40)

Disso, entende-se o outro como um processo dialógico de todo enunciado. Esse funcionamento se dá no âmbito do intradiscurso⁶². Vale dizer que uma das ocorrências desse processo é o conflito regrado entre o outro e o mesmo, configurando-se em uma unidade na formação discursiva.

Nessa perspectiva teórica, o outro pode ser visto sob viés dialógico e heterogêneo. Authier-Revuz (2004, p. 25) considera, na visão dialógica, bakhtiniana, o outro como “*um outro que atravessa constitutivamente o um*”⁶³. Isto é, a construção do sujeito do discurso é composta pelo outro no fio do discurso. Esse fio é de ordem enunciativa, ou seja, para a autora, o atravessamento é perceptível pelas representações enunciativas nas cadeias de significantes.

A constituição dos sentidos, nesse processo de atravessamento entre o outro e o eu, para Authier-Revuz (2004, p. 26), “não está, pois, jamais pronto, uma vez que ele se produz nas situações dialógicas ilimitadas que constituem suas leituras possíveis: pensa-se evidentemente na ‘leitura plural’”. De outra forma, para que os discursos entre o outro e o eu produzam sentidos, é necessário considerá-los

⁶² Caracteriza-se o intradiscurso, em Pêcheux (1988, p. 167), como o fio do discurso do sujeito.

⁶³ Grifos da autora.

em determinadas formações discursivas, visto que elas podem dissimular os sentidos ali existentes. Pêcheux alerta para o fato de que

O próprio de toda formação discursiva é dissimular, na transparência do sentido que ali se forma, a objetividade material contraditória do interdiscurso determinando essa formação discursiva como tal, objetividade material que reside no fato de que “isso fala”, sempre, “antes e em outro lugar e independentemente. (PÊCHEUX, 1988, p. 147)

Se levarmos em consideração os discursos produzidos nessa relação em condições de produção⁶⁴, bem como o interior de uma formação discursiva, essas leituras inscrevem o outro no processo histórico, pois este determina as posições ideológicas daquele, assumindo uma posição sócio-histórica. Orlandi (2005, p. 53), nesse ponto, considera ser a significação dos discursos produzidos pelo sujeito, em dadas condições determinadas, impelida, “de um lado, pela língua e, de outro, pelo mundo, pela sua experiência”.

Compreende-se, assim, o discurso do outro como sendo parte integrante de uma estrutura, assim como possibilidade de acontecimento⁶⁵. Em situações enunciativas, Authier-Revuz (2004, p. 37) afirma que o “lugar ‘do outro discurso’ não é *ao lado*, mas *no* discurso”⁶⁶. Podemos situar o discurso do outro, portanto, como constituição indissociável do discurso do eu. Para que se produza sentido naquilo que é dito no discurso do eu, é necessário estabelecer gestos de leitura para a compreensão do outro no fio discursivo.

Esses gestos de leitura compreendem o outro como condição de constituição do discurso. Segundo Authier-Revuz (2004, p. 46) “é uma *fronteira interior*, que marca no discurso a relação constitutiva com o outro.” Para a AD, trata-se de considerar o discurso como heterogêneo. A heterogeneidade, nesse caso, é a condição para que o discurso se constitua nas práticas discursivas. Para Pêcheux (1969), isso se dá no seio de uma formação social e em uma conjuntura dada.

Outro parâmetro para a análise da representação do outro no futebol é estabelecer e situar as instituições e representações do futebol, como forma de

⁶⁴ Para Robin (1977, p. 88), o discurso difere-se da condição de enunciado linguístico por se inserir em determinadas condições de produção. (Ver ROBIN, R. História e lingüística. São Paulo: Cultrix, 1977).

⁶⁵ Pêcheux (1983) propõe, em seus últimos estudos sobre o discurso, que ele é da ordem da estrutura linguística e, ao mesmo tempo, do acontecimento do ponto de vista do próprio discurso. Ou seja, o discurso possui uma historicidade que deve ser levada em consideração no ato analítico.

⁶⁶ Grifos da autora.

legitimação do discurso do outro sobre o discurso do eu. Inicialmente, vale destacar a concepção de Mariani sobre o que vem a ser instituição. Segundo Mariani (1999),

o que chamamos de instituições é fruto de longos processos históricos durante os quais ocorre a sedimentação de determinados sentidos concomitantemente à legitimação de práticas ou condutas sociais. São práticas discursivas que se legitimaram e institucionalizaram, ao mesmo tempo em que organizaram direções de sentidos e formas de agir no todo social. (MARIANI, 1999, p. 51)

Nessa perspectiva, toda forma de conduta discursiva no processo de enunciação na crônica deve ser legitimada por essas instituições, para que o discurso do outro seja aceito no/pelo discurso e vice-versa. Dessa maneira, o outro se constitui de instituições que regularizam a prática discursiva⁶⁷, ao mesmo tempo em que condiciona à manutenção dos discursos presentes na materialidade linguística, com o objetivo de se valer o interdiscurso, ou seja, o “já-dito que torna possível todo dizer”. (ORLANDI, 2005, p.11). A pesquisadora ainda explica que “de acordo com esse conceito, as pessoas são filiadas a um saber discurso que não se aprende, mas que produz seus efeitos por intermédio da ideologia e do inconsciente”.

Decorrente do processo de efeitos produzidos pela ideologia e pelo inconsciente, o outro no/do futebol pode ser compreendido sob alguns aspectos: o processo de institucionalização do futebol; a atuação do discurso jornalístico e, por último, o discurso literário como legitimação⁶⁸ de outros discursos que compõem o espaço discursivo da crônica.

As representações do outro pelo discurso jornalístico são construídas a partir da implantação da imprensa no país, particularmente com a vinda da família real portuguesa ao Brasil, em 1808. Daí em diante, ocorreu um processo de institucionalização da imprensa nacional, tornando-a um aparelho midiático reprodutor da ideologia dominante, vindo a funcionar, portanto, como um

⁶⁷ Entendida na concepção de Foucault (1995, p. 154), na qual consiste em um “conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no espaço e no tempo, que definiram em uma época dada e para uma era social, econômica, geográfica ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciada”.

⁶⁸ Maingueneau (2006) considera o discurso literário como um discurso constituinte, no qual ele próprio se constitui como discurso, legitimando a si mesmo.

aparelho ideológico de Estado⁶⁹, no qual, para Pêcheux (1988, 2009, p. 131), “eles são seu lugar e meio de realização” da ideologia.

A Imprensa brasileira, desde sua constituição, voltava-se para assuntos e noticiários da Europa, pouco se viam notícias locais. Na época, constituía-se por dois jornais: *A Gazeta do Rio de Janeiro* e o *Correio Braziliense*. Mariani (2003, p. 32) afirma que “em ambos os jornais focalizava-se, comentava-se, discutia-se o panorama político-econômico europeu; em raros momentos [...] discutia-se a situação brasileira”.

Nessa perspectiva, podemos considerar as formulações do outro se constituindo ideologicamente pela influência europeia. Para Mariani,

esse discurso jornalístico se insere no fluxo de um imaginário europeu que vem se organizando desde a descoberta do Novo Mundo. Este falar sobre o Brasil passa a integrar, e ao mesmo tempo divulgar, o conjunto de discursos (literários, etnológicos, políticos, religiosos etc.) que desde o século XVI vem produzindo sentidos, instaurando memórias (MARIANI, 2003, p. 32)

O processo de constituição da memória, nesse sentido, é instaurado a partir do conjunto de discursos no Brasil do ponto de vista europeu. A sociedade brasileira, no início do século XX, sofreu influências ideológicas da imprensa, que servia como aparelho ideológico das classes dominantes.

A imprensa funcionaria como uma máquina midiática escrita que teria como objetivo, no entendimento de Charaudeau (2007, p. 114), um duplo processo e transformação e de transação da notícia. Isso consistiria em transformar o acontecimento bruto no estado midiático construído, isto é, de notícia. Daí, haveria uma reinterpretação de um acontecimento, à luz de uma instância receptora, no caso em questão da pesquisa, os portugueses, tanto da Europa quanto aos que residiam no Brasil. Grosso modo, tem-se o contrato de comunicação midiático que “gera um *espaço público* de informação e é em seu próprio quadro que se constrói a *opinião pública*⁷⁰”. (CHARAUDEAU, 2007, p. 115)

A figura do jornalista esportivo tornou-se, desse modo, a partir dos anos 30, um dos elementos responsáveis pela articulação dos significados inseridos nas esferas sociais. Ele exerce alguns papéis da instância midiática⁷¹, produzindo

⁶⁹ Sobre a constituição dos aparelhos, ver L. Althusser – Aparelhos Ideológicos de Estado.

⁷⁰ Grifos do autor.

⁷¹ Charaudeau (2007, p. 73) compreende a instância midiática como “uma entidade compósita que compreende vários tipos de atores. [...] Todos contribuem para fabricar uma enunciação

(ou reproduzindo) representações aparentemente homogêneas dos discursos presentes numa dada sociedade. Os papéis dos jornalistas esportivos colaboraram, então, para a manutenção da significação acerca da representação do futebol para a construção da identidade nacional, do ponto de vista cultural.

No futebol, entre os anos de 1930 a 1950, pelas instâncias midiáticas, a constituição do outro dar-se-ia pelas representações formuladas pelo brasileiro a partir das notícias circuladas na sociedade da época. A produção e circulação de notícias esportivas institucionalizariam o futebol como elemento próprio da cultura nacional. Esse processo foi construído pelos discursos que serviram de base para a configuração identitária no Brasil, como contrapartida a não aceitação dos discursos europeus. Isso se solidificou a partir das criações das agremiações de futebol, assim como os sindicatos esportivos e a CBD (atual CBF).

Essas instituições colaboraram para a constituição do outro no futebol, pois legitimavam o discurso jornalístico sobre/no esporte brasileiro. A formulação dessas instituições proporcionou ao futebol brasileiro condições para sair da situação de amadorismo e subserviência que se encontrava, no início do século XX, para consolidação do esporte como representante nacional de um país em ascensão social.

Nesse período, o discurso da imprensa esportiva⁷², que esteve sempre relacionado diretamente com os fatos do jogo, tornando-o como um discurso menor no espaço discursivo do jornalismo, passa a ter condições de igualdade em relação a outros discursos da imprensa. Isso se deve à credibilidade alcançada pelo futebol após a criação das confederações do esporte, tornando-o profissional. Nesse sentido, o futebol, a partir dos anos de 1930, teve projeção nacional. Conseqüentemente, os discursos produzidos e circulados nesse bojo buscavam representar a atmosfera cultural e social do Brasil.

Diante disso, cabe ressaltar os papéis e as representações do discurso da imprensa esportiva no estabelecimento e manutenção da cultura brasileira. As fórmulas discursivas⁷³ “país do futebol”, “o rei do futebol” e “futebol-arte”, por exemplo, foram instituídos por formações imaginárias construídas por

aparentemente unitária e homogênea do discurso midiático”. Para o autor, os papéis do jornalista como instância midiática são, pois, *mediador, revelador e intérprete*. (grifos do autor)

⁷² Nesta pesquisa, o discurso futebolístico será considerado sinônimo de discurso esportivo.

⁷³ Ver KRIEG-PLANQUE, A. A noção de fórmula em Análise do Discurso: quadro teórico e metodológico. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

discursos de afirmação da identidade brasileira frente ao outro. Esses enunciados ultrapassariam as linhas de campo de jogo, visto que, para Gastaldo (2003, p. 1), “o futebol jogado no Brasil é reinterpretado segundo os códigos da cultura brasileira”.

De outro modo, a constituição do outro nos discursos de configuração da identidade brasileira tomou por base a prática discursiva literária. Para Kristeva (1971a) *apud* Maldidier, Normand e Robin (2010, p. 85), a prática literária se situaria “na encruzilhada do sujeito com a história”, pois funcionaria como resposta aos fenômenos discursivos de sobredeterminação social e histórica. Maingueneau (2001, p. 7) corrobora esse posicionamento, considerando que a “literatura [...] é também um ato que implica instituições, define um regime enunciativo e papéis específicos dentro de uma sociedade”.

Os fenômenos discursivos e os regimes enunciativos, por sua vez, representam, na esfera literária, os diferentes modos de concepção do outro no futebol. Podemos, então, levantar alguns questionamentos sobre as práticas discursivas literárias que concorrem na materialidade linguística.

Primeiramente, qual(is) forma(s) a função-autor assume no processo enunciativo em Nelson Rodrigues? Maingueneau (2001), quanto à função enunciativa na literatura, assevera a necessidade da posição assumida no ato enunciativo pela função-autor para que se tenha uma qualificação na autoridade enunciativa. O que se diz pelo discurso literário na crônica de futebol, bem como as inscrições projetadas na cena enunciativa, fazem parte da construção do outro no futebol.

Uma possibilidade, então, para a construção do outro é a posição adotada pelo sujeito na cena enunciativa. O sujeito, ao estabelecer um paradigma de crítica cultural e etnocêntrica em suas crônicas, ao destacar o discurso de subserviência do brasileiro, está reproduzindo o que foi construído por outros discursos e pela memória discursiva desde o período de colonização no Brasil. Há confronto, pela prática discursiva literária, do Novo com o Velho Mundo em relação à construção identitária.

Assim, as posições tomadas pelo sujeito na construção dos discursos na esfera literária explicitam o posicionamento do outro no discurso. Na crônica futebolística, o outro é constituído a partir da posição adotada pela função-autor em Rodrigues. Na década de 1950, alguns lugares são adotados tais como

reacionário, revolucionário, anjo pornográfico etc. Essas posições autorizam o discurso do sujeito no texto.

Portanto, do ponto de vista do discurso literário e na construção da identidade nacional, o outro, no futebol, representa os discursos que contradizem as posições assumidas pelo sujeito das crônicas.

No capítulo seguinte, há uma abordagem do outro metodologicamente, visando a um procedimento de análise na crônica futebolística, para melhor compreender o processo dialógico da construção dos discursos identitários.

2.3.2 Heterogeneidades na Formulação da Crônica

Após as reflexões de Bakhtin (1929) sobre dialogismo, as pesquisas linguísticas partiram para novos estudos do discurso, considerando a relação sujeito/texto como efeito de sentido produzido por condições externas ao texto. Diante disso, a teoria da heterogeneidade constitutiva da linguagem, no interior do seu próprio desenvolvimento e formação, é configurada a partir do discurso do outro, sobretudo do ponto de vista dialógico.

O que se diz de maneira insistente através dessa rede de oposições é o lugar dado ao outro na perspectiva dialógica, mas um outro que não é nem o duplo de um frente a frente, nem mesmo o “diferente”, mas *um outro que atravessa constitutivamente o um*. É o princípio fundador [...] da subjetividade, da crítica literária, das ciências humanas em geral, etc.⁷⁴ (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 25, grifos da autora)

Todo discurso, dessa maneira, é atravessado constitutivamente por outros discursos (dialogismo), assim como pelo discurso do Outro (inconsciente). Dessa forma, há uma espécie de acúmulo de sentido na constituição dos discursos. Os sentidos construídos pela relação do outro com o eu no discurso se dão por meio do interdiscurso.

Há, assim, a impressão de que o dito já foi dito e constituiu sentido em outro lugar ou formação social. Orlandi (2006, p. 18) explica que “para que uma palavra tenha sentido é preciso que ela já faça sentido (efeito do já-dito, do

⁷⁴ Grifos da autora

interdiscurso, do Outro).” Em outras palavras, cria-se o efeito do pré-construído⁷⁵. Para Orlandi (2006, p. 18), é “a impressão do sentido lá que deriva do já-dito, do interdiscurso e que faz com que ao dizer já haja em efeito de já dito sustentando todo o dizer.”

Com efeito, podemos relacionar as posições do outro no processo de heterogeneidade constitutiva da linguagem com as formas-sujeito⁷⁶ de que trata Pêcheux (1975, 2009). Nessas condições, há deslizamentos de sentidos entre os interlocutores do discurso, visto que é pela posição ocupada pela forma-sujeito que o outro é reconhecido na constituição do processo enunciativo da linguagem, logicamente numa tomada materialista da linguagem.

Orlandi (2006) lembra que, nesse processo heterogêneo da constituição da linguagem, há um jogo das relações de força. Para a autora, “o lugar social do qual falamos marca o discurso com a força da locução que este lugar representa. Assim, importa se falamos do lugar de presidente, ou de professor, do pai [...] etc. (ORLANDI, 2006, p. 16)

Essas relações de força pré-estabelecidas entre os interlocutores numa determinada cena enunciativa, dentre as posições sociais que ocupam os sujeitos, não são neutras. No entanto, a não neutralidade dos discursos promove o lugar do sujeito em determinadas formações discursivas.

No processo de constituição da linguagem do ponto de vista enunciativo, o sujeito circunscreve glosas que indeterminam o seu discurso. O metadiscurso do sujeito, nesse caso, busca negar as formações discursivas em que ele está inserido ideologicamente.

Quando pensamos discursivamente a linguagem, tomamos o processo parafrástico como exemplo de recurso linguístico que se pode formular a heterogeneidade enunciativa. Isso se faz, para Authier-Revuz (2004, p. 42), como “orientação para o destinatário”, no sentido do que está sendo produzido no fio discursivo. Nas palavras de Orlandi (2005, p. 36), “os processos parafrásticos são

⁷⁵ A noção de pré-construído foi elaborada por Henry (1975) e desenvolvida, posteriormente, por Pêcheux (1975). “Pode ser entendido como a marca, no enunciado, de um discurso anterior.” (BRANCA-ROSOFF, 2008, p. 401) apud Charaudeau e Maingueneau (2008) – Dicionário de Análise do Discurso.

⁷⁶ A forma-sujeito tratada por Pêcheux (1975, 2009, p. 145-146) é uma forma ideológica de sujeito, e não o *sujeito de direito*. A forma-sujeito, portanto, para o filósofo, mascara, sob a “transparência da linguagem”, o que queira dizer ou o que realmente diz. Para que isso ocorra, há a interpelação da ideologia no processo enunciativo.

aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória”.

Sendo assim, a paráfrase é um recurso linguístico estabilizador do discurso, uma vez que tende a estabelecer parâmetros de matriz do sentido. Orlandi (2005, p. 38) explica que, nessa perspectiva, a paráfrase é matriz “pois não há sentido sem repetição, sem sustentação no saber discursivo”. Fuchs (1985), em estudos sobre a paráfrase, procura defini-la em circunstâncias não somente linguísticas, mas também enunciativo-discursivas. Para a autora, a paráfrase se inscreve em fatores referenciais, locutivos, pragmáticos e simbólicos. Estes dois últimos mais interessantes para a AD:

Ela pode de fato ser objeto de uma série de caracterizações opostas: - é um dado imediato da consciência dos locutores, mas é também o produto das construções teóricas linguísticas; - é uma atividade linguística dos sujeitos; e é uma relação entre um enunciado ou texto-fonte e suas(s) reformulação (ões) efetiva(s) numa situação dada, mas é também uma relação entre todos os enunciados virtualmente equivalentes na língua. (FUCHS, 1985, p.129)

Para a AD, a perspectiva da reformulação traz pesquisas mais produtivas. Isso se dá pela própria constituição dos enunciados: servem-se do dialogismo. O enunciado, assim, é construído por meio de reformulações de outros enunciados, buscando uma identificação do texto-fonte do qual foi parafraseado.

Se, para Pêcheux (1997, p. 53). “todo enunciado, [...] é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação”, o processo parafrástico, então, configura-se como um recurso linguístico fundamental para compreender o modo de funcionamento da alteridade discursiva.

Outro recurso semântico da natureza constitutiva da linguagem é a polissemia. Orlandi (2005, p. 36) explica que na “polissemia, o que temos é o deslocamento, ruptura de processos de significação. Ela joga com o equívoco”. Ou seja, o sentido no discurso é produzido a partir de relações polissêmicas, produzindo o diferente.

Ainda para Orlandi (2005, p. 38), “a polissemia é a fonte da linguagem uma vez que ela é a própria condição de existência dos discursos [...]”. Reside aí a afirmação de que o sentido proposto pelo processo polissêmico

configura-se pelo jogo do discurso com o objeto simbólico, produzido pelas diferentes proposições feitas na enunciação e pelos diferentes sentidos.

As formas plurais da palavra podem ser consideradas como constituição dos sentidos dos discursos. Na concepção de Bakhtin (1999, p. 113), “toda palavra serve de expressão a ‘um’ em relação ao ‘outro’. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise em relação à coletividade.” Pela relação e constituição da palavra com o exterior, com o não linguístico, visto que o sujeito também não é único, há referência a diferentes contextos, pelos sentidos fornecidos por outros. “Da mesma maneira, não é senão em relação aos outros discursos, no ‘meio’ que eles formam e ‘com’ eles, que se constrói todo discurso; os outros discursos são seu ‘exterior constitutivo’.” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 36)

Portanto, observa-se que é da própria constituição da linguagem ser heterogênea. Para Gallo (2001, p. 1), a heterogeneidade constitutiva refere-se a um esquecimento, pelo sujeito, a um nível do inconsciente determinante do seu dizer. Em razão disso, o sujeito acredita estar na origem daquilo que diz. Pêcheux (1975) formula esse processo como “esquecimento número um”.

No esquecimento número um, de acordo com Pêcheux (1975, 1988, 2009), o sujeito julga estar na origem do seu dizer. Isto é, tem a ilusão de ser ele quem produziu tudo o que foi e é dito. Esse esquecimento é de ordem ideológica e apaga a história da constituição dos sentidos do dizer do sujeito. Sendo assim, toda interlocução se caracteriza pela presença do outro.

Entretanto, Authier-Revuz (1982), não descreve instrumentos que fornecem parâmetros para análise da heterogeneidade constitutiva da linguagem, nas suas formas mostrada e não-mostrada. Mas, por outro lado, elabora instrumentos que servem para reconhecimento do outro. Assim, a pesquisadora formula a teoria da heterogeneidade enunciativa.

Em princípio, podemos estabelecer algumas considerações sobre a teoria da heterogeneidade mostrada.⁷⁷ Esse tipo de heterogeneidade é caracterizado, para Maingueneau (2008, p. 261), pela “presença localizável do discurso do outro no fio do discurso”. Entretanto, o processo não se dá de forma simples e independente. Para Authier-Revuz,

⁷⁷ A pesquisa não pretende esgotar todos os processos de heterogeneidade mostrada. Serão abordados apenas os que têm relevância teórico-metodológica para o trabalho em questão.

A heterogeneidade mostrada não é um espelho, no discurso, da heterogeneidade constitutiva do discurso; ela também não é ‘independente’: ela corresponde a uma forma de negociação – necessária – do sujeito falante com essa heterogeneidade constitutiva (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 72)

Dessa forma, podemos situar a heterogeneidade mostrada como procedimentos enunciativos correspondentes a uma espécie de negociações dos interlocutores no fio discursivo, as quais são assinaladas, como mostra Authier-Revuz (2004, p. 74), “a um aspecto da representação que o locutor dá de sua enunciação”. Essa representação indica, por sua vez, a constituição própria desse discurso. Para a autora, nesse processo, há uma não coincidência entre os discursos.

Diante disso, podemos considerar alguns procedimentos para análise dos textos da presente pesquisa, tais como as formas do discurso relatado. Nesse sentido, é possível destacar as formas sintáticas do discurso direto e indireto. Para Authier-Revuz (2004, p. 12), “no discurso direto, são as próprias palavras do outro [...]. No discurso indireto, o locutor se comporta como tradutor”. Ou seja, eles designam outro ato de enunciação na frase.

Os casos do discurso relatado relacionados ao discurso indireto indicam o locutor como tradutor do discurso. Significa dizer que o locutor do discurso remete a outro discurso como “fonte de ‘sentido’ dos propósitos que ele relata”. (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 12). Há, portanto, uma representação explícita do discurso do outro, supondo um trabalho interpretativo da parte do receptor do discurso.

As formulações propostas pelos discursos citados – o discurso direto e o discurso indireto – tratam, de um modo geral, das representações dos discursos, sobretudo das instâncias atribuídas aos interlocutores do processo enunciativo. O locutor, por conta da inscrição em uma determinada FD, dá lugar, no seu discurso, a outro discurso.

As representações colocadas nas formas de alusão ou remissão produzem efeitos de sentidos por usos de alguns recursos e fenômenos de modalização, tais como as aspas e o itálico. Tratam-se das *formas marcadas da conotação autonímica*⁷⁸ (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 13). No uso dessas formas, o locutor faz uso e menção do discurso do outro, colocando-se como comentarista do

⁷⁸ Grifos da autora.

discurso de outrem no seu fio discursivo. Esse lugar do outro inserido no discurso do locutor manifesta posições do sujeito em relação às formações discursivas as quais está inserido.

Como recurso discursivo, as aspas, na concepção de Maingueneau (1997, p. 90), “designam a linha de demarcação que uma formação discursiva estabelece entre ela e seu ‘exterior’”. As aspas funcionam como um acidente metalinguístico que demarca as fronteiras entre FD`s e seu exterior. Ela é recurso delimitador da fronteira entre discursos de diferentes formações discursivas.

Para Authier-Revuz (2004, p. 229), as aspas

se fazem ‘na borda’ de um discurso, ou seja, marcam *o encontro com um discurso-outro*. São uma balizagem dessa zona de demarcação mediante a qual, através de um *trabalho* sobre suas bordas, um discurso se constitui em relação a um exterior.⁷⁹

As bordas de que trata Authier-Revuz são os atravessamentos entre discursos, zonas de imbricação, de invasão de um discurso em outro. As aspas sugerem um equilíbrio instável, de tensão entre os discursos no interior do fio discursivo e os discursos do exterior. A interpretação disso decorre da questão da “identidade do locutor e sua relação com o mundo exterior.” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 230). Com efeito, a interpretação dos discursos imbricados em enunciados aspeados implica no posto identitário do sujeito do discurso, bem como uma formulação e configuração do processo identitário do outro.

Nesse sentido, para um recorte mais preciso sobre as funções das aspas nos estudos discursivos, como “marca de uma operação metalingüística local de *distanciamento*”⁸⁰ (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 219), cabe ressaltar algumas posições⁸¹ formuladas por Authier-Revuz (1982, 1990, 2004). Dentre elas, podemos citar as aspas de distinção, para diferenciar marcadores íntimos do vocabulário do locutor; as aspas de condescendência, em que uma mesma palavra, que pode ser apropriada pelo locutor, nem sempre pode ser pelo receptor do discurso; as aspas de proteção, que permitem ao locutor uma forma de prevenir uma réplica do

⁷⁹ Idem.

⁸⁰ Idem.

⁸¹ Não é o objetivo aqui esgotar todas as funções das aspas. Serão colocadas em questão apenas as que esta pesquisa pretende abordar nas análises discursivas.

receptor; as aspas pedagógicas e de vulgarização as quais permitem ao receptor apropriar-se mais facilmente do que foi dito.

Essas funções servem para mostrar uma relação de distanciamento da palavra posta no discurso com um conjunto de movimento de enunciação do discurso do outro e, conseqüentemente, da formação discursiva à qual ela se inscreve. Esse jogo discursivo colocado entre aspas “reforça a convivência entre os parceiros do discurso, visto que estão partilhando a mesma forma de se situar no interdiscurso” (MAINGUENEAU, 1997, p. 91). Isto é, em relação à construção do processo identitário, o procedimento metalinguístico é necessário para a manutenção do processo de alteridade, uma vez que comprova, explicitamente, a constituição do eu pelo discurso do outro.

Outros recursos, tal como a negação, apresentam uma forma de análise do enunciado pela proposição polifônica. Para Ducrot (1987), *apud* Maingueneau (1997, p. 80), “a enunciação da maior parte dos enunciados negativos é analisável como encenação do choque entre duas atitudes antagônicas, atribuídas a dois ‘enunciadores’ diferentes”. Nesse caso, os enunciadores fazem uma troca de oposições, em que um rejeita a posição enunciativa do outro.

Para os estudos da AD, cabe ressaltar a utilização da negação descritiva e a negação polêmica. Enquanto esta tem um funcionamento de paráfrase em relação ao enunciado posto, aquela mantém uma relação de contestação com a proposição negada. Além disso, Maingueneau (1997, p. 82) argumenta que a “negação polêmica mantém necessariamente uma relação de contradição com o enunciado que refuta, enquanto a negação descritiva é compatível tanto com a contradição como com a contrariedade.”⁸²

Em outros aspectos, podemos situar os procedimentos metalinguísticos das análises discursivas em situações de valores formuladas entre os interlocutores. Nesse sentido, os modos de colocação dos verbos na introdução dos discursos relatados incidem na interpretação dos enunciados.⁸³

⁸² Maingueneau (1997, p. 82) explica a diferença entre “contraditórios” e “contrariedade”: “Diz-se que dois enunciados são ‘contraditórios’ quando não podem ser a um só tempo verdadeiros ou falsos, no interior de uma situação de discurso dada: *Está frio* e *Não está frio* não podem ser verdadeiros simultaneamente. Fala-se de ‘contrariedade’ quando os enunciados positivos e negativos podem ser falsos simultaneamente: *Está calor* e *Está frio* são contrário pois, neste caso, só pode estar ameno”.

⁸³ Para Charolles (1976), *apud* Maingueneau (1997), alguns verbos incidem um valor de verdade sobre a posição cronológica: *replicar*, *repetir*, sobre o ponto de vista atribuído ao enunciador: *reconhecer*, *confessar*, sobre uma hierarquia: *ordenar*, *suplicar*.

Como se pôde observar, os mecanismos de heterogeneidade mostrada propõem uma articulação entre os discursos na materialidade linguística. São procedimentos metodológicos e linguísticos que tentam dar conta do processo discursivo, trazendo à superfície linguística os embates discursivos. No caso da presente pesquisa, em relação ao processo identitário.

No próximo capítulo, a pesquisa pretende analisar a questão da identidade do ponto de vista da AD, bem como correlacioná-la com o exposto nesse capítulo e com as teorias colocadas nos capítulos anteriores.

2.4 A IDENTIDADE EM JOGO E O JOGO DE IDENTIDADES

Este capítulo pretende levantar algumas hipóteses de análise em relação aos discursos que permeiam a materialidade linguística das crônicas de Nelson Rodrigues, cuja proposição está em constituir a atmosfera identitária do/no futebol dos anos de 1950, no Brasil.

As crônicas que são postas em análise fazem parte do conjunto de textos publicado na Revista *Manchete Esportiva*⁸⁴, dentre os anos de 1956 a 1958. Nesse período, mais precisamente em toda a década de 1950, o futebol brasileiro teve um salto em relação às décadas anteriores. A alavanca impulsionadora do esporte a uma projeção nacional vinha se solidificando devido ao crescente investimento do Estado na promoção do país frente a outros países, sendo também considerável a constante procura do futebol pelas classes mais baixas da população,⁸⁵ a ponto de ele ser elevado à condição de instituição nacional. Freyre (1994, p. 25) considerava como natural que “o futebol, no Brasil, ao engrandecer-se em instituição nacional, engrandecesse também o negro, o descendente de negro, o mulato, o cafuso, o mestiço”.

Nesse sentido, os discursos de constituição da identidade a que este capítulo se propõe a analisar estão em condições de produção ligadas aos contextos esportivos e a relação com a imprensa da época. O estilo da escrita de Nelson Rodrigues contribui para que suas crônicas sejam pontos de interseção da função-autor nos discursos, as quais fornecem subsídios para a menção da memória discursiva como produtora de sentido dos discursos presentes. Orlandi (2005, p. 30)

⁸⁴ A revista teve publicação semanal durante o período de 1955 a 1959.

⁸⁵ Os fatores que levaram o futebol a obter uma projeção nacional foram apresentados no capítulo 1.

ênfatiza que, nas condições de produção em sentido estrito, “temos as circunstâncias da enunciação: é o contexto imediato. E se as considerarmos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico, ideológico”.

Os contextos sociais, culturais e esportivos sobredeterminam os espaços discursivos das crônicas, servindo como condição para produções de discursos divergentes nas esferas sociais. Esses discursos refletem a memória discursiva presente na superficialidade linguística da crônica como o “saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, [...], sustentando cada tomada de palavra”. (ORLANDI, 2005, p.31). Dessa maneira, os enunciadores produzem sentido naquilo que dizem de acordo com a emergência estabelecida por cada FD e, conseqüentemente, cada formação ideológica (doravante FI).

Isso nos mostra que a instalação de novas representações não elide a coexistência dos sentidos tradicionais: como um “nó em uma rede” cada enunciado relaciona-se com outras séries de formulações, com outros trajetos que se cruzam e constituem identidades através da reativação da memória discursiva (GREGOLIN, 2005, p. 12)

As formas de organização dos discursos, portanto, produzidos a partir das intersecções dos enunciados, interferem nas representações projetadas pelos sujeitos na cena enunciativa. Nas crônicas a seguir, um dos objetivos é mostrar as possíveis representações identitárias que estão em jogo. Para isso, a manutenção dos discursos que representam e são representados pelo futebol promove um estudo das esferas sociais e das relações do Estado com a questão da nacionalidade e identidade do Brasil.

Do mesmo modo, devem-se considerar, para análise dos textos, alguns pressupostos relacionados à questão da identidade. Podemos citar algumas características⁸⁶ que constituem o ser brasileiro, dentre elas, as diferenças, os limites e as fronteiras propulsoras do futebol ao patamar de instituição nacional e representante da identidade brasileira. Essas peculiaridades são aspectos que o presente capítulo pretende abordar, com intuito de designar possibilidades de construção e efeitos de sentido para o brasileiro.

⁸⁶ Não é o objetivo da pesquisa esgotar todas características do brasileiro de cunho nacionalista uma vez que a pesquisa pretende abordar o processo identitário dado a partir do futebol por um viés discursivo.

Para isso, o corpus da pesquisa é composto pelas crônicas *Freud no Futebol, Abaixo a humildade! O quadrúpede de 28 patas, Complexo de vira-latas e É chato ser brasileiro*.⁸⁷ Nelas, percebe-se, de antemão, algumas relações marcantes do funcionamento da historicidade, outras instauradoras da problemática da produção de representações na sociedade brasileira para os incidentes do cotidiano do futebol, assim como diferentes condições de produção dos discursos que propiciam uma atmosfera para a consolidação do futebol como esporte nacional e da própria identidade do povo brasileiro.

O recorte realizado na primeira parte do capítulo é formulado em torno da representação da derrota. Percebe-se imposição do discurso do outro como o de superioridade em relação aos discursos da esfera futebolística brasileira e dos discursos sociais na década de 1950. Ao mesmo tempo, o capítulo pretende formular contrastes entre as formações discursivas imbricadas nas constituições dos enunciados com o propósito de ilustrar as posições ou lugares em que os sujeitos dos discursivos se encontram.

Na segunda parte, trata-se de demarcar as posições do sujeito, assim como o discurso do outro, por meio das designações dos sentidos constituídos pelo processo de representação identitária postos nas cenas enunciativas. As manifestações discursivas se dão pela instauração do simbólico e do político, as relações de sentido e de forças que atravessam a história, em um espaço construído por sujeitos sociais. Desse modo, esses sujeitos colocam em condições de emergência os discursos articuladores do processo identitário. As marcas de identidade são analisadas sob o ponto de vista dessas condições.

Na terceira parte, os discursos que transitam no processo de identidade promovem uma redefinição do sujeito, assim como as categorias discursivas em evidência no fio discursivo. As categorias a que o sujeito se inscreve para legitimar os discursos, tais como o jornalístico e o literário, que abrem espaço para a representação identitária no discurso do outro. Esse processo de assimilação é formulado em Pêcheux (1975, 1988, 2009) como a forma-sujeito.

Os pressupostos teóricos que fundamentam as análises discursivas nos textos em questão estabelecem espaços de reflexão sobre os discursos da

⁸⁷ As crônicas foram escritas em 7/4/1956, 19/5/1956, 17/5/1958, 31/5/1958 e 12/7/1958, respectivamente.

década de 1950, cujas condições de formulação do processo identitário nacional são foco de reflexão da presente pesquisa.

2.4.1 O Outro no Espelho do Eu: a Representação da Derrota

De um modo geral, num primeiro recorte das crônicas, é possível perceber que se cruzam, pelo menos, duas questões, mobilizadas pelo sujeito. Uma delas é a representação da derrota instituída pelas formações discursivas imbricadas na materialidade linguística. A outra questão é a imagem constituída por meio dos discursos de derrota frente às temáticas que envolvem o processo identitário no/do futebol na década de 50.

Do mesmo modo, é preciso identificar as posições-sujeito que a função-autor assume ou silencia diante das formações discursivas que se encontram na superfície linguística dos textos. Para a compreensão desse processo discursivo, é preciso pensar na relação social brasileira com o futebol e o que o esporte bretão representa pelas colocações das formações discursivas que se confrontam no fio discursivo. DaMatta (2004) menciona a necessidade de a sociedade se envolver com esportes em que há situações de confronto, de conflito. Esses conflitos institucionalizam o esporte, elevam a um patamar de espetáculo da vida em sociedade.

A derrota, vista por essa perspectiva, possui dramaticidade⁸⁸, pois demonstra mazelas da sociedade. Isso faz com que todas as preocupações e ansiedades sejam depositadas na derrota da seleção ou da equipe local⁸⁹. A representação da derrota, portanto, parte para uma reflexão da vida em sociedade. Os discursos presentes nas crônicas resgatam um lugar de tensão e conflito na consciência do que venha a ser brasileiro, visto que os discursos representantes da derrota são trazidos constantemente pela memória discursiva das condições socio-econômicas brasileiras, do período colonial à década de 1950.

Nessa perspectiva, no jogo de futebol, há um vencedor e um perdedor. Nesse sentido dual, há materialização da simbologia da derrota entre os

⁸⁸ Para DaMatta (2004), Nelson Rodrigues foi o primeiro cronista a perceber a “aristocracia” de celebridades feitas pelo futebol. A sociedade, preconceituosa, no momento do jogo, passava a amar os negros. Há um processo de inversão carnavalesca da alta sociedade em relação aos jogos de futebol da seleção.

⁸⁹ Nessa pesquisa, o conceito de seleção brasileira é tomado como sinônimo de nação brasileira.

participantes, sabendo que o perdedor pode ser o vencedor em outra ocasião. Esse anseio pela necessidade de valorização do perdedor produz efeitos de sentido consonantes com a questão da identidade, visto ser pelas diferenças entre vitória e derrota que o discurso do outro é representado nas crônicas.

Numa concepção mais ampla, Marques (2000, p. 30) considera existir, no jogo de futebol, “elementos que transcendem as necessidades imediatas da vida e que transferem significado à ação”. Para o autor, o futebol deve ser entendido como pertencente à cultura, e não somente biológico⁹⁰. Assim, a simbologia da derrota é vista, nesta pesquisa, como a derrota do brasileiro frente às questões culturais entre o Brasil e os países estrangeiros, sobretudo os Estados Unidos e países da Europa. Rodrigues Filho (2003) considera, em meio a essa afirmação, ter perdido a Copa de 50 mais o brasileiro que não jogou do que o que jogou.⁹¹

Em uma análise inicial, podem-se relacionar as formações discursivas que ora se apresentam na crônica com o processo de legitimização das instituições, as quais, ideologicamente, dispõem nas esferas sociais o que pode e deve ser dito. A crônica esportiva, por esse viés da textualização, abre um espaço de tensão entre discursos do espaço esportivo. Esses gestos de leitura são entendidos, na concepção de Orlandi (1994, 2001), como gestos de interpretação filiados a redes de sentidos entre língua e história, dentre as quais trabalham a ideologia e o inconsciente.

Dessa maneira, quais são os sentidos dos discursos identitários que se entrecruzam e que se filiam na crônica? Pela relação da língua com a história, temos o cruzamento da temporalidade enunciativa do dito da crônica com aspectos da historicidade, afirmados pelo interdiscurso. Em outras palavras, os discursos provenientes da construção da identidade brasileira habitantes dos segmentos discursivos da crônica transitam entre as formações discursivas da esfera jornalística, da literária, bem como da própria história da formação do povo brasileiro.

Podemos relacionar, desse modo, alguns discursos de derrota apresentados nas crônicas com os discursos de formação social. Simbolicamente, essa relação constitui os discursos de natureza identitária. Especificamente, nas

⁹⁰ Para Marques, biológico refere-se ao físico, ao bem-estar do corpo.

⁹¹ “Essa lógica exprime o pensamento corrente da época, no Brasil, que considerava que os jogadores negros e mestiços, por serem menos ‘civilizados’, teriam maior propensão à instabilidade emocional em momentos decisivos”. (MARQUES, 2000, p. 34)

crônicas “Freud no Futebol”, “Abaixo a humildade!” e “Complexo de vira-latas”, há, pelo menos, dois discursos representantes da derrota que se cruzam, sendo um discurso efeito de sentido produzido por outro. Há o discurso da derrota concretizado pelo gesto definitivo da perda. Este, por sua vez, é transformado em um discurso que proporciona a reafirmação da vitória diante das injustiças sociais, assim como da identidade brasileira.

Nesse sentido, DaMatta explica a função social do futebol. Podemos compará-la aos discursos em evidência na sociedade dos anos 50, para que sejam, assim, compreendidas as condições de produção dos discursos identitários.

Finalmente, o futebol proporciona à sociedade brasileira a experiência da igualdade e da justiça social. Pois, produzindo um espetáculo complexo, mas governado por regras simples que todos conhecem, o futebol reafirma simbolicamente que o melhor, o mais capaz e o que tem mais mérito pode efetivamente vencer. (DaMATTA, 1994, p. 17)

Diante dessa afirmação, podemos estabelecer alguns pontos de ancoragem para a análise. Cabe destacar a forma simbólica com que o futebol foi colocado. Os discursos de igualdade e de justiça social começam a ser estabelecidos a partir da reafirmação do simbólico constituído pelo futebol. A derrota da seleção brasileira na Copa de 1950 foi uma condição para que outros discursos pudessem ser constituídos.

Nos segmentos discursivos a seguir, extraídos da crônica “Freud no futebol”, podemos colocar em evidência a proposição acima mencionada:

(1) Para nós, o futebol não se traduz em termos técnicos e táticos, mas puramente emocionais. Basta lembrar o que foi o jogo Brasil x Hungria, que perdemos no mundial da Suíça. Eu disse “perdemos” e por quê? Pela superioridade técnica dos adversários? Absolutamente.

(2) [...] Faço minhas as palavras da autoridade: - só um Freud explicaria a derrota do Brasil frente à Hungria, do Brasil frente ao Uruguai e, em suma, qualquer derrota do homem brasileiro no futebol ou fora dele.

Podemos observar que os enunciados destacados nas crônicas de futebol de Nelson Rodrigues funcionam “como um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos.” (PÊCHEUX, 1983, p. 56). Nesses recortes, o discurso de derrota perfila-se em todo o enunciado. No segmento (1), há mobilização do pronome nós como difusão dos questionamentos acerca da responsabilidade da perda do jogo. O pronome nós, do ponto de vista enunciativo, carrega, conforme

Benveniste (1995, p. 258), uma “globalidade indistinta de outras pessoas”. Discursivamente, podemos considerar que o sujeito traz para a cena enunciativa a responsabilidade de todos os brasileiros em relação à má preparação físico-emocional dos jogadores. Em outras palavras, a carga de sentimento de perda ou derrota fica evidente já na introdução do enunciado.

Uma vitória do Brasil no jogo contra a Hungria, na Copa da Suíça, em 1954, constituiria um apagamento dos discursos (re) produzidos anteriormente, os quais faziam do brasileiro um povo menor em relação a outras nações e que pertenciam a formações discursivas configuradas na própria formação do país como nação.

O pronome nós, portanto, da mesma maneira que discrimina as instâncias discursivas representativas do ser brasileiro, quanto às deficiências diante das responsabilidades do povo, constrói um discurso do outro mais fortalecido. Quando o sujeito enfatiza, no início da sentença enunciativa, a responsabilidade da perda do jogo para nós, ele está, ao mesmo tempo, elevando o moral deles, representado pelo outro no fio discursivo. O sujeito compartilha, assim, com o outro a responsabilidade pelo dito no enunciado.

Posteriormente, outro ponto de interseção do discurso representativo da derrota, ainda no recorte (1), é o enunciado “Basta lembrar”, por meio do qual o enunciatador remete-nos à lembrança do jogo Brasil e Hungria. Pela memória discursiva constituída, temos a imprensa esportiva como a instituição formuladora do jogo em acontecimento discursivo. As instâncias midiáticas esportivas produziram discursos evidenciando a crise do futebol no Brasil, sobretudo pelos efeitos de sentido construídos na derrota da seleção em 1950. Os discursos, então, mobilizados pela imprensa, embora tratassem de cunhar o Brasil como um país próspero e do futebol, construíam uma memória discursiva que desacreditava a força de vitória do time de futebol brasileiro.

Após os vexames nas Copas do Brasil e da Suíça, em 1950 e 1954, respectivamente, justamente “no início de uma década, na qual o Brasil buscava marcar o seu lugar como nação que tinha um grande destino a cumprir” (DaMATTA, 1982, p. 57), podemos destacar o enunciado (2) “Complexo de vira-latas”⁹²,

⁹² Refere-se ao trauma sofrido pelos brasileiros na derrota para Uruguai, na Copa do Mundo de 1950. Esse trauma foi superado em 1958, quando a seleção brasileira ganhou o título de campeã do mundo pela primeira vez.

reproduzindo a memória discursiva construída pelas condições socio-históricas do período da década de 1950. O enunciado remete a um discurso construído, ironicamente, a partir do comportamento de servilismo colonial do time brasileiro em relação às outras nações.

Ainda no segmento discursivo (1), podemos designar algumas funções da colocação das aspas no discurso relatado parafrástico “perdemos”. Se considerarmos a afirmação de Maingueneau (1997), por meio da qual explica que a expressão aspeada depende da “conotação autonímica”, o enunciado “perdemos” é, ao mesmo tempo, mostrado, marcado como estranho e integrado à sequência do enunciado. Essa marcação que o enunciador faz introduz um discurso de reafirmação do discurso dito anteriormente. O enunciador designa uma linha de demarcação estabelecida por uma formação discursiva entre ele, o enunciado aspeado e o exterior, podendo ser compreendido pela relação com outras formações discursivas pertencentes a esse mesmo campo discursivo. O enunciador, portanto, pela colocação do verbo performativo “disse”, anterior ao enunciado “perdemos”, apresenta um discurso que pretenderia responsabilizar o outro pelo dito.

O valor semântico do enunciado aspeado representa um movimento de sentidos entre os discursos presentes no segmento discursivo. Quando o enunciador coloca em evidência a expressão, pelo uso das aspas, está explicitando e mantendo arbitrariamente um distanciamento da formação discursiva da qual ele pertence. Esse distanciamento não visa às intenções do enunciador ao fazer uso do discurso do outro.

Quanto ao processo identitário, o enunciador, pela relação apresentada com outros discursos, mantém certo distanciamento da responsabilidade pela derrota da seleção brasileira no jogo entre Brasil e Hungria, em 1954. Isenta a responsabilidade dele pelo dito no enunciado. A identidade, desse modo, constrói-se negativamente, pelos discursos de culpa instalados na sociedade e na imprensa esportiva.

Para corroborar o discurso de isenção de responsabilidade do enunciador pelo dito no enunciado, recorreremos ao advérbio de modo “absolutamente”. A análise que se faz é a relação do advérbio com a sequência de questionamentos do enunciador. O sentido adquirido com a ocorrência desta expressão ao final do segmento discursivo evidencia a tomada de posição do enunciador frente aos questionamentos que ora levantaram incertezas e, ao mesmo

tempo, direcionam outros discursos a uma reflexão sobre as condições de verdade impostas discursivamente na construção e manutenção da identidade brasileira.

A caracterização dos espaços discursivos que ora representam os modos de ser do brasileiro, por um lado são identificados em contraponto a uma nação orgulhosa pelo futebol que tem, proporcionando reflexões sobre a falta de preparo emocional dos jogadores. De outro lado, mexe-se, dessa forma, com os brios dos jogadores e, conseqüentemente, da população brasileira, a fim de mostrar que as crises de identidade, no futebol brasileiro, sobretudo dos anos de 1950 a 1958, são mais uma questão psicológica do que física ou tática.

Para Dias (2003), o modo de ser brasileiro é uma das formas de demanda. O povo brasileiro conclama a uma luta, por meio do futebol, a um espaço que traduz um discurso de brasilidade construída politicamente a partir dos anos de 1930, o que começou a fazer do futebol antes um instrumento político que uma representação da cultura popular. Os sentidos instituídos passaram a exercer uma questão de impotência quanto às derrotas da seleção brasileira.

Podemos compreender também esse modo de ser do brasileiro pela necessidade de modernização do país. O que antes identificava como diferente do europeu passou a ser defeito. No futebol, isso é visível entre o futebol-arte (Brasil) e o futebol-empresa (europeu). “A busca da autenticidade, de uma consciência crítica e independente atestam [...] a necessidade de se elaborar uma identidade que se contraponha ao pólo dominador”. (ORTIZ, 1985, p. 66)

Na sequência discursiva (2), é possível observar um processo de heterogeneidade enunciativa introduzido pelo discurso direto de outra formação discursiva, pertencente à área policial, com a qual o enunciador se apropria, procurando legitimar o discurso instaurado pelo enunciador na crônica. O discurso autoritário, como aparelho repressor do Estado, funciona como cenografia (Maingueneau, 1993) da cena enunciativa. O enunciado “faço minhas as palavras da autoridade” serve de cenografia para que a cena de fala adquira um tom autoritário.

Assim, o enunciador formula seu discurso de justificativa da derrota da seleção frente a outras nações por meio da cenografia da psicanálise freudiana, na qual, em teoria, os atos humanos são explicados a partir de fenômenos decorrentes do estudo do inconsciente do homem. Nesse sentido, a justificativa funcionaria como a falta no discurso do eu e a explicação dos fenômenos ligados ao

funcionamento do inconsciente serve para representar o outro no discurso do mesmo.

Podemos considerar, nesse bojo, pelas palavras de Possenti (2009), o outro como sendo o que falta e o que é necessário sistematicamente a um discurso. A construção da identidade do próprio discurso é feita, portanto, pelo processo de construção do outro no discurso do mesmo. Trata-se, desse modo, de instaurar o sujeito como processo de constituição do outro. Pêcheux (2008) considera possível a relação do outro com as filiações históricas, podendo se organizar em memórias, produzindo, assim, cadeia de significantes.

Desse modo, o enunciador, ao mesmo tempo em que propõe uma explicação para a derrota do Brasil em jogos da Copa do Mundo, pela apropriação de um discurso autoritário, legitimado pela cenografia psicanalítica, distancia-se da responsabilidade pela derrota. Há uma crítica, dessa maneira, a outros discursos das esferas sociais. Discursos estes que responsabilizaram a derrota do Brasil pela falta de estrutura física ou tática dos jogadores. Nesse sentido, Goldgrub afirma que:

na esteira das modificações por que vem passando o futebol, a crônica esportiva enfatizou a atuação dos craques (décadas de 30, 40, 50), passou a incluir a tática entre suas preocupações (60, 70) e atualmente leva em conta principalmente o preparo físico e as jogadas ensaiadas. (GOLDGRUB, 1990, p. 72)

Assim, dentre as modificações destacadas anteriormente, a crônica esportiva serviu de lugar discursivo para que os discursos que evidenciavam os craques propusessem, quanto aos aspectos da identidade brasileira, um assujeitamento da população brasileira na década de 1950 em face ao futebol jogado pela seleção, produzindo oposições ideológicas.

Podemos compreender essas oposições, de um lado, como os discursos pertencentes à questão da inserção do negro no futebol, assim como na sociedade. Estes, aos poucos, passaram a ser silenciados em face das vitórias da seleção brasileira. Por outro lado, a entrada do negro no futebol foi uma tentativa de explorar as vantagens oferecidas pela raça negra não só ao futebol, mas também ao país. O exemplo de Fried⁹³ é notório, visto que perdeu a condição de negro devido a sua ascendência europeia, assim como em virtude de sua transformação em herói nacional, pelos jogos que conquistou atuando na seleção brasileira.

⁹³ Ver nota de rodapé 21, pg. 30.

Entretanto, o que se verifica quanto à circulação dos discursos de constituição identitária brasileira nos veículos midiáticos das décadas de 1930 a 1970 são proposições construídas com o objetivo de fazer dos discursos da imprensa esportiva representantes do próprio futebol brasileiro. Algumas vezes, confunde-se a história da imprensa com a própria história do futebol. Pelos efeitos de sentido produzidos nos discursos da imprensa esportiva, o futebol funcionaria como manutenção e construção da memória. Soares, Helal e Santoro (2004, p. 63) afirmam que “as narrativas jornalísticas apresentam sua memória resgatando fatos, imagens, ídolos, êxitos e fracassos anteriores, no sentido de construir uma tradição, como um elo entre as gerações dos aficionados pelo esporte”.

Ainda no segmento discursivo (2), quando o enunciador é afetado por outra formação discursiva, com a formulação de uma cenografia que lhe é posta por essa FD, percebe-se que há um movimento de sentidos pelo deslocamento da nominalização Brasil. Com efeito, o enunciador, ao construir esse processo, muda a proposição do discurso inicialmente instaurado, representando a seleção brasileira de futebol apenas como instituição desportiva, para elevá-la à condição de representante pátrio.

De outra maneira, com o deslocamento metonímico, há indício de um estreito relacionamento de sentido inserido, provocando o aumento da dimensão do discurso. Ao dizer “só um Freud explicaria a derrota do Brasil frente à Hungria, do Brasil frente ao Uruguai”, o enunciador transfere a responsabilidade da derrota da seleção brasileira para todos os brasileiros.

Com a mudança de sentido, reformula-se a responsabilidade pela derrota a todos os brasileiros, implicando, pelo enunciador, um revés no discurso da cultura nacional e identitária. Isso porque, para Hall (2006), se o discurso da cultura nacional constrói identidades colocadas pela relação entre passado e futuro da nação, o enunciador instaura um discurso de crítica à formação desta nação. Desse modo, na crônica “Abaixo a humildade!”, o lugar de confronto discursivo se dá pelos discursos progressistas, voltados a um Brasil moderno, e os discursos retrógrados, na busca por glórias passadas, responsabilizando a formação da nação brasileira pela derrota da seleção brasileira para as seleções de futebol da Hungria e do Uruguai. Nesse sentido, a nominalização Brasil afeta o discurso ufanista, construído pela tradição cultural brasileira. Uma das possibilidades da formação da identidade brasileira na crônica, portanto, é construída por esses embates discursivos.

Simbolicamente, a derrota da seleção brasileira para as duas seleções, particularmente a do Uruguai, na Copa do Mundo de 1950, instaura um complexo de inferioridade no povo brasileiro. Uma razão para isso está nas condições de produção dos discursos da década de 1950, as quais não estavam favoráveis.

Do ponto de vista político, o Brasil passava por um processo de transição governamental entre Vargas e Dutra. Entretanto, economicamente, crescia em média de 8% ao ano entre 1946 e 1950 (GUTERMAN, 2009). Mesmo nesse clima de incertezas, Dutra investiu na realização da Copa de 1950, no país. A construção do Estádio do Maracanã, para o governo, era uma maneira de colocar o Brasil entre as grandes potências. Essa atmosfera criou expectativa da população brasileira, convicta da vitória na Copa do Mundo.

A Copa de 1950 vinha assim num momento em que havia no Brasil o desejo de mostrar orgulho por suas origens e desenvolvimento, uma forma de provar que o país não era somente um lugar musical, luxuriante e improdutivo. (GUTERMAN, 2009, p. 91)

Podemos constatar que os discursos reproduzidos no Brasil às vésperas de 1950 constituíam um estereótipo do brasileiro, como afirma Guterman (2009), musical, luxuriante e improdutivo. Nessa época, outras nações concebiam o Brasil(eiro), como um povo sem seriedade e que não trabalhava em benefício do progresso da nação. Culturalmente, os discursos reproduzidos formulavam espaços de confronto entre uma nação almejando ser grande e as heranças coloniais, das quais advinham o servilismo e a autonegação, os quais proporcionavam barreiras para o despontamento do país. O sujeito, desse modo, é afetado pelas condições de produção das formações discursivas que representam no seu dizer.

Vejamos outro segmento discursivo que contribui para a análise dos discursos de representação da derrota como fator de construção discursiva contrária ao processo identitário brasileiro. Na crônica “Abaixo a humildade!”, encontramos:

(3) Eis a verdade: - a primeira derrota da representação, o primeiro empate, o primeiro fracasso foi quando se disse, aqui, que “íamos perder”. Essa humildade real e não simulada é que nos desfibrou em Lisboa, na Suíça, em Praga, em Milão, em Londres.

(4) Em suma, o presidente da CBD desfraldou a humildade nacional com o impudor de uma manchete. Com dois anos de antecipação, ele derrotou a equipe nacional. Como explicar essa instintiva, essa incontrolável tendência para a autonegação? Será o servilismo colonial que acometeu também o futebol?

No segmento discursivo (3), podemos estabelecer uma ambiguidade fundamental de distanciamento (MAINGUENEAU, 1997) no discurso produzido. O enunciado evidencia um locutor que se põe na cena enunciativa como não sendo ele o responsável pelo dito, mas, ao mesmo tempo, coloca-se como autoridade, formulando um efeito de verdade a partir do discurso relatado.

A autoridade constituída revela o deslocamento, pelo enunciador, da responsabilidade pela derrota atestada no povo brasileiro e nos jogadores da seleção para outro enunciador. Quando afirma que íamos perder, mobiliza o pronome se como índice de indeterminação. A indeterminação, com efeito, relaciona a outros discursos inseridos em outras formações discursivas concorrentes, tais como os discursos representativos da Imprensa, de instituições ligadas ao governo, de setores da sociedade que desacreditavam na força do futebol brasileiro⁹⁴. Com esse efeito, há afastamento da representação da derrota, arraigada no brasileiro desde 1950.

No cenário social da década de 50, de maneira geral, os discursos reproduzidos pela crônica esportiva promoveram uma aproximação da posição-sujeito do discurso identitário em relação aos acontecimentos culturais e sociais, sobretudo os relacionados à cultura afrodescendente. Com a popularização dos meios de comunicação, particularmente a revista, a crônica torna-se aliada dos anseios da sociedade, evidenciando discursos emergentes dos estratos mais baixos da população.

⁹⁴ Podemos citar os discursos provenientes da classe elitista, os quais atribuíam as derrotas da seleção brasileira aos negros convocados para representar o Brasil nos jogos da seleção. A população, de uma forma geral, ainda não estava acostumada com o engrandecimento do negro no futebol, nem com uma cultura popular diferente da elitizada formadora de opinião, na qual o Estado e as classes mais abastadas regiam as ideologias no país. Essas ideologias eram marcadas pela segregação racial e social. Desse modo, não poderia pensar o futebol jogado pelas classes baixas da população.

Já no segmento (3), o enunciador faz remissão ao discurso institucionalizado do presidente da CBD⁹⁵. Assim, há uma formação discursiva referente à própria instituição do futebol, como forma de manifestar um lugar segundo o qual é possível legitimar o discurso da derrota. O presidente da CBD representaria um *ethos* político no futebol, com o objetivo de expor um discurso institucionalizado, corroborando a aceitação da derrota por parte das classes populares.

Isso viria a contribuir para a construção da cena enunciativa dos anos que se sucederam até 1958, quando ainda o discurso da imprensa esportiva (veja que a circulação do discurso do presidente da CBD foi manifestado em uma manchete), embora dando aparência de representante do povo, permanecia como (re)produtor da ideologia do Estado, o qual utilizava-se dos meios de comunicação como veículo de propaganda política. Como troca, a imprensa ganharia na consolidação da classe dos jornalistas, assim como teria o apoio do Estado em interesses do próprio meio. Lattman–Weltman (2003) considera que a imprensa de massa da década de 1950 desempenhou fortes apelos e influências a um público predominantemente de elite cuja relação se mantinha por caráter partidário.

Nessa conjuntura, podemos estabelecer parâmetros para compreender discursivamente a configuração da identidade brasileira a partir das relações formadas e produzidas pelo elemento futebol nas crônicas. Os discursos circulados pela imprensa, do mesmo modo que defendiam as questões governamentais, instauravam um apelo emocional na população brasileira, que aceitava pacificamente a derrota da seleção brasileira em 1958. Isso se deveu pela construção da memória discursiva, a qual serviu de legitimação dos discursos reproduzidos desde a introdução do futebol no Brasil, em relação às diferenças entre classes sociais, aos embates de inserção do negro no futebol, assim como a subserviência do brasileiro das classes menos favorecidas para aceitar o que lhe é imposto.

Entretanto, no final da década de 1950, houve um período de reformulação da imprensa atrelado ao momento de consolidação do capitalismo industrial, que se deu com o governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961). Nesse

⁹⁵ CBD (Confederação Brasileira de Desportos). Foi fundada em 8 de junho de 1914, com a criação da Federação Brasileira de Sports. Em 5 de dezembro de 1916, passou a se chamar CBD. A partir de 1979, recebeu o nome de CBF (Confederação Brasileira de futebol).

período, pelo impulso de modernização, com a construção da nova capital nacional, Brasília, fundada em 1960, a população, diante de um estado eufórico e a necessidade de uma configuração da identidade nacional brasileira, acreditou na reafirmação de um sentimento nacionalista, não somente pela mudança político-econômica, mas, sobretudo, pela cultura brasileira em destaque no cenário mundial. “Todo esse movimento contribuiu para identificar o governo de JK com a recuperação da autoestima do brasileiro”. (GUTERMAN, 2009, p. 119). No Brasil dos anos 50,

havia, portanto, uma clara continuidade da luta surda pela construção da identidade brasileira a partir do futebol. O triunfo brasileiro seria uma resposta àqueles que nos julgavam meros amadores primitivos. [...] A Copa de 1950 vinha assim num momento em que havia no Brasil o desejo de mostrar orgulho por suas origens e desenvolvimento. (GUTERMAN, 2009, p. 90)

No período conhecido por nacional-desenvolvimentista, nos anos finais da década de 1950, os discursos constituídos em torno da questão identitária brasileira construíam um sentimento ufanista no povo. O futebol começaria a funcionar como elemento de propaganda política fora do país, com o objetivo de promover um *ethos* de uma nação promissora, urbanizada e industrializada. O novo discurso oficial do ciclo nacional-desenvolvimentista, em contraposição aos velhos regimes oligárquicos, explicitamente racistas, apostou na valorização da mestiçagem, associando a uma singular maneira de jogar futebol, colocando os brasileiros como seres únicos no mundo.

Esse processo de identificação do Brasil(eiro) como país/representante da industrialização e do progresso reproduz um efeito de contradição (PÊCHEUX, 1977) no fio discursivo. No enunciado (3) “Como explicar essa instintiva, essa incontrolável tendência para a autonegação? Será o servilismo colonial que acometeu também o futebol?”, podemos inferir algumas marcações de contradição do discurso rodrigueano quanto ao movimento de sentidos dos saberes diferentes no mesmo interior da FD que domina o sujeito da enunciação na crônica, funcionando como espaços de resistência. Com isso, há reprodução familiar daquilo

que causa mais estranhamento: a reprodução do discurso estereotipado do outro sobre o Brasil(eiro)⁹⁶.

Nesse sentido, a tomada de posição do sujeito da enunciação na crônica “Abaixo a humidade!”, é a de re(produzir) aquilo que o brasileiro, em sua formação histórica de país, já evidenciava no confronto dos discursos sobre a questão da identidade. Podemos considerar, desse modo, um olhar do outro sobre o Brasil, visto que, pelo efeito da contradição no discurso rodrigueano, problematizador da constituição do ser brasileiro em relação a outros países, o sujeito produz um discurso procurando emergir um estereótipo do caráter brasileiro, construído simbolicamente por elementos de inferioridade nacional, instaurados desde a formação do Brasil.

Esse estereótipo, para Ferreira (2003), pertence à história do brasileiro, o de se deixar falar pelo outro. Dessas falas e do olhar sobre ele é construído um lugar de discurso. Ferreira ainda considera esse lugar discursivo institucionalmente estabelecido e socialmente referendado. Nesse sentido, podemos pensar que os sentidos produzidos nesse lugar discursivo constroem uma resistência quanto aos contornos de nossa própria identidade. Os estereótipos do Brasil como reduto da malandragem, habitado por pessoas indolentes, cujo herói é sem nenhum caráter e onde a Lei de Gérson⁹⁷ prevalece (FERREIRA, 2003), institucionalizam o povo brasileiro, construindo uma identidade diferente dos demais países.

Com isso, pelo aspecto de banalidade da própria concepção de estereótipo, descrita por Barthes (1974, p. 85) como “a palavra repetida, fora de qualquer magia, de qualquer entusiasmo, como se fosse natural”, é essa naturalidade a produtora, no estereótipo, dum efeito de sentido de aceitação passiva pela condição imposta na colocação da palavra ou enunciado. A identidade, portanto, pode ser formulada a partir dessa tensão construída no jogo estabelecido pelos estereótipos.

⁹⁶ Comentário extraído do parecer constituído pelo professor Roberto Leiser Baronas, para o exame de qualificação do candidato a mestre, pela Universidade Estadual de Londrina, em Estudos da linguagem, João Thiago M. P. da Silva, em março de 2013.

⁹⁷ “A Lei de Gérson tem origem em uma propaganda que Gérson, ex-jogador de futebol, fez para os cigarros Vila Rica no ano de 1976. Na peça publicitária, Gérson, na última fala, dá um sorrisinho malandro e diz: “Gosto de levar vantagem em tudo, certo?”. Dessa forma, sintetizou de uma vez só o jeitinho brasileiro de fazer o errado parecer certo.” Disponível em <http://www.infoescola.com/curiosidades/lei-de-gerson/>. Acesso em 15/05/2013.

Dessa maneira, os questionamentos formulados pelo sujeito no discurso da materialidade linguística da crônica designam um caráter retórico. Não há objetivo de resposta por uma determinada FD, mas há uma evidência em direção de diferentes FD`s, confrontadas nos limites do discurso rodrigueano. O sujeito do discurso rodrigueano, atravessado pela FD midiática, constituída pelos discursos em circulação na Imprensa da década de 1950, e que remontavam a alianças elitistas, cuja representação política e econômica estavam ligadas à FD da base governista, procura reafirmar os discursos construídos por essa estereotipia sobre/pelo Brasil(eiro).

Na crônica, relacionando tais discursos de formação estereotipada do outro sobre o Brasil(eiro) a modos de constituição da identidade brasileira, podemos estabelecer um efeito discursivo produzido pelo *ethos* sobre o brasileiro. A repetição do enunciado “Será o servilismo colonial que acometeu também o futebol?”, condicionado ao estranhamento entre o dito e o modo de ser e de pensar do brasileiro, funciona, pelo papel do futebol na sociedade brasileira, como um espelho em que os anseios dos cidadãos brasileiros se veem refletidos.

Essa demanda por uma identidade brasileira, nas esferas sociais em relação à atitude do brasileiro, constitui um novo sujeito de enunciação, um sujeito coletivo, uma voz que aparece como resposta às condições subalternas desse. Essas condições discursivas funcionam como análise do trajeto temático da questão da identidade, fundamentando-se num vai e vem de atos languageiros decorrentes da diversidade de FD`s concorrentes na situação esportiva e cultural emergida na década de 1950, provisoriamente pelas derrotas consecutivas da seleção brasileira entre os anos de 1950 e 1957.

A emergência desses discursos em circunstâncias determinadas pela contextualização e pela conotação política ao futebol, para servir de propaganda ao Estado, implica uma preocupação com os usos sociais da língua. A Imprensa futebolística, por meio dos discursos midiáticos, em vez de se utilizar da questão do futebol brasileiro como fator de construção da cultura nacional, recorre a enunciados que abordam os temas da história de colonização e construção do povo. Isso funciona como crítica à própria forma de o brasileiro perceber o futebol de seu país e, por conseguinte, a uma crítica constituída pela sociedade brasileira, particularmente às classes subalternas, as quais representavam a maioria da população.

Quanto à utilização do futebol brasileiro nos discursos de resistência encontrados na crônica, a questão da identidade se realiza em enunciados: sentimento explícito de derrota (o escrete estava amadurecido para a derrota) e a aprendizagem brasileira sem contestação em face de outros países (Nós vamos aprender!). O futebol brasileiro, dessa forma, passa a construir, a partir de uma relação de demanda entre o Brasil e os países estrangeiros, sobretudo os europeus, uma identidade pela construção, simbolicamente, das diferenças entre os países europeus (evoluídos esportivamente e, em consequência, em outras áreas) e o Brasil (atrasado, na busca por melhores condições em diferentes áreas).

A maneira como os discursos são reproduzidos pela enunciação na crônica sugere um deslizamento de sentidos no fio discursivo, utilizando-se da ironia como marcador de ambiguidade. (MAINGUENEAU, 1997). Pelo recurso da ironia, Maingueneau (1997) atesta possuir enunciador a propriedade de poder rejeitar o discurso do outro, sem o outro ter o consentimento do ato. Com isso, a ironia instaura elementos contraditórios no discurso rodrigueano. As condições de produção da esfera constituinte da imprensa e do futebol sobredeterminam o fracasso da seleção de futebol à baixa autoestima do brasileiro em sua constituição⁹⁸ sócio-histórica.

Formula-se, desse modo, um discurso contraditório, subentendido⁹⁹, pela representação, a crítica existente entre o ser brasileiro e o ser cidadão de outra nação. Que outra nação foi afetada pelo servilismo colonial no futebol? O questionamento deixa o subentendido de que as relações sociais do Brasil-Colônia, ainda na década de 1950, são evidenciadas pelos discursos da imprensa. Ou seja, mesmo com povo brasileiro buscando destaque no cenário mundial, elevando o futebol como parte constituinte da cultura nacional, e o governo com propagandas, utilizando-se do futebol como ferramenta política, a crítica ao fato de a identidade brasileira ser constituída pelas formações sociais ainda do século XIX.

Essa diferença de constituição dos povos, portanto, representa, no discurso rodrigueano, a própria maneira de o brasileiro valorizar o futebol como

⁹⁸ Para Orlandi (2002, p. 33), “A constituição determina a formulação, pois só podemos dizer (formular) se nos colocamos na perspectiva do dizível (interdiscurso, memória). Todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). E é desse jogo que tiram seus sentidos”.

⁹⁹ Para Ducrot (1987, p. 41-42), o subentendido “diz respeito à maneira pela qual esse sentido deve ser decifrado pelo destinatário. [...] diz respeito à maneira pela qual esse sentido é manifestado, o processo, ao término do qual deve-se descobrir a imagem que lhe pretendo dar de minha fala”.

elemento constitutivo de sua cultura, o que não acontece com tal ênfase em outros países. Dessa maneira, os questionamentos expostos no segmento discurso (3) designam sentidos mobilizadores de lugares discursivos quanto à questão da identidade, já que os discursos identitários se constituem pela diferença simbólica (WOODWARD, 2000).

Assim, a representação na forma com que o brasileiro é afetado por um discurso essencialista¹⁰⁰ explicita uma marcação simbólica das diferenças enraizadas na cultura brasileira frente a outras culturas nacionais. Visto dessa forma, então, a questão da identidade está em permanente construção, já que a cultura brasileira é transformada e constituída pelos embates entre diferentes FD`s ao longo dos tempos.

Assim, de um lado, os discursos na crônica de futebol rodrigueana promovem uma maneira de criticar a própria condição do brasileiro em sua formação sócio-histórica. Na conjuntura futebolística construída pelo sujeito da enunciação, o acontecimento discursivo da derrota da seleção brasileira nas Copas anteriores a 1958 foi construído pelo cruzamento de enunciados de diferentes FD`s num momento dado.

Esse momento está ligado a diferentes manifestações políticas e culturais que serviram de condições de produção dos discursos de construção da identidade brasileira. A influência cultural de outros países, sobretudo dos Estados Unidos, contribuiu para as diferentes manifestações. O alinhamento do Brasil com a cultura norte-americana propôs uma produção cultural nacional massificada, alterando o comportamento dos brasileiros em relação ao modo de produção e consumo de produtos.

Discursivamente, a crônica futebolística produzida na década de 1950 apresenta relações com a exterioridade da materialidade linguística, isto é, com o espírito nacionalista que envolvia a população brasileira. Essa relação discute o momento em que a nação passava por transformações sociais e políticas, com o objetivo de consolidar o Brasil dentre as grandes nações do mundo em desenvolvimento.

No âmbito jornalístico, no entanto, diante de tantas mudanças político-econômicas no país, instaurou-se um quadro de insatisfação, estimulando a

¹⁰⁰ Woodward (2000, p. 15) afirma que uma das discussões centrais sobre a identidade “concentra-se na tensão entre o essencialismo e o não-essencialismo”.

publicação de material crítico sobre as questões que envolviam a sociedade brasileira e, por efeito, o futebol brasileiro: “O contexto em que se dava essa produção é que apresentava uma novidade: a correlação entre artista e intelectual de um lado, e Estado e sociedade de outro” (CALDAS, 1990, p. 181).

Um dos papéis da imprensa, nesse meio, era o de tornar acessível à população informações sobre o progresso, fazendo-a acreditar nisso. Em consequência, esse sentimento de euforia trouxe a vontade do novo para a população, ânsia de transformar a realidade de um país subdesenvolvido, de construir uma nação independente. O futebol, até o ano de 1949, era uma promessa de renovação do sentimento pátrio pelos brasileiros, isso por que a seleção brasileira, com a gama de vitórias, até 1950, estava funcionando como garota-propaganda do país. O futebol, portanto era o que o país tinha como marcação do diferente em relação a outros países. A identidade cultural e política do Brasil estava sendo formulada pelos discursos produzidos pelo/sobre o *ethos* construído em relação à seleção brasileira. O discurso de promoção da seleção brasileira para com os outros países recaía sobre o melhor que o Brasil poderia oferecer: a imagem de um país vencedor.

A sociedade, projetada na crônica “Abaixo a humildade!” pelo sujeito da enunciação, consolida os discursos do caráter identitário nacional. No enunciado “Ou expulsamos de nós a alma da derrota...”, a utilização do pronome “nós” funciona como ponto de fuga da sociedade para as mudanças ocorridas no país. A projeção do sujeito em “nós” formula uma alternativa em comum da população quanto à circunstância da derrota, bem como sua representação para o país. Os discursos do campo esportivo corroboram uma transformação de forma definitiva do que seria o futebol no engrandecimento da nação.

O enunciado “Abaixo a humildade!”, que dá título à crônica, chama a atenção pelo fato de situar o interlocutor numa memória discursiva que remete à expressão de movimentos políticos, de reivindicação (do tipo abaixo a opressão). Isto leva a representar alguns efeitos de sentido na constituição do funcionamento discursivo. Um deles é a aceitação do discurso do *outro*, representado pela formação dos movimentos reivindicatórios, no discurso de manifestação que procura se instaurar na posição do *eu*. Outro efeito é fazer com que o interlocutor mobilize discursos de entidades que produzem sentidos fora do texto, “na relação com a sua

exterioridade, nas condições em que eles são produzidos e que não dependem só das intenções dos sujeitos”. (ORLANDI, 2005, p. 30)

Nesse sentido, os modos de configuração do processo identitário derivam das considerações acerca do sujeito frente a posições históricas que o colocam em condições materiais antagônicas. De um lado, a resistência ao fortalecimento do país como nação¹⁰¹, pois aponta para o pré-construído de um movimento opressor, refletindo a insatisfação de um coletivo sob certas circunstâncias. Essas circunstâncias, sócio-históricas, decorrem da insatisfação do Brasil diante do fracasso da sua seleção em jogos internacionais, particularmente os da Copa do Mundo de 1950 e 1954, uma vez que, como já dito, o governo e as instituições públicas brasileiras se utilizavam da seleção para promover, positivamente o país como nação promissora entre as demais. De outro, o sujeito como representante ou porta-voz do povo brasileiro na busca pela reafirmação e formulação de uma identidade nacional pela marcação do *outro* no discurso.

Nesse aspecto, diante do quadro esportivo, o futebol também apresentava estabilidade e força diante de outros esportes. A partir disso, os cronistas esportivos da década de 50 utilizavam-no como uma ferramenta de transformação social e política. Outras áreas de interesse social também assumiram essa função na sociedade. Como mostra Coelho (2006), as relações entre futebol, literatura, imprensa e a música popular constituem um novo espaço popular na sociedade.

As formulações, então, são compostas pela historicidade, isto é, “o saber discursivo que se foi constituindo ao longo da história e produzindo dizeres” (ORLANDI, 2005, p. 33). Isso coloca em evidência alguns enunciados que refletem, discursivamente, os posicionamentos dos sujeitos e do outro nos/dos discursos.

No discurso citado “Eu sou humilde! Eu sou o sujeito mais humilde do mundo!” o sujeito procura legitimar a verdade enunciada pela inclusão do discurso de um *outro*. No caso da crônica, há uma referência ao personagem de

¹⁰¹ A nação nasce, pois, de “um postulado e de uma invenção” (THIESSE, 1999, p. 14 *apud* FIORIN, 2009). Ela condensa-se numa alma nacional, que deve ser elaborada. Uma nação deve apresentar um conjunto de elementos simbólicos e materiais: uma história, que estabelece uma continuidade com os ancestrais mais antigos; uma série de heróis, modelos das virtudes nacionais; uma língua; monumentos culturais; um folclore; lugares importantes e uma paisagem típica; representações oficiais, como hino, bandeira, escudo; identificações pitorescas, como costumes, especialidades culinárias, animais e árvores-símbolo (THIESSE, 1999, p. 14 *apud* FIORIN, 2009).

Dickens¹⁰² como forma de introduzir e atestar, ao mesmo tempo, o discurso do sujeito.

A memória discursiva acerca dos dizeres produzidos sobre o personagem serve como ancoragem para os discursos que se sobrepõem ao longo da materialidade linguística da crônica. Nota-se um sujeito que procura ironizar a própria condição do futebol e, por consequência, do povo brasileiro. O atravessamento dos discursos ao longo da crônica categoriza a difamação do futebol brasileiro pelo sujeito da enunciação.

Há um modo de construção discursiva de uma humildade aparente¹⁰³, a qual fornece base para o processo de construção da identidade. No enunciado “Vejam vocês: - aprender!”, o locutor se apropria do enunciado anterior para enfatizar o sentido irônico de seu discurso. Nesse caso, no sentido material da língua, o *outro*, incrédulo perante o acontecimento, instaura a possibilidade do descaso e humilhação, devido à falta de postura identitária da seleção brasileira, sobretudo do técnico.

Esses enunciados interpostos de dizeres no dizer do outro procuram, para o processo de constituição identitária, configurar a posição de um sujeito que faz menção a um saber discursivo já dito em outro dado momento histórico, em outras condições, mas que legitima o discurso, presentificado no enunciado mencionado. Com efeito, há mobilização de procedimentos, cujas situações são de ordem futebolística e imagética, com as quais o brasileiro se encontra no momento histórico perante outras nações.

O enunciado do discurso relatado “Nós vamos aprender!”. Vejam vocês: - aprender!” reitera a negação na formulação do discurso do *outro*, representado pela figura de Flávio Costa, treinador da seleção naquela ocasião. Pela remissão de *outro* no dizer do locutor, em que condições estava a figura de Flávio Costa? Como era o seu relacionamento com a imprensa esportiva e com a população brasileira? Qual o papel de constituição identitária essa remissão propõe?

¹⁰² Personagem Uriah Reep, do romance David Copperfield, de Charles Dickens. O personagem é caracterizado na obra por ser uma pessoa hipocritamente humilde e ironizante. O personagem, com essa atitude, procura obter benefícios de outrem. Disponível em http://www.simfiel.com.br/dev_f.php?id=830. Acesso em 20/03/2013.

¹⁰³ Pelo discurso da “humildade”, o enunciador comenta sobre a falta dela. Nesse sentido, ele constrói o modelo identitário, isto é, a identidade do enunciador via se pautando naquilo que ela não é. Por isso se diz que a identidade é relacional (depende de algo fora dela para que exista).

O que se percebe é que há, pela intromissão do discurso relatado pelas aspas - “Nós vamos aprender!” - um modo de dizer dobrado¹⁰⁴ do mesmo enunciado.

Pode-se, portanto, depreender dos discursos representados no funcionamento discursivo, que os enunciados repetidos, parafrazeados ou dobra do mesmo dizer, são mecanismos de controle e posicionamentos discursivos do sujeito na constituição do sentido. O *outro* representa o papel narcisista do *eu* no discurso. O locutor coloca em questionamento a necessidade de um modo de configuração identitária do Brasil por meio do futebol.

Em outra crônica, intitulada “O quadrúpede de 28 patas”, podemos compreender os discursos de representação da derrota como fator de contribuição para a construção da identidade. Consideremos o segmento discursivo a seguir:

(5) Faço espanto: - “Mas que cara de enterro é essa?”. O amigo rosna: - estou decepcionado com o escrete!” Caio das nuvens, o que, segundo Machado de Assis, é melhor do que cair de um terceiro andar. Instantaneamente vi tudo: - o meu amigo era ali, som o saber, um símbolo pessoal e humano da torcida brasileira. Símbolo exato e definitivo.

As aspas utilizadas no início do segmento discursivo indicam um estatuto autonímico, de outro ponto de vista, do enunciador. Para Authier-Revuz (2004), esse processo figura um corpo estranho no fio discursivo mantido pelo enunciador, em busca de encerrar em uma “suspensão de responsabilidade” por parte de quem fala. A questão levantada pelo enunciador é posta a distância para designar uma linha de demarcação que uma formação discursiva estabelece com seu exterior. (MAINGUENEAU, 1997)

Nesse sentido, podemos estabelecer critérios de relacionamento do sentido produzido entre as FD`s, concorrentes no fio discursivo, com a questão da identidade. O questionamento toma um efeito de confirmar aquilo que o sujeito já havia formulado pelo atravessamento da FD: a vitória da seleção brasileira frente ao Paraguai por 5 a 0 foi insuficiente para fazer o jogador acreditar no bom rendimento da seleção brasileira na Copa de 1958. Os discursos instaurados pela memória discursiva da representação da derrota do time brasileiro de futebol, em 1950,

¹⁰⁴ Por dizer dobrado, Authier-Revuz (1998) afirma que o signo interpõe em sua materialidade e, em vez de se realizar simplesmente, a enunciação desse signo se dobra em uma representação dela mesma. Isto é, o dito é colocado sob as condições da materialidade, revelando condições discursivas de manifestação da alteridade.

construíram formas de resistência e tensão, produzindo incredulidade do brasileiro para com a seleção.

As aspas, dessa maneira, isolam o discurso relatado do enunciador, formulando uma espécie de licença, em que o sujeito produz resistência e contestação, sem condição de pena ou arbitrariedade de outrem, àquilo que o discurso do outro silenciou com a reprodução dos discursos de superioridade do estrangeiro instaurados pelo olhar do outro sobre o Brasil(eiro).

A identidade formada pela representação da derrota, como se nota na crônica “O quadrúpede de 28 patas”, dá-se pelo efeito contraditório e avesso postos em jogo pelos enunciados. Esses movimentos de sentidos entre o dito e o modo de dizer formulam uma tensão discursiva passível de posicionar o sujeito da enunciação não como alguém apático diante da situação futebolística enfrentada pelo Brasil na década de 1950, mas como um questionador desse estado e propulsor de uma reação pelos brasileiros. A posição discursiva de enfrentamento para com o discurso-outro é um dos aspectos de demanda da identidade brasileira. A luta do contrário afirma um posicionamento de diferença do sujeito frente ao que venha a ser estrangeiro.

No trecho “estou decepcionado com o escrete!” há a presença do discurso-outro, distanciado pelo enunciador também com a utilização das aspas. A cena enunciativa construída por essa implicação procura legitimar o discurso de insatisfação do brasileiro com a própria condição sócio-cultural na qual o país se encontrava.

Historicamente, ainda que a população passasse por momentos de desenvolvimento econômico, com investimento em transporte, energia, comunicações, petróleo e infraestrutura urbana, pelos aspectos sócio-culturais ainda se produziam discursos de resistência na sociedade, principalmente nos grandes centros urbanos, pelas diferenças raciais.

Podemos relacionar essas condições pelas alterações das forças sociais internas e externas entre as camadas da população, visto que havia ainda discriminação aparente entre o branco e o negro, isto é, socialmente, havia uma clara luta de classes.

No entanto, se considerarmos o futebol como elemento constitutivo da identidade brasileira, esse distanciamento histórico entre as camadas sociais diminui. A condição do negro no futebol, na década de 1950, já era aceita pelos

clubes. A sociedade elitista abrigava o negro somente nessas condições, a de jogador de futebol. Isso se deu porque o futebol já era aceito como cultura popular e de massa, incluindo o negro como pertencente a essa cultura, mais duradoura do que as manifestações políticas. O futebol, portanto, nos anos de 1950, deu sinais de uma emancipação social e justiça social.

Cabe ressaltar que a formação discursiva instaurada no enunciado evidencia uma correção antecipada no metadiscurso. O sujeito explicita uma separação entre o que se esperava da seleção com o jogo e o que efetivamente o futebol brasileiro oferece ao país. Pelo distanciamento marcado pelas aspas, inserindo um discurso-outro, há uma relação conflituosa entre torcedor (brasileiro), seleção brasileira de futebol (Brasil) e, simbolicamente, os elementos constitutivos da identidade brasileira (o futebol), visto que o torcedor (o brasileiro) buscava novos traços de identidade e de solidariedade coletiva, haja vista que o Brasil, devido ao processo imigratório ocorrido no início do século XX, ainda, na década de 1950, buscava consolidar uma feição para os elementos representativos do país. O futebol serviu como esse elemento. (SEVCENKO, 1994)

Em outra passagem, o discurso indireto “segundo Machado de Assis...” marca uma posição de distanciamento do enunciador, cuja ligação se dá com um lugar discursivo que remete a formações discursivas reguladoras do que ele pode dizer no momento da enunciação. O discurso indireto instaurado procura evidenciar a autoridade literária (a representação simbólica de Machado de Assis) como forma do sujeito da enunciação se ausentar da responsabilidade pelo dito, ainda que a citação faça menção explícita ao autoritarismo.

Pelo dito de Machado de Assis, há deslizamento de sentido quanto às implicações das formações discursivas imperativas daquilo que deve ser dito no enunciado. Encontramos dois posicionamentos autoritários em relação ao dito “é melhor do que cair de um terceiro andar”, sequência do enunciado anterior. Um deles é a remissão à autoridade representativa e simbólica da figura de Machado de Assis. Nesse sentido, infere-se a notoriedade de Machado nos seios literário e social. O outro posicionamento é a condição em que o sujeito da enunciação se coloca para reproduzir o discurso de Machado de Assis, pois o formula como forma de opacidade de sua própria autoridade. O deslizamento de sentido entre essas duas formas de autoridade representa o modo com que as formações discursivas manipulam o dito na cena enunciativa.

As manifestações discursivas instauradas na materialidade linguística do enunciado citado anteriormente constituem um processo de investigação sobre o futebol e a relação existente com a questão da identidade. O distanciamento, ocasionado pelo emprego do discurso indireto, está ligado ao modo resabiado que a população vivenciava nos anos antecedentes à Copa do Mundo de 1958. Um clima de insatisfação do brasileiro para com a seleção. Desse modo, os discursos de constituição da identidade brasileira também foram atravessados pelo momento de insatisfação nacional em diferentes setores sociais.

Outra ocorrência da relação conflituosa entre torcedor e seleção brasileira, formulada pela imbricação das formações discursivas construtoras de uma imagem de negação da própria identidade e de derrota do brasileiro em relação a outros países, podemos constatar no segmento discursivo a seguir:

(6) De resto, convém notar o seguinte: — o escrete brasileiro implica todos nós e cada um de nós. Afinal, ele traduz uma projeção de nossos defeitos e de nossas qualidades. Em 50, houve mais que o revés de onze sujeitos, houve o fracasso do homem brasileiro.

A compreensão do funcionamento discursivo é a posição em que o sujeito fala no enunciado. Isso demonstra, para Orlandi (2005, p. 39), uma “relação de forças”. Dependendo do lugar em que o sujeito constrói seu discurso, acarretará certo peso na relação com outros discursos, fortalecendo ou enfraquecendo posições do dizer de outro sujeito inserido na cena enunciativa.

De um lado, a posição ocupada pelo sujeito da enunciação em (6) está ligada a um discurso de reconhecimento do torcedor¹⁰⁵ com o bom desenvolvimento do time brasileiro, refletindo na constatação de uma relação íntima entre torcedor e seleção. O futebol, nesse sentido, presta-se para consolidar um elo de carga afetiva e emocional. Esse processo confirma a relação afetiva entre futebol e torcida, dizendo que ela é crucial, não somente ao time, mas para formular um conceito de nação, visto que é formada por uma massa de pessoas, todas com o mesmo objetivo. O comportamento da torcida pode ser comparado à simbologia e à dinâmica social do populismo. (SEVCENKO, 1994)

¹⁰⁵ Para Sevcenko (1994, p. 36), O torcedor é “aquele que se torce, retorce, se contorce, com o seu corpo fosse uma caixa de ressonância, reproduzindo e ampliando cada movimento, gesto, esforço, façanha desempenhada no campo”.

No entanto, pela formulação do dito “o escrete brasileiro implica todos nós e cada um de nós.”, na materialidade linguística, o sujeito é afetado pela memória discursiva na qual foram construídos discursos de negação e inferioridade da seleção brasileira diante dos fracassos nos anos de 1950 a 1957, pontualmente nas Copas do Mundo de 1950 e 1954. O uso do pronome “nós” leva o sujeito enunciativo a ser afetado por formações discursivas que se confrontam no fio discursivo. Do mesmo modo que o sujeito posiciona-o num discurso de confronto com o discurso-outro, defendendo os elementos identitários brasileiros, ele problematiza o fato de se aliar a tal posição. Esse modo de construção do outro instaura a natureza contraditória do discurso posto na cena enunciativa pelo enunciador. O brasileiro, ao mesmo tempo em que torce e almeja um país forte e vencedor, não somente no futebol, mas também nos setores econômico e social, sente-se ressabiado em acreditar no futebol brasileiro e, em consequência, no Brasil, visto que nos anos anteriores à 1958, a seleção brasileira (Brasil) passou por efeitos de negação dos próprios elementos pátrios, instaurados, simbolicamente, por suas derrotas em jogos internacionais.

O efeito contraditório dos discursos instaurados na crônica reproduz, nos modos de construção do processo identitário brasileiro, a partir dos elementos simbolicamente representativos do futebol, o fortalecimento do *ethos* discursivo de nação próspera e em desenvolvimento pelo torcedor (povo) brasileiro.

Dessa forma, o sujeito da enunciação concerne a uma posição na relação que se tem com o outro no dito do enunciado e, ampliando, à esfera literária na qual a crônica se situa. Essa posição pode, para Maingueneau (1995), ser explorada em dois eixos: um deles é o de “tomada de posição”, em que o enunciador ocupa certa posição na cena enunciativa; noutro eixo, essa posição assume, segundo a formação discursiva que a afeta, um estatuto. No caso da crônica analisada, ora um estatuto de torcedor, ora um estatuto de crítico esportivo, construindo discursos com a situação enfrentada pelo país diante das derrotas.

O sujeito, com essa tomada de posição, desloca o sentido produzido pela memória discursiva, construída pelos acontecimentos discursivos durante o processo histórico pela demanda do ser brasileiro, instalando um período de transição no esporte nacional. O sujeito da enunciação, ao se referir ao episódio de 1950, ancora-se na memória discursiva construída por esse acontecimento para legitimar as suas tomadas de posição diante da instabilidade da seleção brasileira. O

discurso do torcedor é pela aceitação de uma nova seleção (Brasil), mas a memória discursiva instalada na enunciação designa um espaço de confronto no qual estabelece barreiras para tal aceitação.

A lembrança do fracasso do homem brasileiro está atrelada ao desempenho ruim dos jogadores brasileiros na Copa do Mundo de 1950. Um dos reflexos pelo baixo rendimento deveu-se à instabilidade pela qual a população passava no período do governo Dutra. Se pelo lado futebolístico, o Brasil estava avançado, com jogadores em ótima fase, pela economia e pela política, era um país atrasado. Pela construção do estádio do Maracanã, em dois anos, o governo brasileiro procurou mostrar sua força para se lançar como uma potência mundial, haja vista o tamanho do estádio. Guterman (2009) considera ser intenção de Dutra colocar o Brasil entre os grandes países. Pela conquista da Copa do Mundo de 1950, o governo pretendia mostrar ao mundo sua capacidade de organização. Pelos discursos produzidos pelas autoridades públicas, assim como pela sociedade de um modo geral, o Brasil venceria a Copa. A vitória da seleção brasileira seria uma consequência da superioridade da seleção em relação a outras nações.

No entanto, a derrota do Brasil para a seleção do Uruguai deixou o país em crise de identidade. Uma das responsabilidades pela derrota e pela instalação da crise foi designada ao goleiro Barbosa. Por ser negro, a classe elitista brasileira utilizou-se do jogador como bode expiatório. Nesse processo conflitual, os discursos de miscigenação brasileira e de preconceitos raciais emergiram nas camadas mais altas da sociedade.

Para Guterman (2009), esse acontecimento entrou para a história e para a memória do povo. O processo de formulação da identidade brasileira, solidamente construída nos anos de 1930 e 1940, pela singularidade da diversidade racial, após 1950, foi desestruturado pelas próprias diferenças raciais.

Seria preciso quase uma década para começar a cauterizar essa ferida, cuja origem remonta à própria estrutura vertical, rigidamente hierárquica, de uma sociedade brasileira mal saída de quatro séculos de escravidão. O negro despertava (e ainda desperta) no Brasil sentimentos ambíguos. Serve para explicar o sucesso e o fracasso do país. E 1950 foi a prova definitiva disso.

Simbolicamente, a derrota produziu no povo brasileiro um sentimento de incompetência: o Brasil não poderia ser um país grande e

desenvolvido. A derrota representava a desconstrução do projeto brasileiro em se destacar no cenário mundial. O futebol, antes representativo da união democrática e racial entre as camadas da sociedade, após a derrota, serviu para fazer ressurgir um sentimento racista ainda não extinto totalmente. (RODRIGUES FILHO, 2003)

Logo após o efeito contraditório da representação da derrota, bem como a instabilidade do enunciador, na posição de torcedor, em aceitar ou não o bom andamento da seleção brasileira, podemos constatar que o deslocamento de sentido dessa tomada de posição reforça o *ethos* de otimismo do torcedor (povo brasileiro) em defesa dos elementos constitutivos da própria cultura brasileira. Reafirma-se, portanto, o sentimento nacionalista que, pela confluência de diferentes formações discursivas na esfera da crônica e, por efeito, a intersecção do outro no discurso produzido pelo sujeito, atesta a formação discursiva predominante do embate discursivo. Vejamos no segmento discursivo a seguir:

(7) Ora, o torcedor que nega o escrete está, como o meu amigo, xingando-se a si mesmo. E por isso, porque é um Narciso às avessas, que cospe na própria imagem, eu o promovo a meu personagem da semana.

A remissão à figura de Narciso no fio discursivo implica uma tomada de posição da função-autor¹⁰⁶ sobre a qual recai à noção de embreagem paratópica (MAINGUENEAU, 1995) do campo literário que a crônica está inserida. A inserção do personagem Narciso no discurso do enunciador configura uma embreagem de um indivíduo paratópico, representando um papel marginal no discurso ao qual está inserido. Maingueneau (1995) apresenta a questão da marginalidade no indivíduo paratópico como figuras que, ao mesmo tempo, são aceitas e rejeitadas pela sociedade.

A embreagem da figura de Narciso representa dois posicionamentos do sujeito no fio discursivo. Um deles, numa visão mais simplista, fazendo menção ao jovem mitológico que morre ao olhar por um longo tempo para sua imagem

¹⁰⁶ Para Foucault (1996, p. 46), a função-autor se constitui como uma “característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade”. O que faz o autor alguém reconhecido pela obra é o estatuto da produção dos discursos de uma determinada sociedade que eleva ou não a categoria de autor. Orlandi (2005, p. 75) repensa a autoria como uma função discursiva: se o locutor se representa como eu no discurso e o enunciador é a perspectiva que esse eu assume, a função discursiva autor é a função que esse eu assume enquanto produtor de linguagem. [...] ele é, das dimensões do sujeito, a que está mais determinada pela exterioridade. É a categoria discursiva mais afetada pelas instituições, pois há coerções e regras que estipulam o dizer e o fazer nos discursos.

refletida na água, relaciona-se ao modo de comportamento do torcedor diante da seleção brasileira. Da mesma forma que Narciso (torcedor brasileiro) é atraído pela sua beleza (seleção brasileira) refletida na água, produzindo um sinal de veneração, há uma quebra de expectativa na enunciação, visto que a expressão “às avessas”, inserida no fio discursivo, afetada pelo discurso do outro, constituído pelos pré-construídos da derrota de 1950, revela uma atmosfera de incredulidade com a seleção brasileira e baixa-autoestima da população pela demanda do ser brasileiro.

Outro posicionamento, mais complexo, reside no ethos construído pela sociedade do escritor Nelson Rodrigues. Isso produz um efeito discursivo na função-autor designada pelo autor na crônica. Pela questão da marginalidade paratópica proposta por Maingueneau (1995), há variações em função das configurações históricas e das posições ocupadas pelo escritor no contexto sócio-cultural em que viveu. As modalidades são variáveis e representam uma relação de afeição e repulsa da sociedade para com o escritor, devido aos escritos designados a ele. Pode-se, assim, representar as projeções do próprio Nelson Rodrigues nas formações discursivas que o dominam e o afetam na relação com a sociedade, bem como o *ethos* discursivo construído pela sociedade a partir da reprodução dos seus discursos. A figura de Narciso funcionaria como identificação e voz do escritor em relação à sociedade, assim como da sociedade em relação a ele.

Se pensarmos no nome Nelson Rodrigues, ele próprio designa um funcionamento inserido em formações discursivas. No contexto da crônica, isso interfere no modo de articulação dos discursos. A função-autor em Nelson Rodrigues sugere uma produção de sentidos institucionalizados. Alguns deles são: autor mais importante do teatro brasileiro, o mais influente dramaturgo do Brasil, com o codinome de “anjo pornográfico” ou “pornográfico reacionário”. Na produção de crônicas esportivas, discorreu sobre os significados do futebol no Brasil, institucionalizando sentidos pelos enunciados “obvio ululante”, “Complexo de viralatas” e a “realeza” de Pelé.

Isso mostra o funcionamento discursivo na função-autor em Nelson Rodrigues a partir de designações institucionalizadas na sociedade. A constituição de alguns saberes formulados por essas relações discursivas está intrinsecamente ligada a condições de produção, assim como o contexto sócio-histórico da posição de sujeito. “Sendo a dimensão discursiva que está mais determinada pela relação

com a exterioridade (contexto sócio-histórico), ela está mais submetida às regras das instituições”. (ORLANDI, 1988, p. 77)

Também, podemos dizer que a expressão enunciativa “Narciso às avessas, que cospe na própria imagem” aparece como forma de justificativa e de conclusão do sujeito quanto ao discurso do outro. Na relação polêmica instaurada entre o discurso do mesmo com o discurso do outro, o sujeito toma um posicionamento de defesa da seleção brasileira, mesmo diante dos fracassos dos anos anteriores. A contrariedade do sujeito da enunciação à figura representativa do torcedor, isto é, o discurso do outro, revela uma marca de identificação com os elementos de brasilidade, re-estabelecendo, desse modo, o vínculo afetivo entre o brasileiro e o país.

Ao longo dos efeitos discursivos contraditórios quanto às questões ligadas ao trajeto temático da representação da derrota, o processo de configuração da identidade brasileira ocorre pelas designações do que foi construído, de um lado, pela herança dos aspectos sócio-culturais de colonização do país e, de outro, pela emergência dos discursos produzidos nas décadas de 1940 e 1950 em torno do futebol apresentado pela seleção brasileira.

Podemos, assim, constatar, nas crônicas analisadas, um trajeto temático em relação à questão identitária que apresenta gradação e mudança no posicionamento do sujeito quanto à representação construída por ele da seleção brasileira e, com efeito, do povo brasileiro para com o discurso-outro. Afetado por diferentes formações discursivas, o discurso reproduzido na materialidade linguística adquire caracterização polêmica designando, no fio discursivo, rejeição ao discurso do outro.

2.4.2 O Complexo de Vira-Latas e o Efeito de Contradição

A crônica “O complexo de vira-latas” apresenta a problemática da derrota da seleção brasileira na Copa do Mundo 1950 como a representante simbólica do pessimismo instalado entre os torcedores brasileiros. O que se percebe é a maneira como o sujeito evidencia, na cena enunciativa, o questionamento acerca da identidade brasileira, asseverando, pelo efeito de contradição discursiva (PÊCHEUX, 1977), uma crítica ao próprio comportamento do povo brasileiro em

relação à formação da cultura e dos aspectos de brasilidade, silenciados, na crônica, pelo discurso do outro.

Para isso, faz-se necessário estabelecermos algumas condições de emergência sobre a expressão “complexo de vira-latas”, título da crônica. A expressão, pelo efeito do pré-construído, constituiu-se por uma série de apropriações de enunciados já proferidos antes mesmo de ela ser enunciada em 1958. Na crônica de 1956, “Abaixo a humildade”, por exemplo, como se observou, as expressões “servilismo colonial” e “autonegação” já formulavam condições de emergência do “complexo de vira-latas”.

Ainda de forma irônica, Nelson Rodrigues (1993, p. 30) considera que o brasileiro “adora ignorar as próprias virtudes e exaltar as próprias deficiências, numa inversão do chamado ufanismo”. Essa ironia, presente já no enunciado “complexo de vira-latas”, designa um discurso de subversão para com as condições de comportamento servil do povo brasileiro em relação ao outro. Por um lado, há um posicionamento do sujeito na questão do fracasso do torcedor diante daquilo que não consegue atingir, ênfase no discurso de inferioridade nacional. De outro lado, o enunciado legitima o discurso rodrigueano, evidenciando a competência da seleção brasileira, ao mesmo tempo em que subverte o discurso da imprensa esportiva e do Governo pelo não incentivo ao esporte nacional, que projeta e representa o país mundialmente, em jogos internacionais.

No segmento discursivo, a seguir, o sujeito produz um questionamento que desloca o sentido quanto ao comportamento do brasileiro em relação à seleção brasileira. Vejamos:

(8) E, aqui, eu pergunto: — não será esta atitude negativa o disfarce de um otimismo inconfesso e envergonhado?

Eis a verdade, amigos: — desde 50 que o nosso futebol tem pudor de acreditar em si mesmo. A derrota frente aos uruguaios, na última batalha, ainda faz sofrer, na cara e na alma, qualquer brasileiro.

Destaca-se, no segmento apresentado, a recorrência à derrota da seleção brasileira em 1950 como ponto de contradição no discurso rodrigueano. A remissão ao disfarce instaurado pelo enunciado inicial do segmento (8) pode ser lida como o interrogatório do próprio torcedor (brasileiro) diante do impasse na consolidação dos elementos de brasilidade como fatores de constituição da identidade nacional. A derrota de 1950 simbolizava a não-projeção do Brasil face o

resto do mundo. A identidade brasileira, em construção pelos discursos de brasilidade, a partir de então, serviu para caracterizar o país como fracassado.

A colocação da negação no início do questionamento pode remeter a uma análise polifônica (MAINGUENEAU, 1997), em que é preciso distinguir duas proposições: uma proposição primeira e uma proposição segunda, que nega a primeira. O enunciado “— não será esta atitude negativa o disfarce de um otimismo inconfesso e envergonhado?”, numa primeira proposição afirmativa, põe em cena um discurso que sustenta um ponto de vista segundo o qual o torcedor disfarça, pelo comportamento de atitude negativa para com o futebol brasileiro, um otimismo na vitória da seleção brasileira na Copa de 1958. Esse discurso aponta para o efeito do pré-construído instituído pelos discursos nacionalistas, bem como os discursos de valorização da cultura brasileira e da miscigenação racial, como elementos de diferenciação do brasileiro. A negação permite rejeitar a suposição de que o brasileiro aceitou pacificamente as condições da derrota e da projeção da cultura brasileira e construção da identidade nacional.

Constata-se, assim, que o trajeto temático sobre a questão da identidade está marcado por discursos contraditórios. O avesso no discurso rodrigueano constrói-se pelos posicionamentos do ser brasileiro em relação ao modo como o sujeito é percebido nos deslocamentos de sentido entre esses discursos.

As ocorrências temáticas, no segmento (8), como em toda a crônica, dão conta de revelar um embate entre os discursos de superioridade e inferioridade instalados pelos posicionamentos sócio-históricos do sujeito, representado pela conduta do torcedor brasileiro diante da derrota de sua seleção. Pelo futebol, o Brasil proporcionaria ao brasileiro uma questão mais democrática, justa, proporcionando-lhe o escape da condição de inferiorizado cultural e socialmente, da condição de “vira-latas”, para ser respeitado entre as grandes potências do mundo. O processo de construção da identidade brasileira legitimar-se-ia por discursos de enaltecimento do futebol brasileiro.

No entanto, o sentimento brasileiro em relação à seleção nacional era de desconfiança. Os discursos emergidos entre os anos de 1950 e 1957 representam formações discursivas em torno da derrota. Isso proporcionou o complexo de inferioridade que incidiu no povo brasileiro.

(9) E, hoje, se negamos o escrete de 58, não tenhamos dúvida: — é ainda a frustração de 50 que funciona. Gostaríamos talvez de acreditar na seleção. Mas o que nos trava é o seguinte: — o pânico de uma nova e irremediável desilusão.

O sujeito, no segmento (9), se inclui em um discurso que procura representar uma voz nacional, um desejo da população em não acreditar na seleção brasileira, ainda que, para a Copa de 1958, o time brasileiro mantivesse bons jogadores. Essa inclusão do sujeito está condicionada ao efeito do pronome “nós”, empregado na declinação do verbo “negar” na 1ª pessoa do plural. O discurso instaurado nega, pelo princípio dialético, uma afirmação positiva construída anteriormente, um pré-construído, de um posicionamento do sujeito quando afetado por diferentes formações discursivas.

A afirmação positiva, por sua vez, liga-se à esperança de, pela vitória da seleção brasileira na Copa do mundo de 1950, configurar uma identidade nacional brasileira por aquilo que o país poderia oferecer simbolicamente, o diferente: um futebol campeão por ter, em sua formação, a miscigenação de raças, assim como a malemolência e o gingado, características culturais do povo brasileiro. Para Orlandi (1990), o brasileiro se cria pela instauração de um espaço de diferença, de separação. Salienta-se, assim, os elementos de brasilidade como fatores pré-estabelecidos para essa diferença simbólica.

Se, para Indursky (1997), o funcionamento da negação se estabelece nas fronteiras entre discursos ideologicamente antagônicos, nessa crônica, há um posicionamento do discurso-outro na esfera enunciativa. O discurso anteriormente instaurado, o de confiança do povo brasileiro na seleção de 1950, contrapõe-se ao discurso novo, o de acreditar na renovação da seleção e, por conseguinte, no Brasil.

O processo de identidade brasileira, pelo discurso-outro, é colocado num confronto entre o discurso velho e o discurso novo. O outro, nessa crônica, configura-se na memória discursiva do dito no interior de práticas discursivas condicionadoras da existência histórica do enunciado. O dito posto pela negação dá conta de instaurar a derrota como fator de existência histórica do enunciado nas práticas discursivas.

Com isso, pela marca da negação no discurso do sujeito, há transformação do enunciado, antes, positivo, agora, negativo, permitindo um dizer,

outrora bloqueado na formação discursiva, que ora seja dito. Relacionando com as condições de produção, podemos constatar os discursos instaurados pela imprensa e pelo Estado entre os anos antecedentes a 1958. O povo brasileiro foi condicionado a aceitar uma posição inferior no futebol. Essa condição produziu discursos na sociedade que levaram o brasileiro a aceitar, ainda que pela oposição de discursos de elevação da cultura brasileira¹⁰⁷, sua inferioridade no esporte e, com efeito, em outras áreas.

No enunciado “Gostaríamos talvez...”. ainda no segmento (9), constata-se um dito atravessado por um metadiscurso, o qual estabelece uma mudança de frequência do discurso, gerando instabilidade no dizer. Esse processo evidencia que uma “formação discursiva define sua identidade em relação à língua e ao interdiscurso”. (MAINGUENEAU, 1997)

O advérbio “talvez” marca uma dúvida do sujeito em relação ao dito, produzindo deslocamento de sentido do discurso produzido, explicitando um estatuto do sujeito em contraposição à formação discursiva instaurada pelas condições de produção historicamente determinadas pela representação da derrota em 1950. Por intermédio do metadiscurso dito pelo advérbio, o sujeito exprime a luta contrária pela própria formação discursiva que o domina, tomando distância, construindo outras fronteiras em seu discurso.

Podemos relacionar esse posicionamento do sujeito como uma fronteira-limite entre formações discursivas. O sujeito, apesar do domínio de uma formação discursiva outra, negocia no interior dessa FD. A colocação do verbo na 1ª pessoa do plural em “Gostaríamos” inclui o sujeito numa dispersão de discursos que procuram sair da margem do campo discursivo. Nesse caso, relacionamos com os discursos de classes minoritárias socialmente, isto é, pela construção do metadiscurso na crônica, verificamos o choque entre discursos de formações ideológicas antagônicas. Ao mesmo tempo em que o sujeito é controlado pelo discurso-outro dominante, o qual estabelece uma sustentação de inferioridade do povo brasileiro quanto ao futebol e, por consequência, a uma não credibilidade dos elementos de brasilidade constituintes da identidade nacional, ele, pelo deslizamento de sentido no enunciado, representa uma formação discursiva dominada, mas que luta para se estabelecer no centro do campo discursivo.

¹⁰⁷ Podemos citar os estudos de Gilberto Freyre, na década de 1950, sobre formação da cultura brasileira.

Cabe ressaltar que esse jogo discursivo perpassa toda a materialidade linguística da crônica. O sujeito constrói seu discurso se opondo ao modo como se configura o discurso do outro. Esse processo de não aceitação desencadeia um posicionamento antagônico do sujeito. Ele é afetado pelo sentimento patriótico às vésperas da Copa do Mundo. Mas, também, esse posicionamento designa certa instabilidade no fio discursivo, de modo a produzirem-se questionamentos sobre o caráter e credibilidade da seleção brasileira. Vejamos o segmento discursivo a seguir:

(10) Mas vejamos: — o escrete brasileiro tem, realmente, possibilidades concretas? Eu poderia responder, simplesmente, “não”. Mas eis a verdade: — eu acredito no brasileiro, e pior do que isso: — sou de um patriotismo inatual e agressivo, digno de um granadeiro bigodudo.

A colocação da conjunção “mas”, em dois momentos no fio discursivo, instaura a mudança de posicionamento do sujeito e a instabilidade do discurso instaurado por ele na cena enunciativa. A primeira aparição de “mas” cumpre uma função de refutação do dito anterior, de forma a silenciar o discurso-outro. No jogo discursivo que se estende na crônica, a refutação é uma brecha da formação discursiva dominada com função de gerar incerteza quanto ao discurso do outro. O questionamento que se faz refere-se às possibilidades de mudança instauradas pelo sujeito para com a situação da seleção brasileira e do torcedor. O “mas” de refutação recusa a legitimidade daquilo que foi instaurado anteriormente. (MAINGUENEAU, 1997)

O segundo “mas” tem força argumentativa. Ele liga dois atos distintos no fio discursivo. O enunciado que segue o “mas” é apresentado como argumento mais forte. O sentimento de patriotismo e a crença no brasileiro¹⁰⁸ devem-se valer sobre o enunciado anterior. O discurso rodrigueano pretende instaurar as diferenças simbólicas (WOODWARD, 2000) da cultura brasileira como as fortalecedoras do brasileiro, dando-lhe uma identificação própria. As representações produzidas incluem as práticas de significação posicionando o sujeito do discurso rodrigueano, dando sentido à experiência de ser brasileiro.

¹⁰⁸ Podemos relacionar o brasileiro com os elementos de brasilidade, como o futebol, o samba, o carnaval e a feijoada, elementos da cultura que diferenciam o Brasil dos demais, assim como a concepção da palavra “brasileiro”, aquele que nasceu no Brasil, que não pertence a outras nações.

A colocação do segundo “mas” implica também numa tomada de posição frente ao discurso do outro. Há uma crítica ao modo de o povo brasileiro ser visto e condicionado pelo discurso-outro. Podemos estabelecer o avesso no discurso rodrigueano, cuja relação está na forma como o brasileiro concebe e aceita a imposição de outras culturas. Da mesma forma em que o “mas” indica inquietude do comportamento do torcedor brasileiro, opondo-se ao discurso anterior, faz uma crítica e aceita a posição na qual ele foi constituído.

Esse efeito de contradição no discurso rodrigueano liga-se aos sistemas de representação que constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar. A questão levantada pelo discurso rodrigueano é “Quem sou eu?”, na posição de quem creditou as vantagens de ser brasileiro na Copa do Mundo de 1950 e na expectativa do Brasil se despontar entre as grandes nações. A crítica instaurada no discurso rodrigueano, ao “complexo de vira-latas”, justifica-se dessa forma. Vejamos o segmento discursivo 11:

(11) Por “complexo de vira-latas” entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol. Dizer que nós nos julgamos “os maiores” é uma cínica inverdade.

Nessa definição do “complexo de vira-latas”, instaurado pelo sujeito, o processo enunciativo põe em jogo marcas simbólicas da construção do ser brasileiro. Em todo o texto, há uma desconstrução do discurso do outro como forma de negociação do sujeito em afirmar uma condição do Brasil(eiro) face a outros países.

No momento em que o sujeito projeta na cena enunciativa a percepção que se tem do brasileiro, inferiorizado pelo discurso do outro, há um posicionamento do discurso rodrigueano construindo uma crítica ao seu estado de inferioridade. O brasileiro, na construção do discurso rodrigueano, afetado por uma formação discursiva dominante condicionada ao modo como o estrangeiro produz um olhar sobre o Brasil, ignora as próprias virtudes e exalta as próprias deficiências, “numa inversão do chamado ufanismo”. (RODRIGUES, 1993, p. 30)

A afirmação de inversão ufanista no discurso rodrigueano ressignifica e constrói um novo olhar sobre a própria condição do brasileiro. Da mesma forma que o sujeito instala no segmento (11), assim como em toda a crônica,

características subdesenvolvidas do Brasil, categorizando o fracasso brasileiro em diferentes setores sociais, e isso se identifica por um trajeto temático de outros enunciados marcados pelas sucessivas derrotas da seleção brasileira, podemos estabelecer um lado avesso desse discurso.

O sujeito, pelo dito na definição do “complexo de vira-latas”, emerge um discurso irônico quanto ao brasileiro ser um vira-latas. O sujeito faz uma crítica à condição sócio-histórica do povo brasileiro, mas, ao mesmo tempo, aceita essa condição. O discurso rodrigueano evidencia, assim, um confronto de culturas e identidades entre o Brasil e o estrangeiro, promovendo ao brasileiro a aceitação da condição de inferioridade, visto que, para o sujeito, pela construção dos discursos identitários constituídos ao longo da história do Brasil, desde o período de colonização, o brasileiro constitui-se como um povo diferente pela falta de condições apropriadas de desenvolvimento da nação.

Para o sujeito, a alusão que se faz do estado do brasileiro a um complexo de vira-latas configura-se na emergência de um discurso de insatisfação com as condições sócio-econômicas brasileiras da década de 1950. O futebol, dessa maneira, é visto como uma válvula de escape para o desânimo do povo. Com isso, abre-se uma falha no discurso dominador do outro, dando brecha para que se estabeleça, no fio discursivo, um lugar de tomada de posição brasileiro quanto à configuração da identidade nacional.

No segmento discursivo (12), a seguir, instaura-se, no final da crônica, a cenografia da peça teatral de Hamlet¹⁰⁹ pela qual o sujeito dá conta de posicionamentos divergentes no discurso-avesso rodrigueano, em que é afetado constantemente por formações discursivas acerca do ser brasileiro, com olhar do brasileiro em relação ao estrangeiro, e com olhar do estrangeiro para com o brasileiro.

(12) Insisto: — para o escrete, ser ou não ser vira-latas, eis a questão.

O dito do segmento (12) parafraseia o jogo discursivo posto anteriormente no fio discursivo da crônica, entre constituir-se como brasileiro,

¹⁰⁹ Tragédia de Willian Shakespeare, produzida entre os anos de 1599 e 1601. O questionamento feito pelo personagem principal está relacionado a um fundo filosófico cujo tema é a vingança da morte do pai. Isso propõe uma reflexão sobre o período de transição do homem e as dúvidas que esse processo gera. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Hamlet>. Data de acesso: 04/06/2013

aceitando o complexo de vira-latas, ou opondo-se ao discurso dominador do outro, instituindo o futebol como elemento de singularidade do povo brasileiro, capaz de diferenciá-lo dos demais povos. Essa diferenciação entre povos, para Woodward (2000), produz identidade.

Sendo assim, a crônica “Complexo de vira-latas” mostra-se como um jogo de representações simbólicas cujos enunciados categorizam discursos opostos. Em torno do enunciado “complexo de vira-latas”, uma estratégia discursiva sobre o futebol como elemento questionador e condicional do brasileiro se estabelece. De um posicionamento a outro, o sujeito do discurso rodrigueano legitima, com marcações de ironia e paráfrase, a representação do ser vira-latas como sua necessária conjunção com o desejo de configurar uma identidade brasileira pelo futebol.

2.4.3 O Futebol e o Traço de Identidade Nacional Construída

Aos poucos, na década de 1950, os discursos sobre a constituição da identidade nacional foram tomando outros posicionamentos, ora as derrotas da seleção, ora as características étnico-raciais da própria composição da seleção brasileira. As qualidades intrínsecas do Brasil, como a formação do povo e da cultura, funcionaram como mecanismos discursivos para a constituição do processo identitário nas crônicas. Freyre (1957, p. 433), em um artigo no *Diário de Pernambuco*, utiliza-se do futebol para cristalizar essa afirmação:

nosso futebol mulato, com seus floreios artísticos cuja eficiência – menos na defesa que no ataque – ficou demonstrada brilhantemente nos encontros deste ano com os poloneses e os tchecoslovacos, é uma expressão da nossa formação social, democrática como nenhuma e rebelde e excessos de ordenação interna e externa; a excessos de uniformização, de geometrização, de standardização; a totalitarismos que façam desaparecer a variação individual ou espontaneidade pessoal. No futebol, como na política, o mulatismo brasileiro se faz marcar por um gosto de flexão, de surpresa, de floreio que lembra passos de dança e de capoeiragem. [...] Enquanto o futebol europeu é uma expressão apolínea de método científico e de esporte socialista em que a ação pessoal resulta mecanizada e subordinada à do todo – o brasileiro é uma forma de dança, em que a pessoa se destaca e brilha.

Como se observa, há um contraponto entre o futebol brasileiro em detrimento ao futebol de outros países. Freyre (1957, p. 433), destaca o futebol

brasileiro como “floreio que lembra passos de dança e de capoeiragem. [...] Enquanto o futebol europeu é uma expressão apolínea de método científico”. Dessa maneira, podemos demarcar uma diferença na cultura nacional que serviu de influência para a composição do estilo de jogo do futebol brasileiro.

A demarcação estabelecida pela diferença, particularmente pela mistura de raças no futebol brasileiro, proporcionou novas possibilidades de contextualização da nossa cultura. Conseqüentemente, configurou-se em uma construção da identidade do país pelo o que o brasileiro havia instituído de diferente de outros países: a maneira malemolente de se jogar futebol.

Assim, houve um estreitamento entre as relações das classes subalternas com a elite e o Estado. Isso levou a uma unificação de pensamento no esporte.¹¹⁰ No caso brasileiro, foi indiscutivelmente por meio do futebol “[...] que o povo pode finalmente juntar os símbolos do Estado nacional: a bandeira, o hino e as cores nacionais, esses elementos que sempre foram propriedade de uma elite.” (DaMATTA, 2006, p. 165)

Percebe-se que o esporte bretão¹¹¹, pela sua configuração brasileira, deixa de ser apenas um jogo, para se configurar como processo de democratização e inclusão, “pelo qual a sociedade brasileira fala, apresenta-se, revela-se, deixando-se, portanto descobrir” (DAMATTA, 1982, p. 21). Essas implicações reforçam o conceito de identidade, uma vez que tratam de fazer do esporte uma voz e um corpo gerais da nação brasileira.

Na crônica “É chato ser brasileiro!” a atmosfera discursiva está ancorada nessas condições históricas de produção. Os sentidos produzidos pela emergência desses discursos deslocam-se da condição de inferioridade do brasileiro, antes da conquista da Copa do Mundo de 1958, para o orgulho de ser um país mestiço, após a conquista.

A mestiçagem do povo, principal diferença da seleção brasileira em relação a outras seleções, de outras nações, sobretudo as europeias, instaura, portanto, na crônica, outros modos de configuração da identidade nacional.

¹¹⁰ “Fala-se muito na indolência do mestiço nacional, já se escreveram bibliotecas acerca da incapacidade da nossa raça para tudo que exija esforço físico. Mas basta a paixão brasileira pelo futebol para mostrar exatamente o contrário: no ardor com que se entregam ao ‘esporte das multidões’ nossos patrícios de todas as idades e de todas as condições sociais, está o maior desmentido de nossa preguiça”. (Raquel de Queiroz. *O Cruzeiro*, 29, jan. 1949, p. 106)

¹¹¹ adj. e s.m. Da Bretanha, natural dessa região: dialeto falado na Bretanha./Da Inglaterra ou Grã-Bretanha. Extraído de <http://www.dicio.com.br/bretao/>

Constata-se que, antes de 1958, se a identidade do brasileiro foi marcada e constituída, no discurso rodrigueano, pela representação coletiva e simbólica das derrotas da sua seleção, depois desse ano, o deslocamento de sentido passou a ser estabelecido pela vitória da Copa do Mundo.

A atmosfera instalada serviu para a produção de discursos de natureza eufórica, qualificando o Brasil(eiro) a uma posição de destaque no cenário internacional, a ponto de o governo JK, em campanhas internacionais, explorar o poder mobilizador que a conquista de 1958 possuía. Para Guterman (2009), a vitória da seleção brasileira “coroou” o governo, identificado-a com o crescimento econômico, o estímulo à cultura popular, com o projeto urbanístico e com o processo de industrialização.

Nota-se, também, que a repetição do enunciado “E a quem devemos tanto?”, ao longo da crônica, funciona como um direcionamento do discurso rodrigueano quanto à forma de construir o enaltecimento pátrio diante da conquista da seleção brasileira. Esse direcionamento instaura um embate discursivo com o discurso-outro, visto que o questionamento apresenta um contraponto com o discurso dominante, o qual, nos textos anteriores analisados, está ligado ao modo como o brasileiro constrói seu imaginário de nação pelo falar do outro.

O imaginário construído anteriormente à conquista de 1958 configurou-se num processo de identidade nacional no qual o brasileiro apoiava-se no complexo de inferioridade. A partir disso, a sequência desse enunciado responsabiliza o escrete como a quem o povo brasileiro deve tanto. Esse dever tanto pela conquista da Copa de 1958 projeta o discurso rodrigueano na defesa da seleção brasileira. Com isso, há um silenciamento do discurso-outro. Há uma projeção do futebol brasileiro como o melhor do mundo e, com efeito, valorização da cultura e mestiçagem em detrimento de outras culturas. O efeito de sentido pela ocorrência dupla do enunciado acima citado dá condições para que o sujeito produza elementos de qualificação do povo, construindo o futebol como instituição nacional.

Para isso, o sujeito na cena enunciativa da crônica “É chato ser brasileiro!” recorre a uma tomada de posicionamento quanto a acontecimentos discursivos postos nas crônicas anteriores, com objetivo de legitimar seu discurso.

Um dos posicionamentos do sujeito rodrigueano para legitimar o seu discurso é alusão ao personagem de Dickens. Essa alusão reintroduz, no fio

discursivo, o efeito de ironia do sujeito sobre a própria condição do futebol brasileiro e, por consequência, do povo brasileiro. Nesse sentido, quando o sujeito faz remissão a essa condição do futebol nacional, procura silenciar os discursos ligados a essa atmosfera discursiva. Desse modo, há um efeito de contradição no discurso rodrigueano.

A referência ao personagem de Dickens, nessa perspectiva discursiva, não é para fazer crítica à situação apática da seleção diante da derrota naquela ocasião, mas explicitar que o Brasil(eiro), depois da primeira conquista da Copa, é o oposto disso. O discurso rodrigueano procura evidenciar, assim, que a seleção brasileira e o Brasil(eiro) apresentam possibilidades de se projetar como potência entre as grandes nações.

Outra recorrência pode-se inferir a partir do segmento discursivo a seguir:

(13) O povo já não se julga mais um vira-latas. Sim, amigos: — o brasileiro tem de si mesmo uma nova imagem

Os discursos de inferioridade reproduzidos pelo enunciado “complexo de vira-latas”, antes de 1958, davam conta de ironizar e aceitar a condição do Brasil(eiro) como nação inferior. O discurso rodrigueano evidencia, assim, um confronto de culturas e identidades entre o Brasil e o estrangeiro, configurando-se na emergência de um discurso de insatisfação com as condições sócio-econômicas brasileiras da década de 1950.

Após a Conquista da Copa de 1958, no segmento (13), o discurso rodrigueano faz uma apropriação dos discursivos emergidos pelas ocorrências do “Complexo de vira-latas” em diversas esferas sociais, isto é, do pré-construído acerca do que representa o efeito de repetição do enunciado, como forma, também, de legitimação daquilo que diz. O efeito, também, é contrário. No novo cenário instalado pela vitória da seleção, o sujeito da cena enunciativa reverte o quadro de inferioridade, produzindo, no brasileiro, um estado de satisfação de assim o ser pelo novo *ethos* produzido. Pelo olhar do outro, na condição de vitória da seleção brasileira, de derrota de outras nações, de condições de produção diferentes, o brasileiro define-se em uma nova identidade.

Contata-se, ainda, ao longo da materialidade linguística da crônica, a utilização, pelo sujeito, do recurso de ironia como efeito de contradição do seu

discurso. Como já citado anteriormente, Maingueneau (1997) apresenta a ironia como aquela que possui a propriedade de rejeitar um enunciado, utilizando-se de um operador implícito.

Nesse sentido, compreende-se que, no enunciado que dá título à crônica, “É chato ser brasileiro”, há um operador implícito que pode apenas ser evidenciado pelo interdiscurso construtor da representação simbólica daquilo que se projetava na cena enunciativa antes e depois da Copa de 1958. Com as simbolizações das derrotas, antes de 1958, chato produz um sentido de desprezo e desgosto em ser brasileiro.

Depois da conquista da primeira Copa do Mundo, chato adquire outro posicionamento. Com os discursos produzidos após 1958, valorizando a seleção brasileira e, por consequência, o brasileiro, há um deslocamento de sentido no dizer “É chato ser brasileiro”, visto que o enunciado mostra o avesso dos discursos reproduzidos anteriormente. A representação que se faz está ligada diretamente a um destinatário: o discurso do outro. O caráter enfático do enunciado remete a uma colocação de posição do brasileiro superior a outros povos. A questão da chatice é empregada para designar um efeito contrário ao seu valor denotativo. O brasileiro, depois da conquista da Copa, é um povo legal, formidável, notável. A construção desse efeito se dá no modo como o brasileiro é visto pelo estrangeiro depois da vitória na Copa do Mundo.

Além da ironia, o sujeito do discurso rodrigueano se apropria do recurso da estereotipia na legitimação desse discurso. Há uma fundamentação do estereótipo na emergência de enunciados ditos em algo antecedente, relacionando-se, também, à questão do imaginário. Para Amossy (1997 *apud* Charaudeau & Maingueneau, 2006, p. 215), o estereótipo “é uma representação coletiva cristalizada, em que o alocutário recupera, no discurso, elementos espalhados, para reconstruí-los em função de um modelo cultural preexistente”. Desse modo, a representação coletiva liga-se ao processo interpretativo e do conhecimento enciclopédico do alocutário sobre o estereótipo. A AD considera o estereótipo como um *topoi* e relaciona-se, para Pêcheux (1975, 2009) ao pré-construído.

Vejamos a aplicação do estereótipo no segmento discursivo (14):

(14) E vou mais além: — diziam de nós que éramos a flor de três raças tristes. A partir do título mundial, começamos a achar que a nossa tristeza é uma piada fracassada. Afirmava-se também que éramos feios. Mentira! Ou, pelo menos, o triunfo embelezou-nos.

O sujeito insere, no fio discursivo, alguns estereótipos com os quais busca, legitimação daquilo que diz, do mesmo modo em que estabelece, relação de confronto ao discurso-outro. Os enunciados “flor de três raças tristes” e “feios” funcionam como estratégias discursivas do sujeito para formular uma crítica ao discurso do outro. Os efeitos de sentido produzidos com a remissão aos estereótipos contradizem o olhar do estrangeiro para com a cultura e a constituição do povo brasileiro.

O primeiro estereótipo, “flor de raças tristes”, refere-se ao “mito das três raças”, teorizado por Darcy Ribeiro (1995). Segundo o sociólogo, a constituição do povo brasileiro se deve à conjunção de três raças: a indígena, a africana e a europeia¹¹² (português). O discurso do outro, desse modo, constrói o olhar sobre o povo brasileiro de forma estereotipada, cristalizada pelo senso-comum. O sujeito rodrigueano, ao inserir, em seu discurso, o estereótipo, apropria-se desse olhar do outro sobre a constituição do Brasil(eiro), subvertendo-o. Com isso, pretende revelar uma insubordinação ao discurso do outro, justificando a vitória da seleção na Copa do Mundo de 1958 com o processo de mestiçagem dessas raças, valorizando a cultura afro-indígena em detrimento da europeia.

Com esse efeito subversivo do discurso rodrigueano sobre a questão do mito das três raças, o sujeito fundamenta a colocação do estereótipo “feios”. Para o discurso do outro, o processo de miscigenação brasileira constituiu um povo sem pureza. Isto é, na representação coletiva cristalizada no estereótipo das três raças, constituir-se-ia um povo sem traços distintos, sem uma identidade própria. Desse modo, não se poderia aceitar a vitória do Brasil em qualquer que seja a competição ou mesmo a inclusão do país entre as grandes potências mundiais.

¹¹² “Esse mito não é compartilhado por diversos críticos, pois minimiza a dominação violenta provocada pela colonização portuguesa sobre os povos indígenas e africanos, colocando a situação de colonização como um equilíbrio de forças entre os três povos, o que de fato não houve. Estudos antropológicos utilizaram, entre os séculos XVII e XX, o termo “raça” para designar as várias classificações de grupos humanos; mas desde que surgiram os primeiros métodos genéticos para estudar biologicamente as populações humanas, o termo raça caiu em desuso”. Disponível em: <http://www.brasilecola.com/sociologia/o-brasil-varias-cores.htm>. Acesso em: 08/06/2013.

3 CONCLUSÃO

Pelo recorte discursivo acerca do trajeto temático dos traços de identidade nacional, proposto para esta pesquisa, foi possível verificar que o discurso rodrigueano é determinado pelas condições de produção socio-históricas do futebol no Brasil, particularmente as ocorrências da década de 1950.

O trabalho procurou estabelecer o modo de funcionamento das evidências atreladas à questão da identidade brasileira com o discurso produzido pelo outro, bem como as implicações deste na formação do povo brasileiro. Nesse sentido, podemos considerar a constituição do discurso do outro como a formulação da representação simbólica estabelecida pelos discursos produzidos em torno da seleção brasileira de futebol.

Nesse sentido, a partir das análises realizadas em relação às representações de vitória e derrota nas crônicas “Freud no Futebol”, “Abaixo a humildade!” e “O quadrúpede de 28 patas”, o sujeito constrói imagem de um futebol que viria a ser destaque no cenário mundial. Por processos parafrásticos e de reconhecimento dos recursos de negação, aspas e ironia, postos na materialidade linguística, o discurso rodrigueano designa, pelo avesso do discurso, o processo identitário brasileiro. Os discursos balizam-se sobre um ato de servilismo colonial, de autonegação do brasileiro em relação a outros povos, caracterizando a identidade do brasileiro sob a aparência merecedora e vitoriosa do que o futebol proporcionou ao país.

O discurso do outro, portanto, por meio do jogo avesso no intradiscurso, instaura, na cena enunciativa, um desdobramento do saber identitário brasileiro, que, por sua vez, apresenta um pré-construído constituído pelas diferenças simbólicas entre o Brasil e outros países e a necessidade do sentimento de nação formulada pela emergência dos elementos constituintes de nação¹¹³ na seleção brasileira.

Na crônica “Complexo de vira-latas”, há um discurso irônico em relação à condição de inferioridade do povo brasileiro. O efeito de contradição no

¹¹³ Para DaMatta (1994), apenas o futebol, dentre os elementos que configuram a cultura nacional, pôde unir os símbolos do Estado Nacional, tais como a bandeira, o hino e as cores nacionais. Com isso, pelo futebol, houve um começo do processo de democratização entre as classes sociais, visto que esses elementos pertenciam, ou que eram utilizados, somente pelas forças armadas brasileiras e pelas classes elitistas.

discurso (PECHÊUX, 1977) instala uma crítica à própria condição do brasileiro em aceitar pacificamente a situação socio-histórica à qual pertence. O futebol serve como elemento questionador e condicional quanto à questão da identidade. Depois da conquista, pela seleção brasileira, da Copa do Mundo de 1958, as análises realizadas deram conta de emergir um deslocamento do sentido produzido pela inferioridade e a falta de identidade nacional do povo brasileiro.

No trajeto discursivo da crônica “É chato ser brasileiro!”, constatou-se que o sujeito insere no fio discursivo a ironia e o estereótipo como recursos estratégicos do discurso, com objetivo de subverter o discurso do outro. Assim, desconstrói as representações coletivas cristalizadas pelo outro, construindo um novo olhar sobre o Brasil(eiro), configurando um novo traço de identidade nacional instituído pelo efeito de sentido produzido pela vitória do Brasil na Copa de 1958.

Os discursos evidenciam uma crítica aos costumes e à tradição do brasileiro da década de 1950 em ser um cidadão sem ambição, que aceita as imposições de outras sociedades, sobretudo se essas são advindas de nações com situação socio-econômica em destaque no cenário mundial.

Ainda na crônica “É chato ser brasileiro!”, o discurso rodrigueano apropria-se de alguns recursos para desconstruir o discurso do outro, da mesma forma que constrói o seu discurso. O sujeito faz uso, ao longo da crônica, da ironia e do estereótipo formulado pelo outro para subverter os sentidos produzidos pelo discurso do outro em condições socio-históricas determinadas em um momento outro, em outro lugar. O pré-construído instalado no discurso rodrigueano funciona como recurso discursivo para que o sujeito instale no fio discursivo a emergência do discurso vitorioso do Brasil frente a outras nações.

Podemos citar o exemplo do enunciado “Brasil é o país do futebol”. As ocorrências performativas desse enunciado emergem na sociedade discursos sobre futebol como elemento configurante da identidade nacional, como um sistema de representação que possibilita a individualização do brasileiro e o lugar de fala e reprodução dos discursos.

Por esta razão, as crônicas designam sentidos que mobilizam lugares discursivos quanto à questão da identidade, já que os discursos identitários se constituem pela diferença simbólica existente entre o “ser” brasileiro e o “ser” cidadão de outra nação. Essa diferença, portanto, representa, no discurso rodrigueano, a própria maneira do brasileiro valorizar o futebol como elemento

constitutivo da cultura brasileira. As designações quanto às representações sobre o “ser” brasileiro articulam-se por todos os textos analisados. Os modos de funcionamento discursivo evidenciam como o sujeito configura os questionamentos acerca da derrota.

Assim, podemos pensar a crônica como um conjunto de discursos sobrepostos. Um exemplo dessa sobreposição, nas crônicas esportivas aqui analisadas, são as construções do sujeito do discurso, visto que ele deixa marcas enunciativas, tais como repetições e paráfrases. Esses recursos linguísticos atestam a falha na materialidade discursiva da crônica, a qual remete a um querer-dizer do inconsciente no fio discursivo.

Os efeitos de sentido, portanto, com as análises, evidenciam uma crítica sobre o modo pelo qual o brasileiro estabelece relações de compreensão do futebol produzindo discursos de constituição da identidade brasileira. Os discursos reproduzidos nas crônicas marcam-se pela diferença simbólica produzida entre a formação da cultura e do povo brasileiro. Pela mestiçagem brasileira, o futebol brasileiro proporcionou novas possibilidades de contextualização da cultura brasileira, posicionando-se, na década de 1950, como o fator principal de constituição da identidade brasileira.

Os procedimentos analíticos voltados para o arcabouço teórico da AD não tiveram o objetivo de dar cabo de todas as temáticas que envolvem a questão da identidade brasileira nas crônicas futebolísticas. O recorte proposto evidenciou não o “o quê” dessa relação, mas “o porquê”. A proposta da pesquisa pretendeu problematizar o tema, tendo como a materialidade linguística das crônicas, o suporte necessário para estabelecer relações entre os efeitos de sentido produzidos pela relação polêmica entre os discursos emergidos no/pelo futebol com os discursos de configuração da identidade brasileira.

Cabe ressaltar que, para a AD, há sempre um deslocamento de sentido no imbricamento discursivo. Isto é, os sentidos produzidos entre futebol, brasileiro e identidade, hoje, já são outros.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, L. De O Capital à Filosofia de Marx. In: ALTHUSSER *et al.* Tradução de: Nathanael Caixeiro. **Ler O Capital**. v. I. Rio de Janeiro: Zahar ed., 1979. p. 11 – 74.
- _____. **Aparelhos ideológicos de Estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado. 9. ed. Tradução de: Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003.
- ANTUNES, F. M. R. F. “**Com brasileiro, não há quem possa!**”: futebol e identidade em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: UNESP, 2004.
- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). In: **Cadernos de estudos linguísticos**, Campinas, UNICAMP – IEL, n. 19, jul./dez, 1990.
- _____. **Palavras incertas**: as não-coincidências do dizer. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.
- _____. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. (1982). In: _____. **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004a.
- _____. Palavras mantidas a distância. In: _____. **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004b.
- BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski** (1929). 2. ed. Trad. Paulo Bezerra.
- _____. (VOLOSHINOV, 1929). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de: M. Lahud e Y. F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 1979
- _____. Os gêneros do discurso (1952-1953). In.: **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão Gomes e Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 277-326
- BARBOSA, M. **História cultural da imprensa**. Brasil 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- BELTRÃO, L. **Iniciação à filosofia do jornalismo**. Rio de Janeiro: Agir, 1992.
- BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral**. Tradução de Maria da Glória Novak e Luiza Nér., 4. ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 1995.
- BOTELHO, A. R. M. Da geral à tribuna, da redação ao espetáculo: a imprensa esportiva e a popularização do futebol (1900-1920). In: SILVA, F. C. T. da; SANTOS, R. P. dos (Org.). **Memória social dos esportes: futebol e política**: a construção de uma identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad X, Faperj, 2006. p. 313-335.

BRUHNS, H. T. **Futebol, carnaval e capoeira entre as gingas do corpo brasileiro**. Campinas, SP: Ed. Papirus, 2000.

CALDAS, W. **O pontapé inicial**: memória do futebol brasileiro. São Paulo: Ibrasa, 1990.

CAMARGO, V. R. T; CARVALHO, S; MARQUES, J. C. **Comunicação e esporte**: tendências: Santa Maria, Pallotti, 2005.

CAPRARO, A. M. (2007). **Identidades imaginadas**: Futebol e nação na crônica esportiva brasileira do século XX. Tese de doutorado. Curitiba, UFPR. Disponível em:
<<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/13529/Tese%20Defesa%200-%20Corpo.pdf?sequence>>. Acesso em 05 jul. 2012.

CASTRO, R. **O anjo pornográfico**: a vida de Nelson Rodrigues. São Paulo: Companhia das Letras, 1992

CHARAUDEAU. P. **Le discours d'information médiatique**. Paris: Nathan, 1997.

_____; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. Coordenação da tradução: Fabiana Komesu. 2 ed. 3 reim. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. **Discurso das mídias**. Tradução Ângela S. M. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2007.

COELHO, F. O. Futebol e produção cultural no Brasil: a construção de um espaço popular. In: SILVA, F. C. T. da; SANTOS, R. P. dos (Org.). **Memória social dos esportes**: futebol e política: a construção de uma identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad X, Faperj, 2006. p. 228-258.

CORACINI, M. J. **A celebração do outro**: arquivo, memória e identidade. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2007

_____. (Org.). **O desejo da teoria e a contingência da prática**: discursos sobre e na sala de aula (língua materna e língua estrangeira). Campinas: Mercado de Letras, 2003.

COSTA, F. O futebol na ponta da caneta. In: **Revista USP**: dossiê futebol, nº 22, jun/jul/ago 2004. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/22/04-nicolau.pdf>>. Acesso em 05 jul. 2012

COURTINE, J. J. Quelques problèmes théoriques et méthodologiques en analyse de discours. **Langages**. Paris: Larousse, 60. P 9-127, 1982.

DAMATTA, R et al. **Universo do futebol** – esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro, Pinakotheke, 1982

_____. Futebol: ópio do povo ou drama de justiça social. P. 101 – 120. In: **Explorações**: ensaios de sociologia interpretativa. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

_____. Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro. In: **Revista USP: Dossiê Futebol**. Número 22, 1994. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/22/04-nicolau.pdf>> Acesso 05 jul. 2012

FACINA, A. **Santos e canalhas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

FIORIN, J. L. A construção da identidade nacional brasileira. In: **Bakhtiniana**. São Paulo, v. 1, n. 1, p. 115-126, 1º sem. 2009. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/viewArticle/3002>> Acesso em 27 abr.2012

FOUCAULT, M. **O que é um autor?** Boletim da SFP, 1969, trad. Mayer Alves, USJ, 1995.

_____. **A ordem do discurso**. São Paulo, Loyola, 1996.

_____. **A arqueologia do saber**. Tradução de: Luiz Felipe Baeta Neves. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

FREUD, S. **Novas conferências introdutórias sobre psicanálise**. Ed. Standard, v. XXII, ou livros 28 e 29 da Pequena Coleção, 1933.

FREYRE, G. (1964) Prefácio da 1. ed. In: RODRIGUES FILHO, M. **O Negro no Futebol Brasileiro**. 5 ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

FUCHS, C. A paráfrase linguística: equivalência, sinonímia ou reformulação? In: **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Tradução de: Carlos, Rodolfo Ilari e Rosa Attié Figueira. Campinas: Editora da UNICAMP, n. 8, 1985, (p. 129-134)

GALLO, S. Autoria: questão enunciativa ou discursiva? In: **Linguagem em (Dis)curso**, set. 2001. Disponível em: <http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/172>. Acesso em: 04 out. 2012.

GASTALDO, E. **Pátria, chuteiras e propaganda**: O brasileiro na publicidade da Copa do Mundo. São Paulo: Annablume; São Leopoldo: Unisinos, 2002.

_____. A Pátria na "imprensa de chuteiras": futebol, mídia e identidades brasileiras. In: **ANPOCS - ASSOCIAÇÃO NACIONAL EM PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**, XXVII, 2003, Caxambú. Encontro Anual da ANPOCS. Congresso: ANPOCS - Associação Nacional em Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, Outubro 2003.

GOLDGRUB, F. **Futebol**: arte ou guerra? Rio de Janeiro, Imago, 1990.

GUILHAUMOU, J. Aonde vai a análise de discurso? Em torno da noção de formação discursiva. In: **Revista Línguas e instrumentos linguísticos**. Campinas, n. 16, p.09-42, julho/dezembro 2005.

GUTERMAN, M. **O futebol explica o Brasil**: uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2009.

HELAL, R. “Estádios Vazios, Ausência de Ídolos: Notas para uma Reflexão sobre a Crise do Futebol Brasileiro”. In: **Futebol**: 100 Anos de Paixão Brasileira (Pesquisa de Campo), Rio de Janeiro, Departamento Cultural/UERJ, 1994, p.61.

HENRY, P. **A ferramenta imperfeita**: língua, sujeito e discurso. Campinas, SP: Unicamp, 1992.

_____. Os fundamentos teóricos da Análise Automática do Discurso de Michel Pêcheux (1969). In: GADET, F; HAK, T. **Por uma análise Automática do Discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução de: Bethânia Mariani et al. Campinas, SP: UNICAMP. 3 ed. 1997 p. 13-38.

INDURSKY, F. **A fala dos quartéis e as outras vozes**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

_____. Formação Discursiva: esta noção ainda merece que lutemos por ela? In: INDURSKY, F; FERREIRA, M. C. L. (Org.). **Análise do discurso no Brasil**: mapeando conceitos, confrontando limites. 1 ed. São Carlos: Clara Luz, 2007, v. 1, p. 163-172.

_____. O texto nos estudos da linguagem: especificidades e limites. In: ORLANDI, E. P.; LAGAZZI-RODRIGUES, S. **Discurso e textualidade** (Introdução Às ciências da linguagem). 2 ed. Campinas: Pontes editores, 2010.

KLINGER, D. **Escritas de si, escritas do outro**: o retorno do autor e a virada etnográfica. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

KRISTEVA, J. **Estrangeiros para nós mesmos**. Tradução de: Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LACAN J. J. O sujeito e o outro: a alienação. In: **O Seminário – Livro 11**. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1979b. Cap. XVI, p. 193 – 204.

_____. Introdução do grande outro. In: **O Seminário — Livro 2**: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985. Cap. XIX, p. 296-311.

_____. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, Jorge Zahar editor, 1998.

LEITE LOPES, J. S. A vitória do futebol que incorporou a pelada: a invenção do jornalismo esportivo e a entrada dos negros no futebol brasileiro. In: **Revista USP**: dossiê futebol, n. 22, jun/jul/ago 2004. Disponível em: <http://www.usp.br/revistausp/22/04-nicolau.pdf>. Acesso 05 jul. 2012

MACHADO, M. B; JACKS, N. O discurso jornalístico. In: **Associação de programas de pós-graduação em Comunicação** – UFRGS, 2001. Disponível em: www.ufrgs.br/gtjornalismo/compos/doc2001/machado_jacks2001.rtf. Acesso em: 30 ago. 2012

MAGALDI, S. **Teatro da obsessão**: Nelson Rodrigues. São Paulo: Global, 2004

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em Análise do Discurso**. Tradução de: Freda Indursky. 3 ed. Campinas, SP: Pontes, 1997.

_____. **Gênese dos discursos**. Trad. Sírio Possenti. Curitiba: Criar edições, 2005

_____. Campo discursivo: a propósito do campo literário. In: _____. **Doze conceitos em Análise do Discurso**. Orgs. Sírio Possenti e Maria Cecília Perez de Souza- e-Silva. São Paulo: Parábola, 2010. p. 49-62.

MALDIDIER, D; NORMAND, C; ROBIN, R. Discurso e ideologia: bases para uma pesquisa. In: ORLANDI, E. P. (Org.) et al. **Gestos de Leitura**. 3 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

MARIANI, B. C. S. **O PCB e a imprensa**: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989). Rio de Janeiro: Revan; Campinas: Ed. Unicamp, 1998.

_____. Os primórdios da Imprensa no Brasil (ou: de como o discurso jornalístico constrói memória). In: ORLANDI, E. P (Org.). **Discurso fundador**: A formação do país e a construção da identidade nacional. Campinas, SP: Pontes, 3 ed. 2003.

MARQUES, J. C. **O futebol em Nelson Rodrigues**. São Paulo: Educ/Fapesp, 2000.

MAZZONI, Tomás. **Problemas e aspectos do nosso futebol**. São Paulo, A Gazeta, 1939.

_____. História do futebol no Brasil. São Paulo, Edições Leia, 1950.

MEDEIROS, V. G. Discurso cronístico: uma “falha no ritual” jornalístico. In: **Linguagem em (Dis)curso**. Tubarão, v. 5, n.1, p. 93-118, jul./dez. 2004

MELO, J. M. **A Opinião no Jornalismo Brasileiro**. 1 ed. Petrópolis : Editora Vozes, 1985.

MELO, V. A. Garrinha x Pelé: Futebol, cinema, literatura e a construção da identidade nacional. In: **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 20, n. 4, p. 281-285, out.-dez. 2006

MOISÉS, M. **A criação literária**. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1982.

MUSSALIN, F. Análise do Discurso. In: MUSSALIN, F; BENTES, A. C. (2001) (Org.) **Introdução à Linguística**: domínios e fronteiras. v. 2. São Paulo: Cortez Editora, 2009.

_____. Análise do discurso literário: campo discursivo e posicionamento na interlíngua. In: VII CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN. Curitiba, **Anais...** 2011. Disponível em:
<http://www.abralin.org/abralin11_cdrom/artigos/Fernanda_Mussalin.PDF>. Acesso em: 06 set. 2012

NEGREIROS, P. J. L. de C. Futebol e identidade nacional. In: **Encontro de história do esporte, lazer e Educação Física**, 1997. Ijuí: Ed. da UNIJUI, 1997.

MOURA, S. A. A crônica: entre o campo literário e o campo jornalístico. In: **Revista Contemporânea**, n 11, 2008, 2 semestre.

ORLANDI, E. P. Segmentar ou recortar? In: GUIMARÃES, Eduardo (Org.) **Linguística: Questões e Controvérsias**. Série Estudos, n. 10, Uberaba, Fiube, 1984.

_____; GUIMARÃES, E. Unidade e dispersão: uma questão de texto e do sujeito. In: **Sujeito e texto**. São Paulo: EDUC, Série cadernos PUC, n. 31, 1988. p. 17-35.

_____. **Terra à vista** – discurso do confronto: velho e novo mundo. São Paulo: Cortez, 1990

_____. Discurso, imaginário social e conhecimento. In: **Aberto**, Brasília, ano 14, n.61, jan./mar. 1994. Disponível em:
<<http://www.rbep.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/911/817>>. Acesso em: 25 set. 2012

_____. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. **As formas do silêncio no movimento dos sentidos**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

_____. Discurso e argumentação: um observatório do político. In: **Fórum Linguístico**, Florianópolis, n. 1 (73-81), jul.-dez. 1998

_____. **Discurso e Texto**. Campinas: Pontes editores, 2001a.

_____. Identidade linguística escolar. In. SIGNORINI, Inês (Org.). **Lingua(gem) e Identidade**: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas, SP: Fapesp, 2001c, p. 203- 212.

_____. **Análise de discurso**: Princípios e procedimentos. 6 ed. Pontes, SP, 2005.

_____. Análise de discurso. In: ORLANDI, E. P; LAGAZZI-RODRIGUES, S.(Org.). **Discurso e textualidade**. 2 ed. Campinas, SP: Pontes, 2010. p. 11-31.

_____. Os sentidos de uma estátua: espaço, individuação, acontecimento e memória. In: **Entremeios**: revista de estudos do discurso. v. 1, n.1, jul/2010. Disponível em:<<http://www.entremeios.inf.br>>. Acesso em 21 ago. 2012

_____. **A linguagem e seu funcionamento:** as formas do discurso. 6 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

ORTIZ, R. Estado, cultura popular e identidade nacional. In: _____. **Cultura brasileira e identidade nacional.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

PÊCHEUX, M; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). Tradução de: Péricles Cunha. In: GADET, F. & HAK, T. (Org.) **Por uma análise automática do discurso:** uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas, Editora da Unicamp, 1997, p. 163 - 252

PÊCHEUX, M. A Análise do Discurso: três épocas (1983). Tradução de Jonas de A. Romualdo. In: GADET, F. & HAK, T. (Org.) **Por uma análise automática do discurso:** uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas, Editora da Unicamp, 1997, p.61-161

_____. Papel da memória. In: **Papel da memória.** Tradução e introdução de: J. Horta Nunes. Campinas: Pontes. 1999.

_____. **Discurso:** estrutura ou acontecimento. Tradução de: Eni Orlandi. 5 ed. Campinas: Pontes editores, 2008

_____. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. (1975) Tradução de: Eni Orlandi. 4 ed. Campinas: UNICAMP, 2009.

PINHEIRO, L. S. L. A temporalidade no discurso jornalístico: Os títulos sobre um acontecimento histórico. **Revista PJ: Br - Jornalismo Brasileiro.** 14 ed. Novembro, 2011. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/artigos14d.htm>.> Acesso em: 24 ago. 2012

PORTELLA, E. A cidade e a letra. In: _____. **Dimensões I.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1958.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro:** a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa.** Tomo I. Tradução de: Constança Marcondes Cesar. Campinas: Papyrus, 1994.

RINALDI, W. Futebol: manifestação cultural e ideologização. In: **Revista da Educação Física – UEM/ Maringá,** v. 11, n. 1, p. 167-172, 2000.

RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais:** crônicas de futebol; seleção e notas Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. **A pátria em chuteiras:** novas crônicas de futebol; seleção e notas Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

SEVCENKO, N. Futebol, metrópoles e desastinos. In: **Revista USP**: Dossiê futebol, nº 22, jun/jul/ago 2004. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/22/04-nicolau.pdf>> Acesso 05 jul. 2012

SILVA, M. C. F. Nome de autor, função autor e autoria. In: 5º ENCONTRO DO CELSUL, Curitiba-PR, **Anais...** 2003 (940-944)

SIMON, L. C. S. **Dois ou três páginas despretensiosas**: a crônica, Rubem Braga e outros cronistas. Londrina: EDUEL, 2011.

SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOARES, A. J. **Futebol, malandragem e identidade**. Vitória: SPDEC/UFES, 1994.

_____. HELAL, R; SANTORO, M. A. Futebol, imprensa e memória. In: **Revista Fronteiras** – estudos midiáticos VI (1):61-78, janeiro/junho 2004. Unisinos. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/fronteiras/article/viewArticle/3081>> Acesso em 12 jul. 2012

SODRÉ, N. W. **Quem é o Povo no Brasil?** Digitalização de Cadernos do Povo Brasileiro – 2 (2008). [Exemplar Nº 2113] Civilização Brasileira, Rio, 1962

WELTMAN, F. L. Mídia e transição democrática: a (des) institucionalização do pan-óptico no Brasil. In: ABREU, Alzira Alves de (Org.). **Mídia e política no Brasil**: jornalismo e ficção. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 2003.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: (Org.) SILVA, T. T. **Identidade e diferença**: A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. (p. 07-72).

ANEXOS

ANEXO A

FREUD NO FUTEBOL

Um amigo meu que foi aos Estados Unidos informa que, lá, todo mundo tem o seu psicanalista. O psicanalista tornou-se tão necessário e tão cotidiano como uma namorada. E o sujeito que, por qualquer razão eventual, deixa de vê-lo, de ouvi-lo, de farejá-lo, fica incapacitado para os amores, os negócios e as bandalheiras. Em suma: — antes de um desses atos gravíssimos, como seja o adultério, o desfalque, o homicídio ou o simples e cordial conto-do-vigário, a mulher e o homem praticam a sua psicanálise.

O exemplo dos Estados Unidos leva-me a pensar no Brasil ou, mais exatamente, no futebol brasileiro. De fato, o futebol brasileiro tem tudo, menos o seu psicanalista. Cuida-se da integridade das canelas, mas ninguém se lembra de preservar a saúde interior, o delicadíssimo equilíbrio emocional do jogador. E, no entanto, vamos e venhamos: — já é tempo de atribuir-se ao craque uma alma, que talvez seja precária, talvez perecível, mas que é incontestável.

A torcida, a imprensa e o rádio dão importância a pequeninos e miseráveis acidentes. Por exemplo: — uma reles distensão muscular desencadeia manchetes. Mas nenhum jornal ou locutor jamais se ocuparia de uma dor-de-cotovelo que viesse acometer um jogador e incapacitá-lo para tirar um vago arremesso lateral. Vejam vocês: há uma briosa e diligente equipe médica, que abrange desde uma coriza ordinaríssima até uma tuberculose bilateral. Só não existe um especialista para resguardar a lancinante fragilidade psíquica dos times. Em consequência, o jogador brasileiro é sempre um pobre ser em crise.

Para nós, o futebol não se traduz em termos técnicos e táticos, mas puramente emocionais. Basta lembrar o que foi o jogo Brasil x Hungria*, que perdemos no Mundial da Suíça. Eu disse “perdemos” e por quê? Pela superioridade técnica dos adversários? Absolutamente. Creio mesmo que, em técnica, brilho, agilidade mental, somos imbatíveis. Eis a verdade: — antes do jogo com os húngaros, estávamos derrotados emocionalmente. Repito: — fomos derrotados por uma dessas tremedeiras obtusas, irracionais e gratuitas. Por que esse medo de bicho, esse pânico selvagem, por quê? Ninguém saberia dizê-lo.

E não era uma pane individual: — era um afogamento coletivo. Naufragaram, ali, os jogadores, os torcedores, o chefe da delegação, a delegação, o técnico, o massagista. Nessas ocasiões, falta o principal. Estão a postos os jogadores, o técnico e o massagista. Mas quem ganha e perde as partidas é a alma. Foi a nossa alma que ruiu face à Hungria, foi a nossa alma que ruiu face ao Uruguai.

E aqui pergunto: — que entende de alma um técnico de futebol? Não é um psicólogo, não é um psicanalista, não é nem mesmo um padre. Por exemplo: — no jogo Brasil x Uruguai entendo que um Freud seria muito mais eficaz na boca do túnel do que um Flávio Costa, um Zezé Moreira, um Martim Francisco. Nos Estados Unidos, não há uma Bovary, uma Karênina que não passe, antes do adultério, no psicanalista. Pois bem: — teríamos sido campeões do mundo, naquele momento, se o escrete houvesse freqüentado, previamente, por uns cinco anos, o seu psicanalista.

Sim, amigos: — havia um comissário de polícia, que lia muito X-9, muito Gibi. Para tudo o homem fazia o comentário erudito: — “Freud explicaria isso!”. Se um cachorro era atropelado, se uma gata gemia mais alto no telhado, se uma galinha pulava a cerca do vizinho, ele dizia: — “Freud explicaria isso!”. Faço minhas as palavras da autoridade: — só um Freud explicaria a derrota do Brasil frente à Hungria, do Brasil frente ao Uruguai e, em suma, qualquer derrota do homem brasileiro no futebol ou fora dele.

[Manchete Esportiva, 7/4/1956]

* Hungria 4 x 2 Brasil, 27/6/1954, em Berna. Uruguai 2 x 1 Brasil, 16/7/1950, no Maracanã.

ANEXO B

ABAIXO A HUMILDADE!

Eu sempre me lembro daquele personagem de Dickens que vivia chamando pelas esquinas: - “Eu sou humilde! Eu sou o sujeito mais simples do mundo!”. Era de mais, como se vê. Mas, essa humildade espetacular e, por vezes, agressiva, já intimidava e acuava vizinhos, parentes, conhecidos e até desconhecidos. Quando ele passava na rua, havia, de imediato, o cochicho invejoso e consagrador: - “Lá vai o humilde!”. E o fulano não parava em casa, vivia saindo, para melhor passear e melhor exhibir a sua insolente humildade.

Pois bem: - o brasileiro tem um pouco de personagem de Dickens. Eu disse “um pouco” e já amplio: - tem muito. Se examinarmos nossa história individual e coletiva, esbarraremos, a cada passo, com exemplos equívocos e indelévels de humildade. Por exemplo: - a recentíssima jornada do escrete brasileiro em canchas européias. Foi algo de patético. No dia mesmo do embarque, vem o nosso técnico Flávio Costa e, a babar de humildade anuncia: - “Nós vamos aprender!”. Vejam vocês: - aprender! Vinte e quatro horas depois, a declaração soava e ressoava no berro impresso das manchetes. Quem dizia isso não era um qualquer, mas alguém investido de autoridade e da clarividência de técnico do time.

Quem leu ou escutou a advertência teve todo o direito de pensar que o escrete era analfabeto em futebol. De qualquer maneira, não se podia desejar uma humildade mais compacta e mais refalsada. Um retrospecto de nossos resultados internacionais teria, talvez, justificado uma manifestação ereta e viril e não esse esgar de subserviência. Afinal, éramos, na pior das hipóteses, os vice-campeões do mundo. E fizéramos, na Copa da Suíça, um jogo pau-a-pau com os divinos húngaros.

E, assim, imersos até o pescoço numa vil modéstia, lá partiram os nossos craques para aprender na Europa. Mas já não constituíram uma equipe briosa, entusiasta, segura de si mesma e dos próprios méritos. Com um piparote o Sr. Flávio Costa dizimara toda a euforia, devastara todo o *élan* dos nossos rapazes. Ao sair daqui, o escrete estava amadurecido para a derrota. O raciocínio é claro: - se íamos aprender, nada mais natural que os mestres europeus nos infligissem pesadas derrotas.

Eis a verdade: - a primeira derrota da representação, o primeiro empate, o primeiro fracasso foi quando se disse, aqui, que “íamos perder”. Essa humildade real e não simulada é que nos desfibrou em Lisboa, na Suíça, Em Praga, em Milão, em Londres. Como explicar o colapso de Wembley? Foi a humildade, sempre a humildade. Dias antes, com efeito, o Sr. Sílvio Pacheco concedera entrevista em Londres. Perguntado se o escrete brasileiro tinha alguma possibilidade no Mundial de 58, respondeu com pomposa e hedionda certeza: - “Nenhuma!”. Em suma, o presidente da CBD desfraldou a humildade nacional com o impudor de uma manchete. Com dois anos de antecipação, ele derrotou a equipe nacional. Como explicar essa instintiva, essa incontrolável tendência para a autonegação? Será o servilismo colonial que acometeu também o futebol?

Ou expulsamos de nós a alma da derrota ou nem vale a pena competir mais. Com uma humildade assim abjeta, ninguém consegue nem atravessar a rua, sob pena de ser atropelado por uma carrocinha de Chica-bom.

[Manchete Esportiva, 19/5/1956]

ANEXO C

O QUADRÚPEDE DE 28 PATAS

Hoje, o meu personagem da semana é uma das potências do futebol brasileiro. Refiro-me ao torcedor. Parece um pobre-diabo, indefeso e desarmado. Ilusão. Na verdade, a torcida pode salvar ou liquidar um time. É o craque que lida com a bola e a chuta. Mas acreditem: — o torcedor está por trás, dispondo.

Escrevi acima que o torcedor não é um desarmado e provo. De fato, ele possui uma arma irresistível: — o palpito errado. Empunhando o palpito, dá cutiladas medonhas. Vejam o primeiro jogo com os paraguaios. Vencemos de cinco* e podia ter sido de dez. Fizemos do adversário gato e sapato. Ora, para uma primeira apresentação foi magnífico ou, mesmo, sublime. Mas quando saí do Maracanã, após o jogo, vejo, por toda parte, brasileiros amargos e deprimidos. Mais adiante, esbarro num amigo lúgubre. Faço espanto: — “Mas que cara de enterro é essa?”. O amigo rosna: — “Estou decepcionado com o escrete!”. Caio das nuvens, o que, segundo Machado de Assis, é melhor do que cair de um terceiro andar. Instantaneamente, vi tudo: — o meu amigo era ali, sem o saber, um símbolo pessoal e humano da torcida brasileira. Símbolo exato e definitivo.

Em qualquer outro país, uma vitória assim límpida e líquida do escrete nacional teria provocado uma justa euforia. Aqui, não. Aqui, a primeira providência do torcedor foi humilhar, desmoralizar o triunfo, retirar-lhe todo o dramatismo e toda a importância. Atribuiu-se a vitória não a um mérito nosso, mas a um fracasso paraguaio. Os guaranis passavam a ser pernas-de-pau natos e hereditários. Dir-se-ia que, por uma prodigiosa inversão de valores, sofremos com a vitória e nos exaltamos com a derrota.

E, no entanto, vejam vocês: — o escrete visitante, que nos parecia de vira-latas, acabara de vencer e desclassificar a “Celeste” e bater a enfática Argentina. Mas, para cuspir na vitória brasileira, o nosso torcedor fingiu ignorar a real capacidade, a indiscutível classe do adversário. Veio o segundo jogo, no campo careca e esburacadíssimo do Pacaembu. Houve um empate, que teve para o Brasil o gosto de uma semiderrota. Desta vez, porém, nada de choro, nada de vela. Por toda parte, só se viam caras incendiadas de satisfação. Com o olho rútilo e o lábio trêmulo, o torcedor patricio lavava a alma: — “Eu não disse?”. Os pernas-de-pau não eram mais os paraguaios, eram os brasileiros. E está-se vendo esta vergonha: — um escrete, que começou vencendo, já é vítima de uma negação frenética. Há gente torcendo para que ele apanhe de banho na Suécia.

Eis a verdade, amigos: — tratam do craque, tratam da equipe e esquecem o torcedor, que está justificando cuidados especiais. Que estímulo poderá ter um escrete que é negado mesmo na vitória? A seleção não tem saída. Se vence de cinco, se dá uma lavagem, o torcedor acha que o adversário não presta. Se empata, quem não presta somos nós. Durma-se com um barulho desses! Há uma relação nítida e taxativa entre a torcida e a seleção. Um péssimo torcedor corresponde a um péssimo jogador. De resto, convém notar o seguinte: — o escrete brasileiro implica todos nós e cada um de nós. Afinal, ele traduz uma projeção de nossos defeitos e de nossas qualidades. Em 50, houve mais que o revés de onze sujeitos, houve o fracasso do homem brasileiro.

A propósito, eu me lembro de um amigo que vivia, pelas esquinas e pelos cafés, batendo no peito: — “Eu sou uma besta! Eu sou um cavalo!”. Outras vezes, ia mais longe na sua autoconsagração; e bramava: — “Eu sou um quadrúpede de 28 patas!”. Não lhe bastavam as quatro regulamentares; precisava acrescentar-lhe mais 24. Ora, o torcedor que nega o escrete está, como o meu amigo, xingando-se a si mesmo. E por isso, porque é um Narciso às avessas, que cospe na própria imagem, eu o promovo a meu personagem da semana.

[Manchete Esportiva, 17/5/1958]

* Brasil 5 x 1 Paraguai, 4/5/1958, no Maracanã; Brasil 0x0 Paraguai, 7/5/1958, no Pacaembu. Jogos preparatórios para a Copa de 1958.

ANEXO D

COMPLEXO DE VIRA-LATAS

Hoje vou fazer do escrete o meu numeroso personagem da semana. Os jogadores já partiram* e o Brasil vacila entre o pessimismo mais obtuso e a esperança mais frenética. Nas esquinas, nos botecos, por toda parte, há quem esbraveje: — “O Brasil não vai nem se classificar!”. E, aqui, eu pergunto: — não será esta atitude negativa o disfarce de um otimismo inconfesso e envergonhado?

Eis a verdade, amigos: — desde 50 que o nosso futebol tem pudor de acreditar em si mesmo. A derrota frente aos uruguaios, na última batalha, ainda faz sofrer, na cara e na alma, qualquer brasileiro. Foi uma humilhação nacional que nada, absolutamente nada, pode curar. Dizem que tudo passa, mas eu vos digo: menos a dor-de-cotovelo que nos ficou dos 2 x 1. E custa crer que um escore tão pequeno possa causar uma dor tão grande. O tempo passou em vão sobre a derrota. Dir-se-ia que foi ontem, e não há oito anos, que, aos berros, Obdulio arrancou, de nós, o título. Eu disse “arrancou” como poderia dizer: — “extraíu” de nós o título como se fosse um dente.

E, hoje, se negamos o escrete de 58, não tenhamos dúvida: — é ainda a frustração de 50 que funciona. Gostaríamos talvez de acreditar na seleção. Mas o que nos trava é o seguinte: — o pânico de uma nova e irremediável desilusão. E guardamos, para nós mesmos, qualquer esperança. Só imagino uma coisa: — se o Brasil vence na Suécia, se volta campeão do mundo! Ah, a fé que escondemos, a fé que negamos, rebentaria todas as comportas e 60 milhões de brasileiros iam acabar no hospício.

Mas vejamos: — o escrete brasileiro tem, realmente, possibilidades concretas? Eu poderia responder, simplesmente, “não”. Mas eis a verdade: — eu acredito no brasileiro, e pior do que isso: — sou de um patriotismo inatual e agressivo, digno de um granadeiro bigodudo. Tenho visto jogadores de outros países, inclusive os ex-fabulosos húngaros, que apanharam, aqui, do aspirante-enxertado do Flamengo. Pois bem: — não vi ninguém que se comparasse aos nossos. Fala-se num Puskas. Eu contra-argumento com um Ademir, um Didi, um Leônidas, um Jair, um Zinho.

A pura, a santa verdade é a seguinte: — qualquer jogador brasileiro, quando se desamarra de suas inibições e se põe em estado de graça, é algo de único em matéria de fantasia, de improvisação, de invenção. Em suma: — temos dons em excesso. E só uma coisa nos atrapalha e, por vezes, invalida as nossas qualidades. Quero aludir ao que eu poderia chamar de “complexo de vira-latas”. Estou a imaginar o espanto do leitor: — “O que vem a ser isso?”. Eu explico.

Por “complexo de vira-latas” entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol. Dizer que nós nos julgamos “os maiores” é uma cínica inverdade. Em Wembley, por que perdemos? Porque, diante do quadro inglês, louro e sardento, a equipe brasileira ganiu de humildade. Jamais foi tão evidente e, eu diria mesmo, espetacular o nosso vira-latismo. Na já citada vergonha de 50, éramos superiores aos adversários. Além disso, levávamos a vantagem do empate. Pois bem: — e perdemos da maneira mais abjeta. Por um motivo muito simples: — porque Obdulio nos tratou a pontapés, como se vira-latas fôssemos.

Eu vos digo: — o problema do escrete não é mais de futebol, nem de técnica, nem de tática. Absolutamente. É um problema de fé em si mesmo. O brasileiro precisa se convencer de que não é um vira-latas e que tem futebol para dar e vender, lá na Suécia. Uma vez que ele se convença disso, ponham-no para correr em campo e ele precisará de dez para segurar, como o chinês da anedota. Insisto: — para o escrete, ser ou não ser vira-latas, eis a questão.

[Manchete Esportiva, 31/5/1958]

* Última crônica antes da estreia do Brasil na Copa de 1958.

ANEXO E

É CHATO SER BRASILEIRO!

Dizem que o Brasil tem analfabetos demais. E, no entanto, vejam vocês: — a vitória final, na Copa da Suécia, operou o milagre. Se analfabetos existiam, sumiram-se na vertigem do triunfo. A partir do momento em que o rei Gustavo da Suécia veio apertar as mãos dos Pelés, dos Didis, todo mundo aqui sofreu uma alfabetização súbita. Sujeitos que não sabiam se gato se escreve com “x” iam ler a vitória no jornal. Sucedeu essa coisa sublime: — analfabetos natos e hereditários devoravam vespertinos, matutinos, revistas e liam tudo com uma ativa, uma devoradora curiosidade, que ia do “lance a lance” da partida até os anúncios de missa. Amigos, nunca se leu e, digo mais, nunca se releu tanto no Brasil.

E a quem devemos tanto? Ao escrete, amigos, ao escrete que, hoje, é o meu personagem da semana, meu múltiplo personagem. Personagem meu, do Brasil e do mundo. Graças aos 22 jogadores, que formaram a maior equipe de futebol da Terra em todos os tempos, graças a esses jogadores, dizia eu, o Brasil descobriu-se a si mesmo. Os simples, os bobos, os tapados não de querer sufocar a vitória nos seus limites estritamente esportivos. Ilusão! Os 5 x 2, lá fora, contra tudo e contra todos, são um maravilhoso triunfo vital de todos nós e de cada um de nós. Do presidente da República ao apanhador de papel, do ministro do Supremo ao pé-rapado, todos aqui percebemos o seguinte: — é chato ser brasileiro!

Já ninguém tem mais vergonha de sua condição nacional. E as moças na rua, as datilógrafas, as comerciárias, as colegiais, andam pelas calçadas com um charme de Joana d'Arc. O povo já não se julga mais um vira-latas. Sim, amigos: — o brasileiro tem de si mesmo uma nova imagem. Ele já se vê na generosa totalidade de suas imensas virtudes pessoais e humanas.

Vejam como tudo mudou. A vitória passará a influir em todas as nossas relações com o mundo. Eu pergunto: — que éramos nós? Uns humildes. O brasileiro fazia-me lembrar aquele personagem de Dickens que vivia batendo no peito: — “Eu sou humilde! Eu sou o sujeito mais humilde do mundo!”. Vivia desfraldando essa humildade e a esfregando na cara de todo mundo. E, se alguém punha em dúvida a sua humildade, eis o Fulano esbravejante e querendo partir caras. Assim era o brasileiro. Servil com a namorada, com a mulher, com os credores. Mal comparando, um são Francisco de Assis, de camisola e alpercatas.

Mas vem a deslumbrante vitória do escrete e o brasileiro já trata a namorada, a mulher, os credores de outra maneira; reage diante do mundo com um potente, um irresistível élan vital. E vou mais além: — diziam de nós que éramos a flor de três raças tristes. A partir do título mundial, começamos a achar que a nossa tristeza é uma piada fracassada. Afirmava-se também que éramos feios. Mentira! Ou, pelo menos, o triunfo embelezou-nos. Na pior das hipóteses, somos uns ex-buchos.

E a quem devemos tanto? Ao meu personagem da semana. Ninguém aqui admitia que fôssemos os “maiores” em futebol. Rilhando os dentes de humildade, o brasileiro já não se considerava o melhor nem de cuspe à distância. E o escrete vem e dá um banho de bola, um show de futebol, um baile imortal na Suécia. Como se isso não bastasse, ainda se permite o luxo de vencer de goleada a última peleja. Foi uma lavagem total. Outra característica da jornada: — o brasileiro sempre se achou um cafajeste irremediável e invejava o inglês. Hoje, com a nossa impecabilíssima linha disciplinar no Mundial, verificamos o seguinte: — o verdadeiro inglês, o único inglês, é o brasileiro.

[Manchete Esportiva, 12/7/1958]